

JERUSA DE OLIVEIRA MICHEL

Jornal O Pescador – Instrumento de Representação Social, Construção da Memória  
e da Identidade Social dos Pescadores da Colônia Z3

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências (área do conhecimento Memória Social e Patrimônio Cultural).

Orientador: Prof. Dr. Claudio Baptista Carle.

Pelotas, 2013

Dados Internacionais de Publicação (CIP)

M623j Michel, Jerusa de Oliveira  
Jornal O Pescador : instrumento de representação social, construção da memória e da identidade social dos pescadores da Colônia Z3 / Jerusa de Oliveira Michel; Claudio Baptista Carle, orientador. – Pelotas, 2013.  
128 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013.

1.Memória social. 2.Jornalismo comunitário.  
3.Identidade. 4.O Pescador. 5.Representação social. I. Carle, Claudio Baptista , orient. II. Título.

CDD: 306.4

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle (orientador)

Prof. Dr. Fábio Souza da Cruz (UCPel)

Profa. Dra. Carla Rodrigues Gastaud (UFPel)

A Margareth de Oliveira Michel. Mãe, amiga e mestra!

## **Agradecimentos**

A Deus, pelo dom da vida e por me conhecer e compreender em cada pedaço desse caminho.

À minha família, pois, sem eles, eu jamais teria conseguido concluir esse trabalho.

Ao meu orientador Cláudio Baptista Carle, pela orientação, pelas palavras de incentivo e pela confiança.

A minha banca de qualificação que trouxe importantes contribuições a este trabalho.

Aos professores do PPGMP, com os quais foi gratificante estar e refletir e, em especial, a Profa. Dra. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira e Profa. Dra. Carla Rodrigues Gastaud, pois mais do que professoras, foram exemplos para mim.

A Comunidade da Colônia de Pescadores Z3 por oportunizar este estudo.

A equipe do Jornal Comunitário “O Pescador” e em especial ao coordenador do projeto Prof. Jairo Sanguiné Junior.

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente nesta pesquisa.

*Se as coisas são inatingíveis... ora!  
Não é motivo para não querê-las...  
Que tristes os caminhos, se não fora  
A presença distante das estrelas!*

*(MÁRIO QUINTANA)*

## Resumo

Essa dissertação possui relevância social, por tratar da relação do jornalismo comunitário com a produção e reprodução de identidades, representações sociais e memória dos moradores da Colônia de Pescadores da Z3. O jornalismo é um campo que pressupõe ação social - especialmente o comunitário e tem figurado em muitos trabalhos como suporte da expressão da memória de grupos, como um lugar de informação sobre o que as comunidades pensam, embora não se constitua como propagador intencional de uma memória. São a linguagem e os gêneros jornalísticos que não só representam o grupo social e sua identidade – mas contemplam sua história e sua construção de mundo, retomando em sua fala/conteúdo, acontecimentos considerados “memoráveis”, que ao contextualizar as temáticas, permitem que ocorra o movimento de constituição de memória, por mobilizar conteúdos de reconhecimento e representação coletivos. A pesquisa desenvolvida é interdisciplinar e permeia os saberes diversos ao relacionar jornalismo comunitário e a memória social. A metodologia está apoiada em pesquisa exploratória e observacional, qualitativa, cujas técnicas foram a etnografia e a análise de conteúdo. Estruturada em três capítulos, o primeiro situa o campo empírico e permite conhecer o objeto de estudo e sua relação com a Colônia de Pescadores Z3 e tem o suporte de autores como Niederle e Grisa (2012), Silveira (2012), Figueira (2009), Claval (2001), e depoimentos. O segundo, trabalha os conceitos de Representação Social, Identidade Social, Memória, e do jornalismo Comunitário, suas áreas de domínio e de interação, ancorando-se em Moscovici (1978), Guareschi e Jovchelovitch (1997), Duveen, 2004, Jodelet (2001), Pollak (1992), Halbwachs (1990), Castells (2000), Lopes (2007), Marques de Melo (2003), Medina (1978), Piza (2003), Kossoy (2005), Berger (2005), Castilho (2011), Guareschi (2004), Peruzzo (2002), Chauí (2003), Benjamim (1993), e outros. Por fim, o terceiro constitui a análise da identidade, representação social e memória coletiva no jornal e fatos expressos em suas páginas por meio tanto dos gêneros textuais utilizados no jornalismo, quanto por meio das ilustrações e imagens escolhidas para documentá-los.

### **Palavras-chave:**

Memória social. Identidade. Representação Social. Jornalismo Comunitário. O Pescador.

## Abstract

This dissertation has social relevance, for dealing with the relationship of Community Journalism with the production and reproduction of social representations, identities and memory of the residents of the Fishermen Colony Z3. Journalism is a field that requires social action, especially the comunitario and has figured in many works as support expression of a memory groups a place of information on what the communities think. Although it is not an international spreader of a memory. The language and journalistic genres, not only represent the social group and its identity-but contemplate its history and its world construction, taking in his speech content, events considered "memorable", that to contextualize the theme, allow the movement of memory construction by mobilizing contents and collective representation. The developed research is interdisciplinary and permeates various knowledge to relate community Journalism and social memory. The Methodology is supported by observation, qualitative and exploratory research, whose techniques were the Ethnography and content analysis. Structured in three chapters, the first is the empirical field and let you know the object of study and its relationship with the Colony of Fishermen Z3, and has the support of authors like Nierdele and Grisa (2012), Silveira (2012), Claval (2001), and testimonials. The second works the concepts of Social Representation, Social Identity, Memory and the Community Journalism, their domain and interaction areas, grounding yourself in Moscovici (1978), Guareschi e Jovchelovitch (1997), Duveen, 2004, Jodelet (2001), Pollak (1992), Halbwachs (1990), Castells (2000), Lopes (2007), Marques de Melo (2003), Medina (1978), Piza (2003), Kossoy (2005), Berger (2005), Castilho (2011), Guareschi (2004), Peruzzo (2002), Chauí (2003), Benjamim (1993), and others. Finally, the third is the analysis of identity, social representation and collective memory in the newspaper and facts expressed in its pages through both of the genres used in journalism, as through illustrations images chosen to document them.

### **Keywords :**

Social memory. Identity. Social Representation. Community Journalism .The Fisherman.

## Lista de Figuras

Figura 1 – Colônia de Pescadores Z3.....	17
Figura 2 - Mapa da Zona Rural / Colonial de Pelotas.....	25
Figura 3 – Mapa da Colônia de Pescadores Z3 .....	25
Figura 4 – Matéria publicada na segunda edição do jornal “O Pescador” .....	27
Figura 5 - Matéria publicada na segunda edição do jornal “O Pescador”.....	28
Figura 6 - Capa da primeira edição do jornal “O Pescador” .....	30
Figura 7 – Página 02 da primeira edição do jornal “O Pescador” .....	32
Figura 8 - Editorial da Primeira edição do jornal "O Pescador". .....	32
Figura 9 – Texto publicação na Edição comemorativa de quatro anos do jornal “O Pescador” .....	33
Figura 10 - Matéria publicada no jornal "O Pescador" na edição de setembro de 2007. ....	36
Figura 11 - Exemplo de notícia publicada no jornal “O Pescador” .....	52
Figura 12 – Exemplo de reportagem publicada no jornal “O Pescador” .....	53
Figura 13 - Exemplo de reportagem publicada no jornal “O Pescador” .....	54
Figura 14 - Exemplo de entrevista publicada no jornal “O Pescador” .....	55
Figura 15 – Exemplo de editorial publicado no jornal “O Pescador” .....	57
Figura 16 – Exemplo de Carta do Leitor publicada no jornal “O Pescador” .....	58
Figura 17 – Exemplo de Coluna publicada no jornal “O Pescador” .....	59
Figura 18 – Capa da edição número 02, de julho de 2000.....	69
Figura 19 – Capa da Edição número 07, de agosto de 2001. ....	70
Figura 20 - Capa da edição número 26, de novembro de 2003. ....	71
Figura 21 - Capa da edição número 05, de outubro de 2001.....	75
Figura 22 - Capa da edição número 12, de agosto de 2002. ....	76
Figura 23 - Capa da edição número 32, de setembro de 2006. ....	77

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1 – Edições disponíveis e o número de exemplares do “O Pescador” .....	40
Tabela 2 - Material relativo à Identidade no "O Pescador" .....	84
Tabela 3 - Material relativo à Representação Social no "O Pescador" .....	90
Tabela 4 - Material relativo à Memória no "O Pescador" .....	101
Tabela 5 - Tabela de análise por gênero de textos jornalísticos no "O Pescador" ..	109

## Sumário

Introdução .....	12
1 O caminho percorrido: o jornalismo, uma comunidade e um Jornal - “O Pescador” da Colônia Z3 .....	17
1.1 O caminho da cultura e da história através do jornalismo .....	18
1.2 Situando o Campo Empírico: A Colônia Z3 .....	24
1.3 O Jornal como expressão de cidadania dos moradores da Colônia Z3 - Projeto O Pescador como jornalismo comunitário.....	30
1.4 O Jornal “O Pescador”, os diferentes recortes da história da Colônia Z3 e a produção de memória a partir dos relatos jornalísticos .....	40
2 Jornalismo comunitário como “revelador” da Representação Social e Constituição da Memória e da Identidade Social .....	44
2.1. Entendendo Representação Social, Identidade Social e Constituição da Memória .....	45
2.2 O jornalismo como atividade e seus gêneros ou categorias .....	51
2.3 Jornalismo e seus gêneros como atividade e prática social.....	64
2.4 Temas que atingem a comunidade: jornalismo comunitário.....	72
3 A constituição da Identidade, representação social e Memória Coletiva nas páginas do “Pescador” .....	80
3.1 Para entender as explicações cognitivas da realidade vivida.....	80
3.1.1 Forma de Análise .....	82
3.1.1.2 Descrição da análise .....	82
3.2. Categorias da Análise .....	83
3.2.1 A Identidade .....	83
3.2.2 A Representação social.....	89
3.2.3 A Memória .....	99
Considerações Finais.....	114

Referências .....119

Anexos .....126

## Introdução

O universo da memória social apresenta diversos caminhos na sua concretização e por vezes, muitos destes não são trilhados como propagadores, mas como resultados da propagação da memória. O Jornal, especialmente o comunitário, tem figurado em muitos trabalhos como suporte da expressão da memória de grupos, como um lugar de informação sobre o que as comunidades pensam, mas o que percebemos é que ele não se constitui como propagador intencional de uma memória. O jornal é produzido pelo jornalismo e esse campo é que pressupõe sua ação social, tratar do jornalismo é tratar de sua ação no espaço da memória social.

Entender esta situação permite compreender o jornalismo e sua prática, as suas relações com os leitores e com o público, as identidades e representações sociais, bem como sua relação com os estudos sobre memória individual, coletiva e social. O jornalismo em geral representa o grupo ao qual está vinculado, quando envolto pelo universo do capital o seu produto informativo preconiza seus idealizadores, mas é possível verificar que se envolto por outras parcelas da população seu produto será distinto do anterior e voltado a essas, o que o torna uma atividade multifacetada.

E é o entendimento do processo relacional desses campos e o envolvimento com os mesmos que motiva este trabalho, pois eles se imbricam com a trajetória percorrida pela autora em sua vida acadêmica e profissional. O interesse por este campo de estudos surgiu no período da graduação em Jornalismo, na Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas, ao participar pelo período de quatro anos (2003-2006) de um Projeto de Extensão em jornalismo comunitário, criado pelo professor Jairo Sanguiné na disciplina de Redação em Jornalismo. A proposta trata da produção de dois jornais comunitários impressos, de periodicidade regular e distribuído gratuitamente, um deles direcionado à comunidade da Colônia de Pescadores Z3 (objeto desse estudo), e o outro, direcionado à Comunidade da Vila Princesa, próxima ao Retiro na zona norte de Pelotas. O projeto, que tem como um de seus objetivos proporcionar aos alunos e comunidades, formas de ação jornalística participativa e diferenciada, atendeu em primeiro lugar a Z3, por ser uma

comunidade extremamente carente, com vida própria, cultura peculiar e afastada do centro urbano. Por se tratar de uma prática de extensão vinculada a uma disciplina, o custo da produção dos jornais é de responsabilidade da própria universidade. O projeto iniciou no ano de 2000 e continua existindo até o presente momento, sendo que meu ingresso como voluntária aconteceu de 2003 a 2006, período que será analisado nessa dissertação.

A partir do envolvimento com o jornal comunitário, surgiu o questionamento: se o jornalismo comunitário não ocupa os *lugares de memória*<sup>1</sup>, pode ocupar, pelo menos, espaços privilegiados no arquivamento e produção da memória contemporânea? O encaminhamento desta temática nos leva à hipótese de que “o jornal comunitário ‘O Pescador’” constitui-se num discurso verbal (expressado pelas vozes dos textos) e visual (fotografias e imagens ilustrativas das matérias), que combinados aumentam o poder de penetração na memória social constituidora de identidades e representações sociais, por intermédio da seleção e da edição do material publicado, auxiliando na fixação de sentidos e na construção de modos de recordação no contexto sócio-cultural de onde se originam. Uma construção coletiva desenvolvida no contexto canalizador do universo da Colônia Z3, apoiando a memorização de esquemas, amalgamados no texto difundido, revisitado e recopilado, das edições que sucessivamente são produzidas, permitindo ao leitor/ator compor e compreender seus conhecimentos, suas condutas, suas atitudes e suas práticas, produzindo e armazenando memórias.

A partir dessa hipótese, o objetivo principal do trabalho de pesquisa é mostrar como o conteúdo do jornal “O Pescador” pode constituir parte das Representações Sociais, Identidades e Memória da comunidade da Colônia Z3, pelo relato escrito, entendidas como vozes dos sujeitos que as reportagens e entrevistas, e as imagens escolhidas para ilustrá-las, contém. Decorrentes do objetivo principal, delinear-se-iam alguns objetivos específicos. O primeiro analisa as práticas do jornalismo e do jornalismo comunitário e verifica como se articulam com as identidades sociais e coletivas, nas comunidades em que interagem. A partir deste, torna-se necessário identificar como o jornal comunitário (artigos, reportagens,

---

<sup>1</sup> Dadas as interpretações mais restritas do conceito do autor Pierre Nora, que nos diz que os *Lugares de Memória*, são lugares em todos os sentidos do termo e vão do objeto material e concreto ao abstrato, simbólico e funcional, existindo simultaneamente em graus diversos. Nora afirma ainda que esses aspectos devem coexistir sempre.

fotografias, comunicação textual) reconta, reformula, valoriza relatos, histórias de vida e trabalho dos moradores da Colônia Z3. E, por fim, busca-se demonstrar como “O Pescador” articula as representações sociais, identidades e memória na comunidade da Colônia Z3.

Assim, o tema desta dissertação possui relevância social, visto que trata da relação do jornalismo comunitário com a produção e reprodução de identidades, representações sociais e memória dos moradores da Colônia de Pescadores da Z3, fazendo com que se ampliem questões relativas ao conteúdo do jornal e à mediação feita pelos receptores. A metodologia que dá sustentação ao trabalho é híbrida, devida sua complexidade, e está ancorada em pesquisa exploratória e observacional, de caráter qualitativo, cujas técnicas escolhidas foram a etnografia e a análise de conteúdo, contendo categorias eleitas das mais significantes, para expressar padrões de memória e valorização do lugar: *Representação Social, Identidade Social e Memória*.

Ao falar de jornalismo comunitário e participativo é preciso refletir sobre o contexto da comunicação e de seus meios. Os meios de comunicação, especialmente os de massa, são considerados importantes componentes na constituição e manutenção de Representações Sociais, as quais consistem num subsídio e numa contribuição para compreensão da realidade, uma vez que permitem conhecer a subjetividade, a atividade e a Identidade Social de sujeitos num contexto geográfico, social e histórico, constituindo-se ainda num fator relevante para a construção da Memória da Coletividade. Os coletivos que representam, imbricam possibilidades de afirmações, às quais estão vinculadas as questões de identidade e de bens considerados de valor para estes grupos, bens estes que podem ser entendidos, fora do universo legal, como patrimônio daquela comunidade.

O jornal “O Pescador”, tomado como campo de estudo, pode ser considerado como lugar de representação social da identidade individual e coletiva da sociedade na qual está inserido – a Colônia de Pescadores Z3, por constituir-se num espaço discursivo que contém as vozes dos sujeitos, e num instrumento de construção e manutenção da memória, através da valorização do discurso na cultura local. Entender o jornalismo como expressão significativa do cotidiano e que os jornais ocupam um lugar privilegiado como formadores e armazenadores da

memória social é importante para compreender a concepção do jornalismo comunitário na colônia de pescadores como instrumento de aquisição, conservação e evocação da memória de uma determinada comunidade.

O capítulo I situa o campo empírico e permite conhecer o objeto de estudo e sua relação com a Colônia de Pescadores Z3, ou seja, como ao relatar os fatos, o jornalismo se torna a um tempo um meio de expressão, de cidadania e de registro histórico. Ao constituir-se em registro histórico, as páginas do jornal “O Pescador” constituem-se também na expressão da identidade e da representação social da comunidade, mostrando sua cultura e por fim, tornando-se um lugar de memória coletiva. O capítulo tem o suporte de autores como Niederle e Grisa (2012), Silveira (2012), Figueira (2009), Claval (2001), Guareschi (2004), Martín-Barbero (1997), Travancas e Faria (2003), Callado e Estrada (1985), Woodward (2000), Fernandes e Leal (2008), e depoimentos do Coordenador do projeto de Extensão do Jornal Comunitário “O Pescador” – Jairo Sanguiné, e de Leonardo Priebe de Oliveira integrante do projeto em 2003/2005, e de Ana Viegas, bolsista do projeto em 2011/2012, entre outros.

O capítulo II trabalha os conceitos de Representação Social, Identidade Social e Memória, bem como do jornalismo comunitário e mostra as áreas de domínio e de interação. Inicia, situando o leitor na realidade da Colônia z3 e sua realidade, para em seguida traçar as relações entre passado e memória, imbricados com a representação social, constituição de memória e da Identidade Social. Traz para a cena o Jornalismo como prática social e como atividade, explicitando os gêneros jornalísticos, conteúdo essencial para posterior desenvolvimento da análise. Ancoram o conteúdo trabalhado no capítulo, autores como Moscovici (1978), Guareschi e Jovchelovitch (1997), Duveen, 2004, Jodelet (2001), Pollak (1992), Halbwachs (1990), Castells (2000), Lopes (2007), Marques de Melo (2003), Medina (1978), Piza (2003), Kossoy (2005), Berger (2005), Castilho (2011), Guareschi (2004), Peruzzo (2002), Chauí (2003), Benjamim (1993), entre outros.

Por fim, o capítulo III analisa a constituição da identidade, representação social e memória coletiva no jornal e fatos expressos em suas páginas por meio tanto dos gêneros textuais utilizados no jornalismo, quanto por meio das ilustrações e imagens escolhidas para documentar os acontecimentos, que carregam informações sobre fatos, situações, lugares, a mentalidade de uma época, as

atividades da comunidade, que por meio de narrativas visuais enriquecem as narrativas verbais. Dão sustentação ao aporte metodológico do trabalho, autores como Spink (1995, 1999), Gil (2002), Collis e Hussey (2005), Bervian, Cervo e Silva (2006), Oliveira (1998), e Bardin (2000).

## 1 O caminho percorrido: o jornalismo, uma comunidade e um Jornal - “O Pescador” da Colônia Z3

O texto que segue evidencia a estrutura de uma comunidade de pescadores que tem a oportunidade de envolver-se em seus processos de memória através de um veículo de comunicação comunitária. A comunidade é conhecida como Colônia Z3.



Figura 1 – Colônia de Pescadores Z3

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/solanoferreira/5030110755/lightbox/>

O veículo de comunicação comunitária é um jornal, resultado de um projeto de extensão da Universidade Católica de Pelotas/RS, que ao longo do tempo foi sendo incorporado pela comunidade local, registrando histórias, experiências e vivências. Entender esta relação pressupõe o aporte teórico que contextualize o jornalismo, como prática e espaço discursivo, no qual cultura e história vão sendo registradas, tornando o espaço individual e coletivo dos sujeitos e grupos em espaços, territórios humanizados que traduzem formas de viver, e, que ao materializar o discurso pela escrita, permite criar uma memória que pode ser apropriada pelo grupo social.

## 1.1 O caminho da cultura e da história através do jornalismo

O jornal, como meio de comunicação massivo, configura-se como espaço discursivo, pois materializa o discurso midiático a partir de condições lingüísticas e sociais próprias, em que sua significação é produzida construindo ou reconstruindo a informação que transmite de acordo com essas condições, e pela forma como os elementos se apresentam no contexto sócio-cultural de onde se originam. Um jornal comunitário pode auxiliar a população, ajudando na socialização do indivíduo, por ser diferente da grande imprensa (Marcondes Filho, 1987 e Guareschi, 2004), pois humaniza o sujeito como um indivíduo importante e torna significativos os grupos, podendo constituir-se num espaço de realização individual e coletivo. O humanizar pode ser entendido como o integrar-se culturalmente em um determinado território, um território com uma forma de viver.

Essa posição sobre o jornalismo comunitário como humanizador do sujeito e como espaço de realização do próprio sujeito e do grupo, encontra eco no pensamento de Claval (1999, 2001), quando o autor coloca que aquilo que é escrito, cria um novo tipo de memória, objetiva, material e que ao conservar discursos, essa memória tem uma propriedade fundamental que é ser cumulativa, permitindo que os saberes se desenvolvam mais ricos, mais diferenciados, eruditos. Os meios de comunicação modernos apresentam novas capacidades para que a vida seja memorizada, deixando de se limitar a uma única esfera no momento em que se relaciona com a vida cotidiana das pessoas e dos grupos sociais. Cabe aqui lembrar a questão da hegemonia dos meios de comunicação de massa de forma geral (por seu impacto social), que segundo a abordagem de Gramsci<sup>2</sup> ocorre através de um processo que acontece de forma sutil, sem caráter explícito, em que a sociedade adota as concepções que são propostas pela mídia, incorporando-as ao seu repertório ideológico, ligado ao 'senso comum'.

A partir desta perspectiva, é possível afirmar que é a combinação da comunicação e de suas técnicas, mescladas com a cultura dos indivíduos e dos grupos sociais, que dá um sentido à vida individual ou coletiva, em função dos

---

<sup>2</sup> Para Gramsci, o processo hegemônico é fruto de uma dominação social, não por imposição de sujeitos, e sim pela conquista adquirida por determinada classe, é um 'processo vivido', feito não só de força, mas também de sentido, de apropriação do sentido, de sedução e de cumplicidade. (apud MARTÍN-BARBERO, 1997)

valores e das normas que ela propõe. E, como a cultura é feita de narrativas, de discursos e de imagens, ao ser concebida como aquilo que dá uma dimensão simbólica à vida dos grupos, por meio da antropologia cultural, pode-se entender e enfatizar o papel que os discursos e as imagens geradas pela comunicação têm nesse meio, e como a realidade acontece em dois níveis: naquele em que um fato/acontecimento é transmitido de um indivíduo a outro, e no conteúdo que parece comum a um grupo na consciência de seus membros.

Martin-Barbero em sua obra ‘Dos Meios às Mediações’ traz uma contribuição com relação à leitura da comunicação e dos meios de comunicação de massa, colocando que na perspectiva da cultura, das diferentes culturas, da própria vida social e cultural dos homens é que se pode compreender e explicar o que acontece no mundo, que atualmente é tão complexo, mestiço, em que os recursos de comunicação estão contaminados entre si. Segundo ele, a comunicação se tornou uma questão de mediações (mais do que de meios), portanto, de cultura, não só de conhecimentos, mas de re-conhecimento, processo no qual é preciso rever a comunicação a partir de outro lado: o da recepção, das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir da sua utilização, do reconhecimento da história (MARTÍN-BARBERO, 1997)<sup>3</sup>. Ao definir cultura, é sobretudo importante compreender sua natureza comunicativa, “seu caráter de processo que produz significações, e não simplesmente como circulação de informações, no qual o receptor, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 228).

O pensamento de Martín-Barbero, ao resgatar o receptor como sujeito do processo comunicacional (e não mero objeto que sofre as ações da mídia) e em sua concepção de mediações, leva ao campo da hermenêutica, principalmente nas questões formuladas por Ricoeur (de quem Barbero foi aluno), quando esse confronta os conceitos de explicação e interpretação para chegar à idéia de compreensão. No que se refere à comunicação, mais do que a atitude explicativa ou descritiva dos fenômenos midiáticos, é necessário enxergar a dimensão

---

<sup>3</sup> Barbero aqui se refere à “reapropriação histórica do tempo da modernidade latinoamericana e seu descompasso encontrando uma brecha no embuste lógico com que a homogeneização capitalista parece esgotar a realidade do atual” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 16).

interpretativa, que se dá no contexto das leituras marcadas por um diversificado leque de mediações.

Na concepção de Martín-Barbero, as “mediações” são parte integrante do processo comunicacional, como contexto em que os fenômenos midiáticos são vivenciados pelas pessoas e grupos que produzem e reproduzem sentidos, e nesse caso, não se configuram como antítese da mídia, mas como contexto no qual os “textos” midiáticos ganham sentido. Desta forma, as mensagens veiculadas na mídia se transformam quando os receptores se apropriam delas, ganham sentidos diversificados em função das diferentes mediações com que os receptores as vivenciam, desdobrando-se em novas práticas – ações. Quando isto acontece, é possível desmistificar o poder onipresente da mídia e investir nas possibilidades de ação – e não apenas reação – dos receptores, e na construção de um saber coletivo. É a partir destas abordagens que é possível pensar o jornalismo comunitário numa perspectiva diferenciada daquela da comunicação de massa, em que esse possa estar relacionado tanto à identidade dos indivíduos, à sua representação social quanto à memória, pelo tipo de informações veiculadas e pela forma como são produzidas, a partir de uma interação e vivência entre comunidade e jornalistas.

Nesse contexto da comunicação, importantes questões se colocam, buscando compreender aquilo que a sociedade produz e reproduz, pois sua mensagem se constitui na expressão de um contexto social, uma vez que a comunicação (em especial a comunicação de massa) repousa em significações compartilhadas pelos indivíduos do grupo social, caracterizando-se, por isso, como fenômeno sociocultural. "Porque, cada vez mais, os meios de comunicação são o espaço em que se definem identidades, se marcam diferenças, se negociam alianças. Em outras palavras, onde se definem e redefinem as fronteiras internas da cultura contemporânea" (STROZENBERG apud TRAVANCAS e FARIA, 2003, p. 24).

A comunicação registra e guarda fatos que marcam a memória coletiva dos grupos em todas as épocas, principalmente a partir da cobertura jornalística e da vivência direta com os acontecimentos por parte de diferentes grupos sociais, registrados pela mídia e pelos grupos envolvidos na construção da memória coletiva local.

Na medida em que a ação humana não é fundamentada diretamente sobre o instinto, mas sobre o instinto contextualizado, normatizado e canalizado pela cultura, ela supõe memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos. As formas que revestem a memória são múltiplas. (CLAVAL, 2001, p. 83)

A idéia de uma ação humana é de não ser ela instintiva, mas uma construção coletiva, intrincada em um contexto, no qual a cultura normatiza e canaliza esta ação, que necessita memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos. Essa construção é produzida e re-produzida em um texto difundido e, por vezes, armazenado (guardado). É o caso da produção jornalística voltada para isso, que pode ser revisitada e recopilada, nas edições que sucessivamente são produzidas, permitindo ao leitor/ator compor e compreender suas condutas, atitudes, práticas e conhecimentos. É nesse universo também que se produz memória.

Inicialmente, ao vivenciar e compartilhar a cultura, é posta em prática a memória verbal, por meio do relato. Em seguida, a memória visual desenvolve-se através do olhar, podendo apoiar-se em procedimentos verbais, e posteriormente é objetiva em função da escrita.

Os objetos não são simplesmente suportes da memória funcional. Eles tomam frequentemente uma forma simbólica [...] A cultura de um grupo não se confunde mais com a soma de conhecimentos e práticas que as pessoas têm presentes hoje na sua memória – um conjunto relativamente frágil e limitado. Ela comporta também todo saber latente depositado nos livros (moles, 1967) e que é ou pode ser reanimado a qualquer momento. [...] Ao contato de civilizações dotadas de escrita, as sociedades orais modificam-se: seus membros aprendem a se apoiar em documentos elaborados e conservados pelos outros para assentar sua influência e ter acesso ao poder (AMSELLE, 1990, Apud CLAVAL, 2001, p. 84-85)

Verifica-se, então, que as matérias e artigos veiculados em um jornal comunitário trazem, geralmente, comentários sobre temas que atingem ou fazem parte da vida da comunidade, oportunizando sua compreensão pela redação que costuma usar, linguagem mais informal e coloquial, principalmente, quando o público leitor tem baixo nível de instrução formal, contribuindo para a formação de sua memória objetiva. Isto fortalece também a inclusão e participação da coletividade a que se dirige. Ocorre a proximidade entre jornalistas e leitores dentro da comunidade, a identificação dos interesses, opiniões e posicionamentos, que em

função disto, se dá de uma forma muito mais clara. Percebe-se aqui um processo de mediação entre os moradores-leitores, os jornalistas, e as mensagens veiculadas no jornal comunitário, que são processadas e reprocessadas pela comunidade local, de certa forma perpetuando práticas e conhecimentos dos grupos sociais ao mesmo tempo em que os atualizam.

Dentro do jornalismo comunitário estão incluídas a cobertura de eventos (festas, comemorações, nascimentos, falecimentos), das práticas profissionais, da política local, das instituições que geram produtos e fatos (associações de moradores, sindicatos...), as políticas públicas para a área e o dia a dia da comunidade.

É ao jornalismo comunitário que cabe a identificação das "necessidades" da comunidade, assim como sua exposição através de pautas que informem os moradores sobre as causas e possíveis soluções para esses problemas. Ao construir o discurso jornalístico, este se torna um elemento fundamental na mediação do discurso destes sujeitos e dos demais discursos sociais, pois articula as muitas vozes que se tornam públicas no espaço midiático, organizando-as na referência dos fatos, no processo de constituição textual e imagético, que se tornará material simbólico ao ser captado pela memória social. Este material constitui-se num discurso verbal (expressado pelas vozes dos textos) e visual (fotografias e imagens ilustrativas das matérias), que combinados aumentam o poder de penetração na memória social pelo reforço de identidades e representações sociais, por intermédio da seleção e da edição do material publicado, auxiliando na fixação de sentidos e na constituição de modos de recordação. Torna-se importante mostrar a construção das Representações Sociais, Identidades e Memória de grupos determinados, através do relato escrito, das vozes dos sujeitos contidas nas reportagens e entrevistas e das imagens escolhidas para ilustrá-las. É possível afirmar que o jornalismo não só povoa o imaginário social, mas constrói identidades sociais através de seus diferentes discursos (cujo caráter é multiplicador), que motivam inúmeros estudos e reflexões acerca dos fenômenos sociais e seu impacto na sociedade, e nas inúmeras mediações que ocorrem.

O jornalismo comunitário, que é voltado para os interesses de uma determinada comunidade, acaba por tornar-se um espaço em que seu cotidiano é expresso porque "É ele que vai estabelecer a verdadeira comunicação entre os

membros da comunidade, o debate de seus problemas e a participação de todos nas soluções a serem dadas” (CALLADO; ESTRADA, 1985, p.08). Assim, o texto jornalístico, com este objetivo, deve propor formas de compreender e reportar a realidade da comunidade, com interpretações e enfoques do cotidiano, permitindo à comunidade o auto-conhecimento.

Peruzzo (2004), não só concorda com este posicionamento, como coloca que a comunicação popular (comunitária ou alternativa) é uma comunicação voltada para as necessidades dos movimentos sociais e das comunidades, envolvendo consciência coletiva, organização e ação dentro de cada dinâmica, referindo-se ao particular de cada lugar. Assim, o jornalismo comunitário pode contribuir com o desenvolvimento de relações de pertença, de relações sociais onde existe proximidade, a qual deve estar presente no veículo comunitário.

[...] a proximidade entre as pessoas é a principal característica do meio comunitário. As pessoas se conhecem e se reconhecem (como dizia Paulo Freire) nos seus problemas, angústias, alegrias e ritos cotidianos. Essa reconhecibilidade também exige uma linguagem referenciada aos costumes do grupo social. É uma linguagem coloquial, de fácil entendimento, reconhecível em suas gírias e modismos (CELSO apud BICUDO; SEQUEIRA, 2007, p.08-09).

Entende-se, portanto, que o jornalismo comunitário mobiliza conteúdos de reconhecimento e representação coletivos, cujos textos constroem e reconstróem identidades coletivas, mobilizando as ações em torno de objetivos comuns: ao mesmo tempo em que posicionam o indivíduo em um lugar dentro do grupo criam laços de reconhecimento e de representação deste grupo para a sociedade. “É por meio dos significados produzidos por estas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (WOODWARD, 2000, p.17),

Conforme os autores é preciso reconhecer a comunicação como a grande responsável por registrar a história (mesmo que parcial) dos grupos, (re)criar identidades e representações sociais, dando sentido à vida em comunidade já que “na conjunção de trocas simbólicas as identidades culturais se diferenciam, se fortalecem e se localizam como discursos regionais. A comunicação seria a responsável por sociabilizar essas identidades e promover o sentimento de pertencimento” (FERNANDES; LEAL, 2008, p.08).

Desta forma as reportagens, notícias, entrevistas e outros gêneros de textos jornalísticos devem contemplar questões como a autoria do texto, o assunto e o protagonismo das matérias, em que não só representem aquele grupo social e sua identidade – mas contemplem sua história, sua construção de mundo e da história recente, retomando em sua fala/conteúdo, acontecimentos considerados “memoráveis”. Ao contextualizar as temáticas ocorre o movimento de constituição de memória. “O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode, sem dúvida, ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas” (POLLAK, 1989).

Para entender como se dá o caminho da cultura e da história através do jornalismo comunitário bem como a contextualização das temáticas que podem constituir memória, torna-se importante conhecer o contexto em que essas relações ocorrem.

## **1.2 Situando o Campo Empírico: A Colônia Z3**

A apresentação do texto que segue é fruto do cruzamento de dados publicados em textos oficiais e acadêmicos com as informações divulgadas pelo veículo de comunicação tema desta dissertação. Este cruzamento mostrou o valor de memória que este jornal demonstra frente às produções científicas e institucionais que se debruçaram sobre a localidade em debate. Constituída por pescadores profissionais e artesanais, a Colônia de Pescadores Z3 fica localizada no município de Pelotas, Rio Grande do Sul, às margens da Lagoa dos Patos e é classificada como zona rural, pertence ao 2º Distrito do município. Sobre a localização da comunidade, Niederle e Grisa (2012) nos dizem que esta posiciona-se

(...) entre os paralelos 31 e 32 graus de latitude sul, na Zona Temperada do Sul. Quanto à longitude situa-se entre os 52 e 53 graus a ocidente de Greenwich. O clima subtropical caracteriza-se por receber, predominantemente, ventos do quadrante leste - que vêm do Atlântico - e forte influência oceânica que proporciona uma atmosfera geralmente úmida. (NIEDERLE E GRISA, 2012, p.06).

A área no litoral da Lagoa dos Patos onde se localiza a Colônia Z3, junto a um arroio, é um porto criado pela natureza. Ao atingir as areias do litoral, os ventos

permanentes do quadrante leste, que vêm do Atlântico e geram esta atmosfera úmida, formaram uma ampla enseada porto, apoiada pela embocadura do arroio, como pode ser observada na figura a seguir.

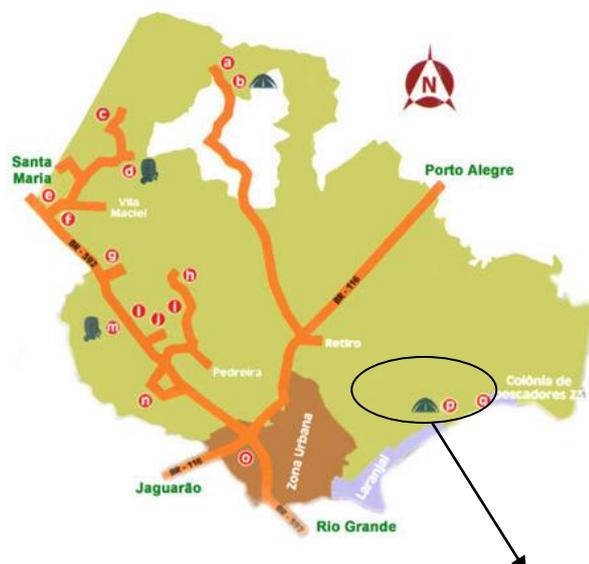


Figura 2 - Mapa da Zona Rural / Colonial de Pelotas

Fonte: [www.ufpel.tche.br/pelotas/colonia.html](http://www.ufpel.tche.br/pelotas/colonia.html)

Acesso em 09/01/2012.

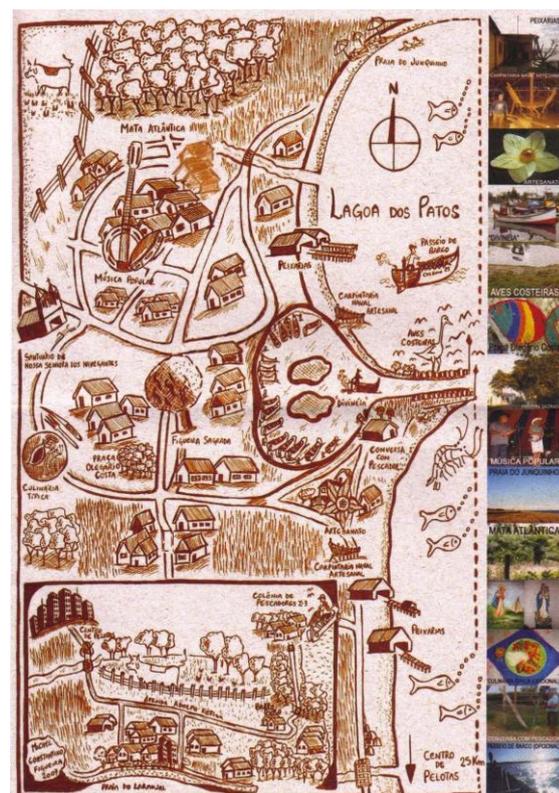


Figura 3 – Mapa da Colônia de Pescadores Z3

Fonte:

<http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br>

Acesso em 09/01/2012.

## Segundo Figueira

A Colônia de São Pedro, ou Arroio Sujo, como também é conhecida a Colônia de Pescadores Z3 foi fundada no início do século 20, mais precisamente na década de 20. Alguns moradores mais antigos afirmam que a família “Costa” (família tradicional local) foi a primeira a se estabelecer na região personificada pelo casal Olegário e Adelaide Costa. O estabelecimento de grupos no espaço se deu em quatro fases. (FIGUEIRA, 2009, p.39)

Sobre o estabelecimento dos grupos em seu espaço, Niederle e Grisa (2012) dividem o processo de desenvolvimento histórico dos sistemas pesqueiros presentes na Colônia Z3, em quatro grandes períodos. Para os autores os marcos que delimitam esses sistemas, se aproximam das principais transformações que alteraram os processos produtivos e socioeconômicos possibilitando, assim, a emergência de novos sistemas. Os quatro grandes períodos apresentados por eles são: Sistema Pesqueiro Indígena, Sistema Pesqueiro Colonial, Sistema Pesqueiro pós-Colonial e Sistema Pesqueiro Atual conforme os autores relatam abaixo.

O primeiro é o que denominamos de Sistema Pesqueiro Indígena que se desenvolveu até mais ou menos 1730 onde, com a distribuição de sesmarias pela Coroa Portuguesa, começaram as migrações de portugueses para o local, o que se acentuou na década de 1870. Esta migração abre uma nova configuração produtiva e transforma o universo social, iniciando o estágio do Sistema Pesqueiro Colonial. A terceira fase – Sistema Pesqueiro Pós-colonial – tem como característica profundas transformações produtivas, principalmente em termos de instrumentos de trabalho. Este sistema é inaugurado a partir de 1930/40 com a desestruturação das parselhas portuguesas e a chegada de imigrantes catarinenses. A transição para o que convencionamos de Sistema Pesqueiro Atual é dada por uma linha muito tênue, dado que para nós este momento se caracteriza pela consolidação dos grandes investimentos no setor, novo arranjo institucional em termos de políticas ambientais e, fundamentalmente, pela emergência de novas estratégias reprodutivas por parte dos pescadores artesanais. (NIEDERLE E GRISA, 2012, p.08)

O Sistema Pesqueiro atual está vinculado a padrões de pesca capitalistas onde a ideia de estoque e comercialização é muito forte, considerando o sistema de frigoríficos e de ordenação do mercado, que são impactantes na ruptura com uma forma artesanal de pesca. A colônia de pescadores sofre com a dinâmica dos sistemas de pesca, o que marca sua trajetória. Sobre a história da Colônia Z3 como a conhecemos hoje, Silveira (2012)<sup>4</sup> nos diz que:

---

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.pelotas.com.br>. Acesso em 05 de junho de 2012.

No início eram aproximadamente 40 famílias que moravam na Z3. Em 29 de junho de 1921 era fundada a Colônia de Pescadores Z3, mais conhecida na época como Arroio Sujo. Em 1º de setembro de 1965 as terras foram doadas pela firma Coronel Pedro Osório. Desde aqueles tempos já enfrentavam-se problemas. Os barcos eram movidos pela força do vento, as redes eram confeccionadas em linha de algodão e banhadas em uma mistura com óleo de linhaça para ficarem mais resistentes à água. As roupas eram de lã. O camarão, que hoje em dia é muito valorizado, naquela época nem se pescava. O deslocamento era outro problema, para chegar até o centro de Pelotas ou se aventurava a pé, a cavalo ou então de barco até a praia do Laranjal, o que era mais fácil. Somente em 1950 chega o primeiro ônibus e, em 1978 é construída a estrada ligando a Z3 ao balneário dos Prazeres. (SILVEIRA, 2012, S/P)

Relatos parecidos com este podem ser encontrados na página web do “Ecomuseu da Colônia Z3”<sup>5</sup> e nas páginas do jornal “O Pescador”, em uma matéria de Flávia Guidotti e Elio Stolz com o título “Um pouco de história da Colônia Z3” veiculada na segunda edição do jornal como podemos ver na imagem abaixo.

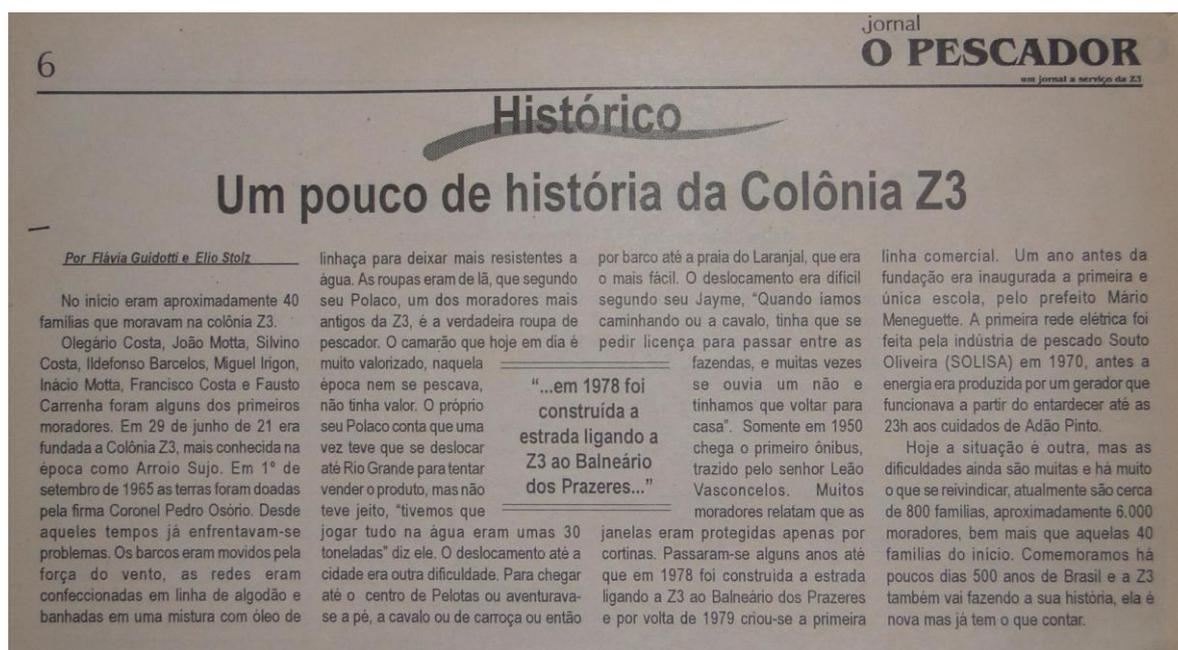


Figura 4 – Matéria publicada na segunda edição do jornal “O Pescador”  
Fonte: Acervo da autora

Essa comunidade de pescadores que enfrentou todas as dificuldades de construção, em sua trajetória, foi e é constituída por homens, dedicados à pesca.

<sup>5</sup> A página tem como objetivo, de acordo com seus criadores, estimular as memórias, preservar os patrimônios cultural e ecológico, e promover o desenvolvimento do turismo local. Disponível em <http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br/2010/05/historia-da-colonia-de-pescadores-z3.html>. Acesso em 09/01/2012.

Silveira (2012) também nos fornece uma descrição poética do pescador que vive e trabalha na Z3 chamando-o de homem simples, forte e trabalhador. Para o autor

(...) este é o perfil do homem da Z3. Todo o dia lança sua rede ao mar, não apenas para buscar peixes, mas também para pescar sonhos e amores. Não esperam cair do céu seus objetivos, levantam a cabeça e orgulham-se, pois são pessoas que podem lançar seus sonhos ao mar, perseguir seus ideais e vencê-los como as ondas, quebrar as dificuldades como a maresia na beira da praia e não se deixar levar pelas correntes, que a muitos aprisionam no mar da vida. (SILVEIRA, 2012, S/P)

Sobre esta descrição tem-se também nas páginas da segunda edição do jornal “O Pescador” o perfil de seu Polaco, o pescador mais antigo da comunidade reafirmando a visão que Silveira (2012) passa de homem simples, forte e trabalhador. O relato do perfil desse pescador é um dos elementos de memória presentes no jornal, assim como o registro de suas práticas sociais.



Figura 5 - Matéria publicada na segunda edição do jornal “O Pescador”

Fonte: Acervo da autora

Sobre as práticas sociais da Colônia Z3, Figueira (2009) nos diz que estas sempre se organizaram e se articularam com base na atividade econômica partilhada sobre as águas da Lagoa dos Patos, ou seja, a pesca. O autor explica que a comunidade definiu nas margens da Lagoa suas outras atividades de trabalho, tais

como: peixarias, galpões, ancoradouros, comércio tradicional artesanal de pescados e frutos do mar... São nesses espaços, onde as redes são confeccionadas e reparadas, os barcos recebem manutenção e o pescado é comercializado, que as pessoas passam a maior parte do tempo quando não estão envolvidos diretamente na atividade pesqueira. Figueira (2009) explica que

a atividade pesqueira na Colônia Z3 é desenvolvida como uma atividade de subsistência caracterizada pela coletividade familiar a partir da formação de uma espécie de microempresa chamada pelos pescadores de “parelha”, composta por membros da mesma família e por outras pessoas que possuam certo relacionamento com esta família (FIGUEIRA, 2009, p. 42).

Organizada a partir da cadeia produtiva da cultura da pesca, a realidade da Colônia de Pescadores Z3 está baseada na possibilidade de boas safras. Para Figueira (2009, pág. 43) “a Colônia de Pescadores Z3 se organiza produtiva e culturalmente a partir de um processo que envolve saída para pesca, coleta de pescados, comercialização e manutenção de suprimentos e equipamentos de trabalho”.

A maior parte dos problemas enfrentados pela comunidade pesqueira da Colônia Z3 sempre estão atrelados ao clima, à baixa produtividade, à desvalorização do pescado e seus derivados, à relação estabelecida com os atravessadores.

Outro fator que marca a comunidade da Z3 é a forte relação com o meio-ambiente, uma vez que está cercada de ecossistemas como matas, banhados e lagoas, entretanto, esta relação tem enfrentado alguns impasses gerados pelas normativas ambientais que impedem a pesca em dois períodos do ano, quando ocorre a procriação de diversas espécies de peixes e crustáceos; a estes períodos se dá o nome de “defeso”.

Em maio de 2000 a comunidade recebe um veículo de comunicação próprio chamado “O Pescador”. É um jornal comunitário, criado pela Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas, que tem como objetivo veicular assuntos ligados diretamente ao dia-a-dia da comunidade, onde podemos visualizar muitos dos tópicos relatados acima como, por exemplo, os problemas enfrentados pela comunidade na época do defeso, a expectativa com as safras, a luta pelo seguro desemprego, etc. Ao veicular estas informações, o jornal comunitário vai registrando a história da comunidade e de seus habitantes e ocupando lugar como um registro de suas memórias.

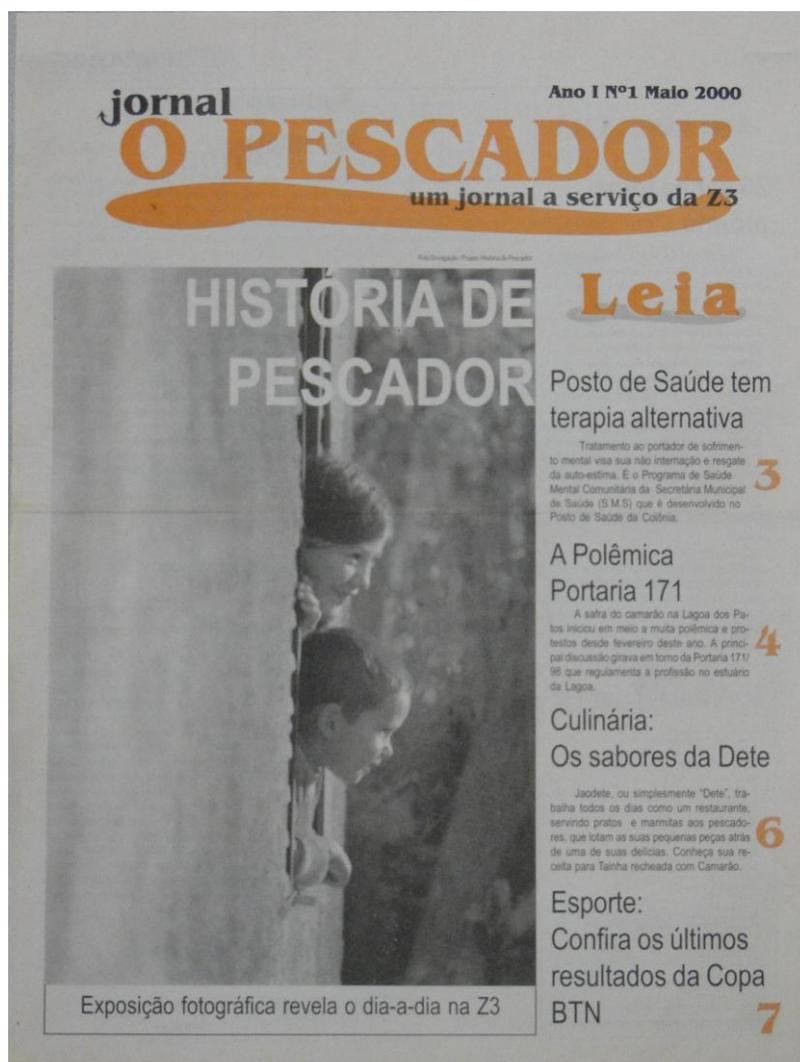


Figura 6 - Capa da primeira edição do jornal "O Pescador"

Fonte: Acervo da Autora

### 1.3 O Jornal como expressão de cidadania dos moradores da Colônia Z3 - Projeto O Pescador como jornalismo comunitário

Foi em uma tarde de sábado, no mês de junho de 2000 que aconteceu a distribuição da primeira edição do jornal "O Pescador". Realizada pelos próprios componentes da equipe, os alunos distribuíram o jornal de mão em mão aos moradores e puderam sentir a reação da comunidade ao receber, pela primeira vez, um jornal que falava da sua comunidade, da sua vida e do seu cotidiano, onde era possível se encontrar ou encontrar algum conhecido nas páginas do jornal, fosse

através de fotografias, fosse mencionado em alguma das matérias que integravam a edição do jornal.

O projeto do jornal “O Pescador” surgiu na Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas – no curso de Jornalismo, por uma reivindicação dos próprios alunos, com o objetivo de discutir e desenvolver o jornalismo comunitário, ou seja, de novas formas de ação jornalística, a partir de um processo comunicativo horizontal, alternativo, participativo e inclusivo. Trata-se da produção de um jornal comunitário impresso, de periodicidade mensal e distribuição gratuita direcionado à comunidade da Colônia de Pescadores Z3, bairro periférico da cidade de Pelotas.

A escolha da Z3 como primeira comunidade a receber o projeto, se deu com base em alguns critérios pré-determinados. Primeiro, por ser uma comunidade afastada do centro urbano. Segundo, por ter vida própria, sua cultura, seu jeito de ser. Então, a Z3 se encaixou perfeitamente nesses requisitos.

O projeto nasceu tendo como ideal o desenvolvimento de novas formas de comunicação, baseado nas teorias do jornalismo comunitário, ou seja, propor um veículo alternativo e popular, voltado para os interesses da comunidade. O principal, no entanto, é que o jornal deveria ser feito a partir dos moradores, que sempre tiveram uma participação forte e decisiva.

A ideia ao criar “O Pescador” foi inverter o processo comunicativo, ou seja, um veículo que brotasse na comunidade e fosse feito com essa comunidade, que é quem define como quer fazer o jornal e que temas o jornal deve tratar conforme se pode ver no editorial da primeira edição do jornal.

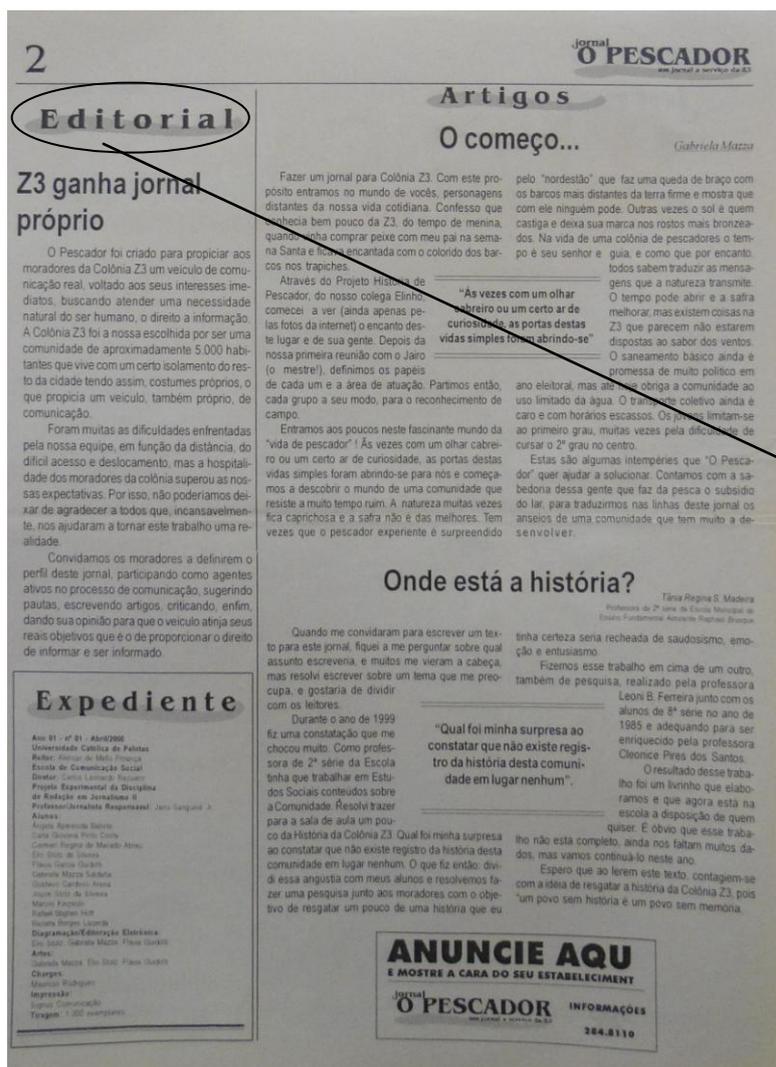


Figura 7 – Página 02 da primeira edição do jornal “O Pescador”  
Fonte: Acervo da autora

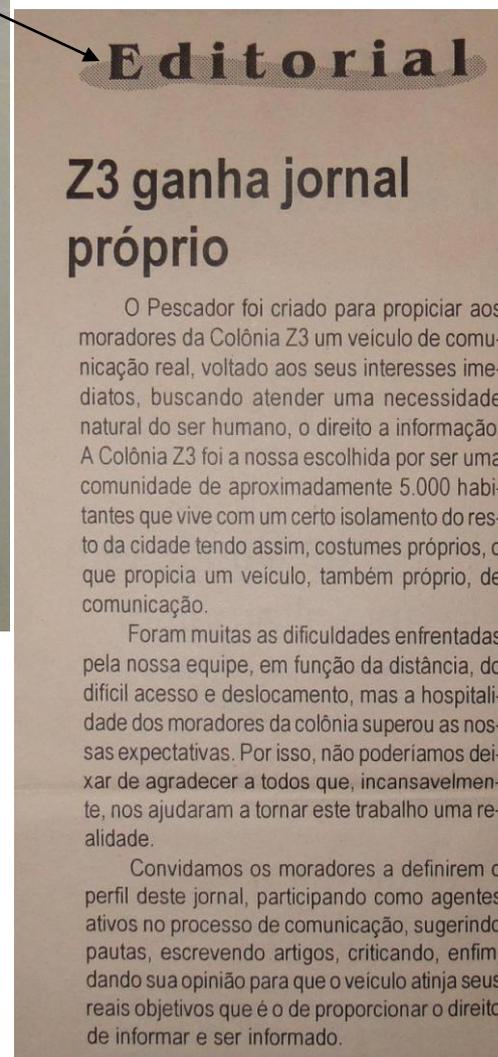


Figura 8 - Editorial da Primeira edição do jornal "O Pescador".  
Fonte: Acervo da Autora

Junto a tudo isso, há o aspecto pedagógico, pois o jornal funciona como um laboratório para os alunos de jornalismo. É o momento de conhecer a realidade da

profissão e do mundo em que eles irão trabalhar mais tarde, além de lhes permitir conhecer também o impacto do discurso midiático na vida desta comunidade.

Na edição comemorativa de quatro anos do jornal, a sua história é trazida à tona, rememorando o lançamento do mesmo junto à comunidade, como pode-se ver na imagem abaixo.

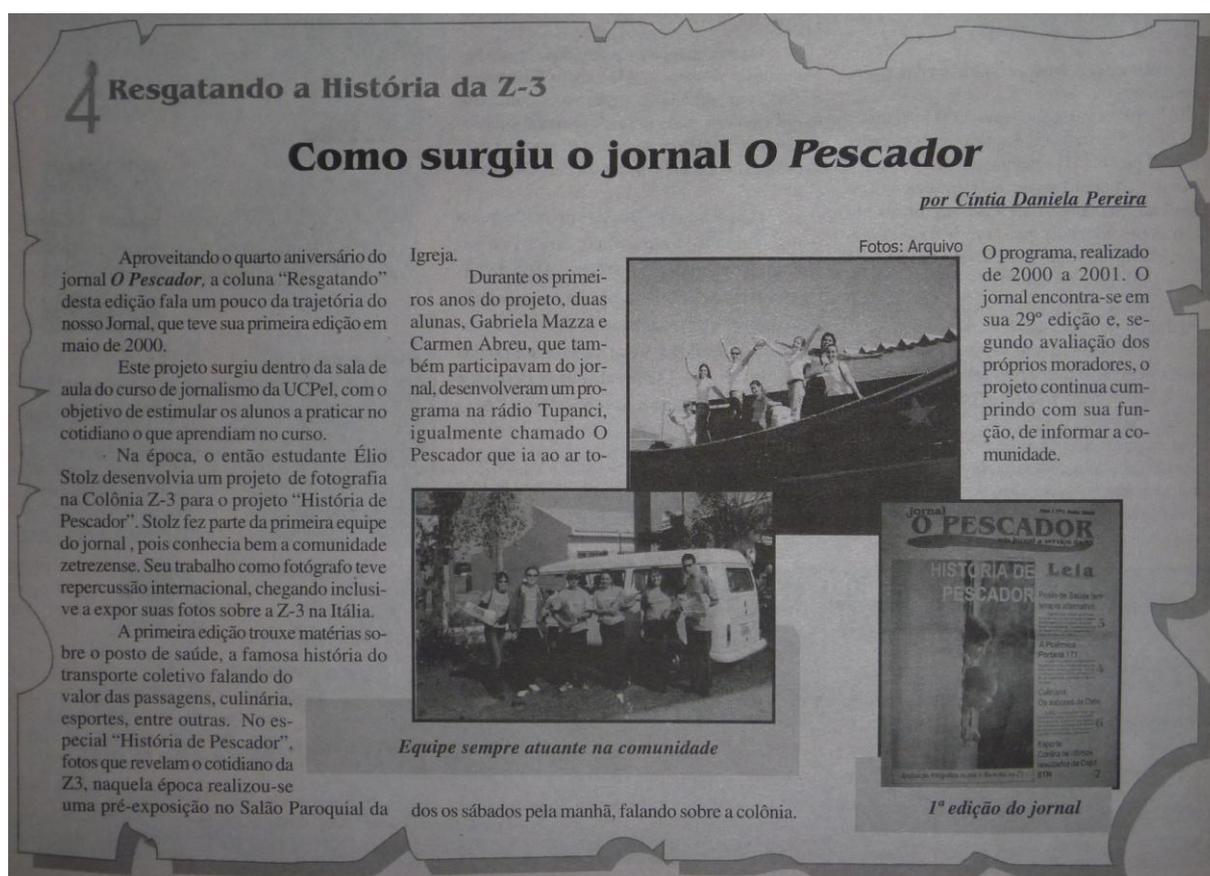


Figura 9 – Texto publicação na Edição comemorativa de quatro anos do jornal “O Pescador”  
Fonte: Acervo da autora

Em matéria publicada no site da Universidade Católica de Pelotas por ocasião dos 10 anos do jornal em 12/11/2010, com o título “O Pescador completa dez anos de serviço à Z-3”<sup>6</sup>, constata-se a reafirmação desses ideais.

O projeto, que iniciou em 2000 como parte de uma disciplina do curso de Jornalismo da Católica, foi criado para ser um veículo de comunicação realizado a partir da comunidade e para a comunidade. “O Pescador cria

<sup>6</sup> <http://www.ucpel.tche.br/portal/index.php?secao=noticias&id=3055%20&PHPSESSID=2d9c4>. Acesso em 09/01/2012.

uma nova forma de a comunidade dialogar com o poder público”, declarou o coordenador do projeto e diretor do Centro de Educação e Comunicação da Universidade, Jairo Sanguiné Júnior. “A comunidade se sente mais segura, porque tem mais um meio de se expressar. Ela se identifica vendo sua história ali dentro, com registro das imagens e dos fatos que ocorrem na Z-3”. (...) Muitos acadêmicos já passaram pela experiência de trabalhar no Jornal e vivenciaram diversos momentos, tanto tristes como felizes, junto aos pescadores.

Entre as primeiras dificuldades encontradas destacou-se certa desconfiança dos moradores, que ficavam se perguntando: "com que interesse alguém vai fazer um jornal nesta colônia?". Mas essa resistência foi quebrada logo que saiu a primeira edição, quando as pessoas começaram a se identificar nas matérias e fotografias. Pela primeira vez, as histórias humanas de pessoas simples estavam sendo contadas através de matérias jornalísticas, em que eram socialmente representadas. Com isso, o grupo de alunos sentia que estava contribuindo para levantar a auto-estima da colônia, e de certa forma, resgatar sua história, servindo ainda como espaço para manifestação dos moradores e de promoção da cidadania, lembrando que segundo Peruzzo (2002) “o status de cidadão é uma construção social que vem se modificando ao longo da história”.

A busca pelo exercício da cidadania é uma das preocupações constantes dos componentes do projeto do jornal, tanto no tratamento do discurso midiático quanto no que tange a participação dos membros da comunidade em sua produção e conscientização da apropriação e exercício de seus direitos, assim como na expressão de sua identidade e representação social. Para o criador e coordenador do projeto, Jairo Sanguiné Júnior o jornal traz uma série de benefícios para a comunidade. Segundo ele “A comunidade passa a ser mais integrada em suas ações conjuntas protagonizadas pelos setores organizados do local, como o Sindicato, a Igreja, a Escola, entre outros.”<sup>7</sup>

Ana Viegas, bolsista do projeto desde o início de 2012, destaca outros aspectos, afirmando que:

O jornal desperta para a identidade cultural e social da comunidade e representa talvez o único canal direto de comunicação entre os moradores e o poder público instituído. Com isso, o jornal passa a ser um espaço de reivindicação da comunidade para os problemas estruturais do bairro, e o poder público apresenta sua resposta também nas páginas do jornal. Em

---

<sup>7</sup> <http://www.ucpel.tche.br/portal/index.php?secao=noticias&id=3055%20&PHPSESSID=2d9c4> Acesso em 09/01/2012.

muitos casos, as ações são mais efetivas devido à cobrança dos moradores feita através do jornal. Com o jornal, percebe-se que a comunidade se sente mais valorizada e prestigiada, com sensação de pertencimento, de que “nós temos um jornal próprio, que fala da nossa realidade”.<sup>8</sup>

Muitos momentos marcaram os mais de dez anos de atividade do jornal, mas, sem dúvida, as expressões dos rostos das pessoas quando receberam a primeira edição, foi especialmente marcante, segundo depoimentos dos alunos do projeto e de seu criador e coordenador, Prof. Jairo Sanguiné Jr.<sup>9</sup>. Fazendo um balanço desse período, é possível observar uma grande evolução, tanto em termos de aprendizagem dos alunos participantes do projeto quanto de resultados para os moradores da comunidade da Z3. O jornal hoje está consolidado como um veículo comunitário, que inaugurou uma nova forma de diálogo entre a comunidade e o poder público. Muitas das melhorias estruturais da Z3 só foram possíveis porque os moradores tinham esse instrumento para gritar, registrar fatos e eventos, reivindicar.

Em 2007 o jornal foi premiado com o primeiro lugar em um concurso nacional pelo trabalho desenvolvido junto a comunidade. O jornal passou por eliminatórias regionais, sendo selecionado para o Expocom<sup>10</sup> nacional e concorrendo com outros quatro projetos.

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada com a bolsista em 04/07/2012.

<sup>9</sup> Pesquisa realizada e publicada em 2007. MICHEL, Jerusa de Oliveira e OLIVEIRA, Leonardo Priebe de. Pesquisa de Opinião Jornal O Pescador - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas (RS) 1º Lugar XIII Expocom Nacional, categoria Relações Públicas, modalidade Pesquisa de Opinião, como representante da Região Sul no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom – Santos – 2007.

<sup>10</sup> EXPOCOM – Pesquisa Experimental em Comunicação, promovida pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação – INTERCOM.

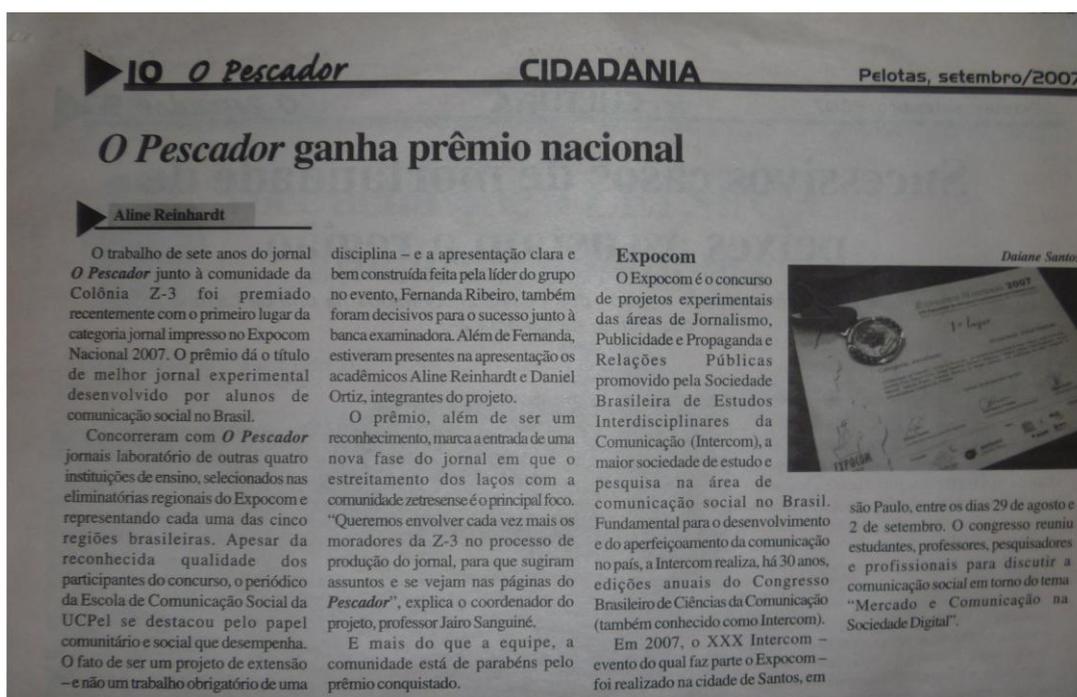


Figura 10 - Matéria publicada no jornal "O Pescador" na edição de setembro de 2007.  
Fonte: Acervo da Autora

O poder público tem outros olhos e age com mais atenção em comunidades que têm o poder de se expressar sobre a realidade social que as cerca. Com isso, abriu-se um novo espaço de discussão e organização social a partir da criação de um veículo que nasce das próprias necessidades daquela comunidade, sendo uma alternativa à comunicação tal como a faz, num âmbito mais amplo, a imprensa tradicional<sup>11</sup>. Esta constatação remete às colocações de Peruzzo (2002) de que os jornais comunitários em seus conteúdos podem dar vazão ao compartilhamento do legado histórico do conhecimento, facilitando as relações sociais, esclarecendo sobre os direitos do ser humano e discutindo os problemas locais, além de valorizarem as identidades e raízes culturais, entre tantos outros assuntos de interesse social.

Ana Viegas, bolsista do projeto de jornalismo comunitário "O Pescador" no segundo semestre de 2011 e primeiro semestre de 2012 relata a sua vivência nesses dois semestres.

O Jornal Pescador fez nascer minha paixão pelo jornalismo comunitário e por aquela abençoada colônia. Como não ser completamente apaixonada por algo que me abriu portas, que me mostrou caminhos, que me trouxe o

<sup>11</sup> PENA, 2005.

desejo de nunca desistir do jornalismo? E não foram apenas aprendizados de redação, mas sim de convivência, de formação de grupo, de constantes desafios, de poder viabilizar voz a uma comunidade que luta constante por melhores condições de vida, por visibilidade perante a sociedade e o poder público e, principalmente, por direitos a cidadania. Foi uma experiência que vou carregar pelo resto da minha vida tanto no campo profissional, quanto no emocional, vai ser impossível não lembrar de cada minuto, dos medos das primeiras pautas, da correria, do aprendizado, dos bolinhos de peixe e, principalmente da fé que move aquele paraíso dos pescadores. O Jornal Pescador me deu asas, me abriu caminhos, me colocou no mercado, ensinou-me valores éticos, humanos, me proporcionando prática, experiência jornalística.<sup>12</sup>

Mas nem só de aspectos positivos vive o projeto. Muitos foram os momentos difíceis e as dificuldades enfrentadas ao longo dos mais de 10 anos de existência do jornal entre elas: a alta rotatividade dos alunos envolvidos (o que dificulta o relacionamento com a comunidade), o descomprometimento de alguns alunos com o projeto, a falta de periodicidade definida entre outros. Sobre os aspectos negativos, o criador e coordenador do projeto Jairo Sanguiné Júnior nos diz que

O aspecto negativo mais grave, no entanto, é o pouco comprometimento da própria comunidade com a produção do jornal. Percebe-se que os moradores gostam do jornal, mas pouco se envolvem nele, o que pode comprometer o aspecto “comunitário” do projeto. Essa falha, no entanto, é compensada por uma discussão dos alunos com os moradores sobre pautas e direcionamento que as matérias devem ter, sempre a partir da ótica dos moradores. Outro problema que observamos é que o jornal trabalha quase que exclusivamente as questões locais o que pode aumentar a sensação de “isolamento” da comunidade. Por exemplo, alguns moradores são contra o ensino médio no bairro porque isso faria com que as pessoas não saiam mais do bairro para nada, nem para estudar. Finalmente, há pouco apoio do comércio local. Esse envolvimento para manutenção financeira do projeto seria uma forma de sentir-se sujeito do jornal, mas esse envolvimento praticamente não existe. (Depoimento Jairo Sanguiné Junior, realizado em março de 2012)

Leonardo Oliveira, integrante do projeto no período de 2003 a 2005 comenta que

O Jornal com certeza tem muitos aspectos positivos como, por exemplo, um despertar da cidadania por parte da comunidade e dos alunos envolvidos no projeto, promove uma valorização do bairro, serve como um canal de diálogo, é responsável por manter um arquivo memorial da comunidade... Entretanto não podemos deixar de falar também dos aspectos negativos como a falta de comprometimento de alguns colegas com o projeto, a falta de periodicidade (muitas vezes estávamos com as matérias prontas e faltava quem fizesse a diagramação), a falta de envolvimento da comunidade com o jornal (apesar da cobrança quando as edições não saiam), a dificuldade em levantar recursos financeiros para as atividades

---

<sup>12</sup> Entrevista realizada com a bolsista em 04/07/2012.

que programávamos através do jornal... (Depoimento Leonardo Oliveira, realizado em março de 2012)

Sobre os problemas enfrentados pelo jornal, Ana Viegas, bolsista do projeto no segundo semestre de 2011 e primeiro semestre de 2012, relata a sua vivência nesses dois semestres.

Na realidade os principais problemas do jornal estão na dificuldade de participação dos alunos, e entrega de materiais na devida data, provavelmente este problema se dê pela falta de motivação dos alunos que vem se agregando ao longo do tempo, por motivos de dificuldade de verbas para mais bolsas e, inclusive, por não termos a impressão dos jornais todos os meses, já que a UCPel nem sempre garante a verba, com atrasos dos boletos, impedindo que o jornal seja impresso todo o mês, além disso como o jornal é desenvolvido por alunos, muitos começam a chegar no momento de formatura e acabam deixando as atividades de lado, já que possuem estágios remunerados e faculdade, também não estava havendo uma transição, então os bolsistas que chegam, muitas vezes não conhecem o trabalho realizado pelo jornal, como foi o meu caso. Em relação a Colônia sempre fomos bem recebidos, porém a participação da comunidade diminui cada vez que o jornal não é entregue na data, perdendo a credibilidade. Na colônia quem mais participam ainda são as crianças. (...) Outro grande problema que temos é em relação a diagramação, a universidade não tem alunos que façam este trabalho, os que fazem já estão trabalhando e acabam não entregando o material no prazo.<sup>13</sup>

O projeto *O Pescador* busca resgatar esta identidade individual e coletiva da sociedade na qual está inserido, procurando valorizar a cultura local através do despertar de um “sentimento de pertença” do indivíduo pela sua comunidade. O estudante inserido no projeto deve participar de maneira ativa para, assim, construir um canal de comunicação cada vez mais estreito entre o jornal e a comunidade e com isso despertar nos moradores da colônia um sentimento de posse em relação ao jornal, onde poderão expressar seus anseios e necessidades, sua individualidade e registrar suas histórias<sup>14</sup>.

Uma pesquisa de opinião<sup>15</sup> realizada em outubro de 2006 publicada no anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em 2007<sup>16</sup>, com o

---

<sup>13</sup> Entrevista realizada com a bolsista em 04/07/2012.

<sup>14</sup> Conforme afirmativa de Sanguiné, Pesquisa de Opinião, 2007. Disponível em : <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/pl.htm#>

<sup>15</sup> Trabalho submetido ao XIII Expocom Nacional 2007, na categoria Relações Públicas, modalidade Pesquisa de Opinião, como representante da Região Sul.

<sup>16</sup> A pesquisa foi realizada na Colônia de Pescadores Z3, em outubro de 2006, e integra o Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo na UCPEL de Leonardo Priebe de Oliveira, O Jornal Comunitário como forma de expressão da Comunidade. Estudo de caso: "Jornal O Pescador", apresentado em novembro de 2006. A pesquisa deu origem a artigo científico inscrito na modalidade

objetivo de mostrar a importância da comunicação comunitária como forma de expressão de uma comunidade tomou como base o projeto de jornalismo comunitário intitulado “O Pescador”, desenvolvido na colônia de pescadores Z3.

A pesquisa revelou que entre os jornais citados, o escolhido pela maioria dos entrevistados, foi "O Pescador", considerado como sendo "da comunidade". Cruzando os dados da pesquisa, chega-se ao fato de que este fenômeno pode ser atribuído à importância que a comunidade confere ao jornal. A maior parte dos entrevistados afirmou que o jornal é muito importante para a comunidade por tratar de temas locais e por divulgar a colônia Z3.

Verifica-se na pesquisa que a maioria dos entrevistados tem acesso ao jornal de alguma forma e que a maioria conhece “O Pescador” e constata-se que a maioria lê todo o Jornal, e que mesmo os que não lêem o jornal, recebem algum tipo de informação, produzida na comunidade, e transmitida por seu intermediário. A maioria dos entrevistados acredita que o Jornal é importante para a comunidade, e ressalta a sua importância devido a ele tratar de assuntos relativos a vida da comunidade. As razões pelas quais os entrevistados afirmam que “O Pescador” é importante para a comunidade são: “Fala sobre assuntos e problemas da comunidade” (19,7%); “Apresenta informação, notícias, conhecimento” (13,1%), “Se tem acesso ao que está acontecendo” (8,2%), “Divulga a pesca e produtos da localidade” (3,3%), e por fim com igual representatividade estão as seguintes opções “A gente se vê nele” (1,6%), “Aborda assuntos atuais” (1,6%), “Com ele muita coisa melhorou” (1,6%), e “Divulga a parte social da colônia” (1,6%)”.

Um dado extremamente relevante é que a maior parte dos entrevistados possui um interesse maior pelas entrevistas apresentadas no jornal O Pescador, e pelo conteúdo relativo à pesca. Estes índices mostram que, de certa maneira, o que mais chama atenção no jornal, é o conteúdo relativo à vida da comunidade e sua principal atividade econômica, uma vez que, as entrevistas em várias ocasiões, apresentam assuntos relativos a esta temática. Há que se destacar que este universo de informações comporta fortemente o contexto histórico em que se produziram, configurando uma importante face da memória que os textos de jornais comunitários podem trazer. Cabe destacar as formas na lógica da organização do

jornal, como veremos a seguir, que podem conter mais ou menos contextos de memória.

#### **1.4 O Jornal “O Pescador”, os diferentes recortes da história da Colônia Z3 e a produção de memória a partir dos relatos jornalísticos**

Conforme seu gênero, os textos jornalísticos desempenham diferentes funções em relação ao leitor, que são informar, explicar ou orientar. Para realização de análise destas funções, são propostas três categorias básicas: a primeira caracterizada pelo jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem, e entrevista); a segunda em que se enquadra o jornalismo interpretativo (reportagem em profundidade), e por fim, aquela que contém o jornalismo opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor).

A análise toma como objeto de estudo o jornal comunitário “O Pescador”, que tem seu início no ano de 2000 e integra a disciplina de Redação em Jornalismo II, como um projeto experimental, com tiragem de 2.000 exemplares e distribuição gratuita, o qual já teve suas características descritas anteriormente, bem como sua relação com a comunidade. Considerando que o jornal, no período que compreende os anos de 2000 a 2010, totalizou 42 exemplares, como se pode ver na tabela a seguir.

Tabela 1 – Edições disponíveis e o número de exemplares do “O Pescador”

<b>Ano</b>	<b>Edições Disponíveis</b>	<b>Número de Exemplares</b>
<b>2000</b>	01; 02 e 03	03
<b>2001</b>	05; 07 e 08	03
<b>2002</b>	09; 11; 12; 13; 14; 15 e 16	07
<b>2003</b>	17; 18; 19; 20; 21; 22; 23; 24; 25 e 26	10
<b>2004</b>	27; 28 e 29	03
<b>2005</b>	30	01
<b>2006</b>	31; 32 e 33	03
<b>2007</b>	34; 35; 36; 37 e 39	05
<b>2008</b>	41; 42 e 44	03
<b>2009</b>	45 e 46	02
<b>2010</b>	48 e 49	02
<b>Total de Exemplares:</b>		<b>42</b>

A tabela apresentada acima consiste em um esboço das edições disponíveis para consulta e que compõe o acervo pessoal da autora. Como podemos perceber

ao visualizar a tabela e através dos depoimentos apresentados no item anterior, a falta de periodicidade é um fator marcante ao longo do projeto. Em 2003 foram 10 edições veiculadas ao longo do ano, em 2005, apenas uma edição e em 2009 e 2010 temos apenas duas edições por ano. Algumas edições também estão indisponíveis para consulta, uma vez que se perderam ao serem distribuídas pelos alunos que compuseram as diferentes equipes ao longo do tempo, e que por não terem experiência acabaram por distribuir todos os exemplares sem deixar nenhum para o arquivo.

A análise detida pela busca por um padrão de memória expressa nas páginas dos jornais, levou a verificar inicialmente o que existia na capa e contracapa destas edições disponíveis. Para tanto foram digitalizadas a fim de facilitar o cruzamento de informações (anexo A). Foi possível detectar inicialmente uma aproximação visível com os anseios da comunidade, onde os interesses cotidianos figuravam agora como repositórios de memória, uma forma de revestir a memória (CLAVAL, 2001, p. 83) mantendo-a viva e mais permanente entre os pescadores.

Foram notícias de capa da primeira edição, a exposição fotográfica “História de Pescador”, tema também da contracapa, o posto de saúde, através de tratamento oferecido ao portador de sofrimento mental, a polêmica da Portaria 171/98 que regulamenta a profissão no estuário da Lagoa. A capa também trouxe um aspecto bastante forte na Colônia que é culinária local através da manchete “Os sabores da Dete” com a sua receita de tainha recheada com camarão e a última manchete falava sobre a Copa BTN<sup>17</sup> de futebol de sete como podemos observar claramente na figura 6 da página 11.

Também integraram a primeira edição do jornal dois artigos, uma página inteira dedicada a relatar um dia na vida de um pescador e uma coluna sobre educação que aborda a história da escola de Ensino Fundamental Rafael Brusque, única escola da Colônia Z3.

A segunda edição do jornal traz informações sobre o resultado da copa BTN de Futebol de Sete, sobre o posto de saúde e os diversos serviços que ele oferece, sobre a história de Dona Laura, a escritora da Z3, traz uma matéria sobre o histórico da antiga Colônia, narrada através de seu Polaco, um dos moradores da

---

<sup>17</sup> A Copa BTN tinha este nome por ter sido um projeto da BTN Eventos - Jornal “O Pescador”.

comunidade e fala também sobre a morte do barbeiro Edgar Costa, executado com um tiro nas costas. Apresenta ainda informações sobre a eleição para o Sindicato de Pescadores, sobre a importância da carteira de trabalho na profissão de pescador, sobre a Lagoa dos Patos, sobre o surgimento da Colônia e sobre o uso do G.L.P<sup>18</sup> e os perigos que ele acarreta à saúde.

A terceira edição do jornal demorou três meses para chegar às mãos da comunidade, foi publicada apenas em outubro de 2000. Ela trouxe notícias sobre as propostas dos candidatos a Prefeitura, sobre o Sindicato dos Pescadores, sobre o Pronafinho (programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura), sobre o Campeonato Colonial de Futebol, sobre o morador da Colônia que recebeu o Título de Cidadão Pelotense, sobre o “Professor Pardal da Z3”. Publicou ainda um artigo de Joyce Stolz, um conto da Dona Laura Matheus e incluiu no jornal uma coluna chamada “Acontece na Z3”, destinadas a divulgar as atividades da comunidade.

A quinta edição do jornal, impressa em abril de 2001, vem com uma novidade, capa e contra capa passam a ser impressas em cores, o que dá mais destaque às fotografias que ilustram as manchetes de capa e a matéria da contra capa. Com uma manchete forte, o jornal fala sobre a crise enfrentada pelos pescadores com a falta de peixe na lagoa. Novamente traz uma manchete sobre a copa BTN de Futebol de Sete, fala sobre educação ambiental e o lançamento do orçamento participativo, abrindo espaço para os contos da Dona Laura.

A sétima edição do jornal, publicada em agosto de 2001, traz na capa três manchetes falando de fatos que marcaram a comunidade. A primeira manchete em destaque, trata sobre a escritora Laura Matheus, a talentosa escritora Z3 a qual teve sua história contada no programa Fantástico, da Rede Globo. Outra relata sobre a visita da americana Ann Backus, da Universidade de Harvard que esteve na comunidade de Pescadores, a fim de conhecer o cotidiano da pesca. A terceira manchete que integra a capa da sétima edição do jornal, sobre o barco Super Sucesso, construído por Pedro Nunes Rodrigues ao longo de cinco anos que se encontrava finalizado, pronto para ir para água. Um conto da Escritora Laura Matheus integrou a edição junto com a coluna Acontece, onde foram publicadas notas relativas ao cotidiano da comunidade. Éderson Silva, morador da comunidade publicou o artigo “As incertezas do prolongamento dos molhes”. Foi publicada uma

---

<sup>18</sup> Gás Liquefeito de Petróleo, resultante de várias combinações químicas, similar ao gás de cozinha.

matéria sobre os projetos que acontecem na Z3. A coluna do Sindicato dos Pescadores passou a integrar o jornal. Na contra capa, o futebol da colônia teve seu espaço dividido com o perfil de Nilmar Conceição, figura ilustre da comunidade.

Analisa-se as edições seguintes do jornal, podendo-se constatar a presença permanente de itens de representação social como a pesca tanto no período de safra como no período de entressafra. Para Niederle e Grisa (2012, p.03) “durante décadas a pesca artesanal subsiste e dá vida a um universo social, cultural e simbólico extremamente complexo e instigante”.

Outra questão que se faz presente nas páginas do jornal é a religiosidade retratada através da festa de Nossa Senhora dos Navegantes e de São Pedro, padroeiro dos pescadores, também se faz presente em grande parte das edições, o futebol e a escola Rafael Brusque através das diversas atividades que desenvolve junto a comunidade.

Percebe-se claramente ao revisitar as 42 edições do jornal que compõe nosso objeto de análise, que este registra e guarda fatos que marcaram a memória coletiva dos grupos que compõe a Colônia Z3, principalmente a partir da cobertura jornalística e da vivência direta com os acontecimentos por parte de diferentes grupos sociais. Nestas edições registradas por essa mídia foram marcadas pelos grupos envolvidos na construção da memória coletiva local.

Essa produção jornalística pode ser revisitada e recopilada, nas edições produzidas desde o início do jornal, em 2000, permitindo ao leitor/ator compor e compreender suas condutas, atitudes, práticas e conhecimentos e encontrando como já foi dito acima, diversos itens de identidade e representação social, sobre a qual se trata a seguir. Chama-se a atenção para o fato de que serão analisados, com mais afinco, os exemplares de 2003 a 2006, conforme descrição abaixo e a análise de conteúdo será apresentada no terceiro capítulo deste trabalho.

## **2 Jornalismo Comunitário como “revelador” da Representação Social e Constituição da Memória e da Identidade Social**

A idéia de Representação Social está relacionada com a Memória e Identidade Social expressa nesta dissertação no desenvolvimento do jornalismo comunitário. Ressalta-se as formas de aproximação, de estudo e técnicas de compilação de informações que se pode usar para compreender a ação do jornalismo em um meio social.

O jornalismo é entendido como uma ação que se relaciona com as comunidades, desempenhando, muitas vezes, papel decisivo na interação dos grupos sociais que as compõem, constituindo-se num dos suportes essenciais da cidadania, que intervém na conformação do espaço público, principalmente, através da contribuição/ participação na constituição e reformulação das identidades sociais e coletivas destes grupos. Do ponto de vista da construção identitária, as representações sociais legitimam um conjunto de ações, práticas e conhecimentos, compartilhados pelos membros do grupo que constróem uma realidade comum, partilhada no seu cotidiano e que o jornalismo registra e permite lembrar.

A memória é discutida como a possibilidade de relembrar o passado, mas também como geradora de identidade social. O processo de constituição do jornalismo comunitário no Brasil é uma atividade e uma prática social . As teorias, seus principais criadores e os temas que, geralmente, são discutidos por este Jornalismo, envolvido com as comunidades, estão expressos nas páginas que seguem. Apresentam-se as explicações cognitivas, escritas, do que se convencionou como realidade vivida - pressuposto que reflete os pensamentos coletivos, e, assim é importante conhecer as suas explicações, onde por meio das representações, os grupos e as comunidades buscam coesão e identidade, proporcionada, muitas vezes, pelo relato noticioso e pela narrativa fotográfica presentes no jornalismo.

## 2.1. Entendendo Representação Social, Identidade Social e Constituição da Memória

Os conceitos de *Representação Social*, *Identidade Social* e *Memória* estão intimamente entrelaçados, existindo também inúmeras abordagens de cada um deles, tornando-se importante a escolha de abordagens teóricas que permitam explorar a questão proposta da melhor maneira possível. Apresenta-se a origem desses conceitos e das redes teóricas a que se vinculam, que aparecem no final do século XIX e início do século XX, criando redes de significados para a ação do jornalista no meio comunitário.

Entre as muitas novidades que este período histórico trouxe, motivadas pelos avanços já iniciados no século XIX e pelos dois períodos da Revolução Industrial, estão as mudanças no arcabouço ideológico da época e no surgimento de novas teorias, estudos e perspectivas no campo das ciências sociais. Marx<sup>19</sup> (1818 – 1883) trouxe a teoria socioeconômica e Weber<sup>20</sup> (1864-1920) fundamentou a sociologia compreensiva ou interpretativa, que estabeleceu um paralelo na pesquisa entre as ciências sociais e naturais

Émile Durkheim<sup>21</sup> (1858-1917) considerado o fundador da sociologia moderna, desenvolveu a teoria das Representações Coletivas (1817), embasada na existência de uma Consciência Coletiva em função de que o homem se torna humano e sociável – é capaz de aprender hábitos e costumes característicos de seu grupo social – porque precisa conviver em seu meio.

É esta última abordagem, a de Durkheim, das Representações Coletivas, apropriada por outros autores, que vai dar origem, mais tarde, à teoria das Representações Sociais que vão se entrelaçar com a Memória e a Identidade Social. No que se refere ao estudo das Representações Sociais, constata-se uma diversidade de enfoques, no entanto a abordagem de Serge Moscovici entrelaçada com a de Émile Durkheim (1970), repercute nesta argumentação.

Serge Moscovici nasceu em 1928 e é um psicólogo social, atualmente diretor do Laboratório Europeu da Psicologia Social que ele fundou em Paris. Pesquisou e trabalha ainda hoje com temas como o processo social de produção de

---

<sup>19</sup> Marx apud DUVEEN, 2004.

<sup>20</sup> Weber apud DUVEEN, 2004.

<sup>21</sup> Émile Durkheim apud DUVEEN, 2004.

conhecimento, a definição de sociedade e a discussão em torno das representações sociais. Moscovici<sup>22</sup> a partir da psicanálise discute a questão da representação social, inserindo no contexto não só da psicologia social, mas permitindo sua abordagem por outras ciências ligadas ao estudo do sujeito e dos grupos sociais. Ele apropriou-se do conceito de representações coletivas de Durkheim avançou seus estudos e desenvolveu o conceito de *Representações Sociais* (GUARESCHI e JOVCHELOVITCH, 1997). O conceito de representação coletiva de Durkheim (o que é construído coletivamente possui uma identidade diferente do que é construído individualmente) e suas formulações são fundamentais para entender o conceito de representações sociais de Moscovici. Quanto às representações coletivas, Durkheim (1970, p. 39) afirma que elas:

[...] são exteriores com relação às individuais, é porque não derivam dos indivíduos considerados isoladamente, mas de sua cooperação, o que é bastante diferente. Naturalmente na elaboração do resultado comum, cada qual traz a sua quota-parte; mas os sentimentos privados apenas se tornam sociais pela sua combinação, sob a ação de forças *sui generis*, que a associação desenvolve; em consequência dessas combinações e das alterações mútuas que delas decorrem, eles se transformam em outra coisa.

Esta é uma característica marcante do conceito de representação coletiva: a sua exterioridade às consciências individuais e, de acordo com Silva (1998, p.31), as “representações coletivas fazem parte de um contexto global, como, por exemplo, da cultura de uma sociedade, e essas *representações coletivas* necessariamente não são semelhantes às representações individuais”. A partir destas idéias, na perspectiva dos conceitos formulados por Durkheim, estas não são satisfatórios para trabalhar a representação social frente ao dinamismo dos movimentos sociais atuais. “Entretanto, as concepções de Durkheim foram as responsáveis pelo desencadeamento de estudos sistematizados sobre *representação social*.” (SILVA, 1998, p. 32).

Durkheim preocupava-se com o significado sociológico daquilo que faz com que as sociedades se mantenham coesas “isto é, às forças e estruturas que podem conservar, ou preservar, o todo contra qualquer fragmentação ou desintegração”

---

<sup>22</sup> Representante da escola psicossocial construtivista francesa, desenvolveu a teoria das representações sociais, no livro *Psychanalyse son image et son public*, publicado no Brasil em 1978, sob o título *Representação Social e Psicanálise*.

(DUVEEN, 2004, p. 14). Moscovici preocupava-se com a questão da psicologia social tentando entender “como as coisas mudam na sociedade, isto é, para aqueles processos sociais, pelos quais a novidade e a mudança, como a conservação e a preservação, se tornam parte da vida social” (apud DUVEEN, 2004, p. 15). Ao utilizar o termo ‘social’ Moscovici (1978) queria dar ênfase a essa qualidade dinâmica das representações, ligando-as aos processos sociais, e sugerindo que constituem a forma de criação coletiva.

Moscovici interessou-se em compreender como o conhecimento é construído e na análise de seu impacto, nas práticas sociais e vice-versa, e sua obra, a partir das ciências sociais pode ser olhada pelo viés da sociologia do conhecimento, embora se vincule a muitos outros campos de estudos. Ele interessou-se no "poder das idéias" de senso comum, isto é, no "estudo de como, e por que as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam idéias em práticas [...]" (MOSCOVICI, apud DUVEEN, 2004, p. 8).

Para Moscovici (1978, p.28), a *representação social* “[...] é um corpus organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação.” E, por isso, o indivíduo tem um papel atuante e particular na construção das *representações sociais*.

Outros conceitos de *representações sociais* podem contribuir para uma compreensão do tema, como o construído por Jodelet, parceira de Moscovici, que afirma: “A representação é uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 22). Entende-se, a partir do conceito, que a representação social refere-se à maneira do indivíduo pensar e interpretar o cotidiano. A representação social constitui-se em um conjunto de imagens, dotado de um sistema de referência que permite ao indivíduo interpretar sua vida e a ela dar sentido, como apreende as informações do contexto, os acontecimentos da vida cotidiana, a partir da própria experiência, das informações, saberes e modelos de pensamento que recebe e transmite pela tradição, pela educação e pela comunicação social (JODELET, 2001).

As *representações* são um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária, no curso de comunicações interindividuais, situam o indivíduo no mundo e definem sua *identidade social*, constituem o indivíduo, explicam as formas de pensar e agir, expressos através de palavras e gestos, são determinadas também pelos meios de comunicação - jornais, rádio, conversações, etc. - e pela organização social - igreja, partidos, etc., embora deva-se destacar que têm um conteúdo específico e se difere de uma sociedade para outra, toma como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, seu conjunto de crenças e valores.

Pode-se dizer que a *Identidade Social* é essencialmente caracterizada pela forma como nós próprios nos vemos, é um sentido do “eu” ancorado num modelo com o qual nos identificamos, conjugada com a forma como os outros nos vêem. Isto quer dizer que a identidade social requer um certo grau de escolha, ao mesmo tempo que exige um nível de conscientização. Por identidade, entende-se, conforme Pollak (1992, p. 204) “a imagem de si, para si e para os outros”, isto é,

a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 204).

De acordo com estudos contemporâneos, o indivíduo possui várias fontes identitárias, identidade de gênero, nacional, etária, étnica, profissional, entre outras. A identidade social é algo que se constrói individualmente, mas é algo que é dinâmico e é influenciada pelas relações sociais entre os indivíduos que compõem essa mesma sociedade. Isto porque “[...] a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros” (POLLAK, 1992, p. 204).

Segundo Halbwachs (1990) a *memória* é construída coletivamente - mesmo as lembranças mais íntimas e pessoais não podem ser separadas da compreensão de que o homem é um ser social. Assim, seja nas referências que a estruturam, seja na sua construção, inclui as mudanças constantes a que está sujeita. É no fundamento coletivo da memória que se encontra sua capacidade social de fortalecer os sentimentos de pertencimento sócio-cultural, já que ao articular memória individual com a memória coletiva, sua prática permite duração e

continuidade do que é vivido coletivamente. A *memória coletiva*, ao contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo, garante ao indivíduo o sentimento de *identidade*.

Nas análises de Pollak (1992), a *memória* é um elemento constituinte do sentimento de *identidade*, tanto individual como coletiva. Isso, segundo o autor, se dá porque na construção da *identidade* há três fatores essenciais: o sentimento de unidade física (seja o próprio corpo físico, sejam fronteiras de pertencimento ao grupo); o sentimento de continuidade no tempo; e o sentimento de coerência, um sentimento de que os diferentes elementos formam efetivamente uma individualidade.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p.204)

Este conceito vai de encontro ao pensamento de Castells (2000), que afirma que identidade abrange mais que os papéis desempenhados pelos sujeitos na sociedade, porque são as relações face-a-face que determinam o processo identitário. Os indivíduos necessitam uns dos outros para formarem a sua própria identidade, assim, tanto a socialização primária quanto a secundária tornam-se importantes neste processo. Entende-se, portanto, que a identidade não nasce com o sujeito, não é inata, precisa ser construída durante a vida do sujeito, e esta construção passa pela interação com o outro, pois só a interação social permite viver em sociedade.

Identities [...] constitute sources of meaning for the actors themselves, for they originate and are constructed through a process of individualization. Although [...] they can also be formed from dominant institutions, they only assume this condition when and if the social actors internalize them, constructing their meaning on the basis of this internalization [...]. It can be said that identities organize meanings, while roles organize functions (CASTELLS, 2000, p. 23).

Lopes (2007) afirma que “construir identidade é como contar uma história que produza sentido para quem a conta e para quem a escuta”, a autora afirma ainda que:

[...] muito do que dizemos de nós mesmos ou do que os outros dizem de nós se constrói a partir de lembranças. Por isso a memória é considerada um atributo de suma importância para alinhar a organização dessa narrativa refletida e dimensão fundamental de processos identitários (LOPES, 2007. p. 145).

Durkheim, Moscovici, Pollak, Halbwachs, Castells, Lopes e outros teóricos são enfáticos em relacionar as Representações Coletivas e as Representações Sociais à Memória Coletiva e Social, que integram e constituem a Identidade Social dos sujeitos. A *memória* é uma forma de acesso ao passado, e é fonte de identidade tanto pessoal quanto coletiva, relembrar o passado é essencial para o sentido e a construção de *identidade social*. Memória individual e coletiva alimentam e guardam informações relevantes para os sujeitos e têm, por função primordial garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros.

A informação e a comunicação são mediadoras do processo de construção da memória e de identidade, que não são somente individuais, mas peças do contexto social que precede e continua além do homem e dos grupos sociais. A memória social é um processo coletivo em que é muito importante o papel de lembrar e conservar a memória, desempenhado pelo grupo social. Quando ocorre dispersão do grupo social, as gerações não se comunicam, ou ocorrem falhas na comunicação, a socialização das lembranças é difícil e truncada, assim como a fixação da memória é dificultada, em função da descontinuidade dos acontecimentos.

A sociedade contemporânea, globalizada, em que tudo é muito dinâmico, instável e flexível, faz com que as representações e identidades sociais tornem-se também instáveis. A organização coletiva do conhecimento e a circulação de opiniões são influenciadas pelos meios de comunicação, que atuam na formação das representações - onde têm importância a experiência e a vivência cotidiana dos sujeitos, e essas representações são o conhecimento que as pessoas utilizam no seu dia-a-dia.

## 2.2 O jornalismo como atividade e seus gêneros ou categorias

A linguagem jornalística apesar de ser cotidianamente apreciada pelos leitores não se faz patente considerando que os leitores buscam a informação e não a forma de criação jornalística. Os jornalistas, ao contrário, compreendem vivamente as formas de apresentar as informações e as suas finalidades. Este distanciamento entre o conhecimento jornalístico e a memória é refletido nas páginas que seguem, no sentido de possibilitar ao leitor compreender a produção de um jornal. O documento jornalístico, o jornal, segue padrões, e, muitas vezes, os pesquisadores não se referenciam nestes, tendo em vista que o documento é tratado como um texto “puro” não estruturado. Não se dão conta que o editor e jornalistas dão forma ao jornal para garantir que algumas formas de transmissão sejam asseguradas. Sobre isto se tratará a seguir.

O jornalismo, como atividade, é visível a partir do modo como os jornais são produzidos, os gêneros jornalísticos<sup>23</sup> que contêm e que são determinados por manifestações culturais de cada sociedade. Os estudiosos da área afirmam que o jornalismo é uma construção histórica e possui estrutura linguística própria. Marques de Melo (2003) escreveu a obra mais consistente sobre os gêneros jornalísticos em função das análises bibliográficas que fez ao longo do tempo, a partir das produções bibliográficas europeias, norte-americanas, hispano-americanas e brasileiras sobre esse tema.

Embora existam várias abordagens acerca do tema, utilizar-se-á neste trabalho a classificação de gêneros estudados por Marques de Melo (1994, 2003), Lage (2006), Piza (2003), Beltrão(1960), Medina (1978, 1986), e Mateu (1998) que atendem a critérios funcionais, de acordo com as funções que os textos desempenham em relação ao leitor, que seriam informar, explicar ou orientar. Marques de Melo propõe três categorias básicas, nas quais se enquadram os gêneros estudados pelos vários autores, a primeira caracterizada pelo jornalismo

---

<sup>23</sup> Para BAKHTIN (1997, p.289): “gênero é uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar idéias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras. Num certo sentido, é o gênero que orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, pois é nele que se manifestam as tendências expressivas mais estáveis e mais organizadas da evolução de um meio, acumuladas ao longo de várias gerações de enunciadores.” // “A linguagem é sempre histórica e social” (BAKHTIN, 1997, p 290).

informativo (nota, notícia, reportagem, e entrevista); a segunda em que se enquadra o jornalismo interpretativo (reportagem em profundidade); e por fim, aquela que contém o jornalismo opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor).

A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e, por isso, é mais freqüente no rádio e na televisão, enquanto a notícia é o gênero jornalístico por natureza e elemento fundamental de um jornal, caracterizando-se por ser um relato dos fatos sem comentários nem interpretação. Medina (1978) coloca que nos primeiros momentos da sociedade colonial norte-americana, a notícia era associada a fatos oficiais, ocorrências relatadas em cartas. A notícia é a informação, não é um acontecimento – o acontecimento real, mas a narração desse acontecimento, a história ou relato do mesmo é que nos atinge. A notícia conforma-se com o factual, os quês principais de um fato.

**O Pescador**

**Acontece**

**ENFERMAGEM:**  
Marta Oneda Carvalho é a mais nova notícia em enfermagem da Colônia Z-3. A história de Oneda vai além da sua conquista, já que enfrentou os bancos de estado alguns anos depois de ver seus filhos crescerem. O jornal O Pescador parabeniza mais uma conquista de uma "zateense".

**ANIVERSÁRIOS:**  
O mês de setembro foi de comemorções na Colônia Z-3! Entre os tantos aniversariantes que gostaríamos de deixar o nosso abraço, está o seu "Piang", presidente do Sindicato dos Pescadores e pessoa muito querida de toda comunidade.

**RÁDIO:**  
O programa de rádio O Pescador, da Rádio Taperoá, é o eixo das manchetes de sábado na Z-3. Traçando lazer e informação, os ouvintes participam, fazem homenagens e comemoram o final de semana de alto astral. Ligue e participe: 222-3023, sábados às 8:30h!

**BOLSA ESCOLA:**  
Dia 13 de setembro encerramos o período de inscrições para o programa Bolsa-Escola em Petelas A Escola Piquitar Brinquem inscreveu mais de 200 alunos, que disputam as 15 vagas destinadas à toda rede escolar de ensino fundamental. A seleção será feita pelo Conselho do Bolsa-Escola de Petelas, integrado por cinco representantes da Prefeitura e seis das entidades representativas. Poderão participar até três crianças por família, e a seleção deverá prestigiar aqueles de menor renda entre os inscritos, mas as bolsas serão insuficientes para atender a todos alunos carentes da cidade (Por Luciana Urbin).

**SECRETARIA DE TURISMO:**  
Aconteceu no dia 28/09 o Encontro Sócio-Ambiental de Descoberta no Ecocamping, para definir o calendário de atividades Verão 2001/2002, através das secretarias municipais e entidades representativas de Petelas e com a participação dos Guardiões da Z-3 em algumas atividades.

**GUARDIÕES DA Z-3 EM AÇÃO:**  
Vem aí, na temporada, atividades Guardiões e NEA (Núcleo de Educação Ambiental). Matrão de limpeza no Ecocamping e na Z-3, Campanha corpo-a-corpo, "Lixo ou Prazer" e Atividades Lúdicas.

**SUBPREFEITURA**  
A subprefeitura da Colônia Z-3 informa que continua trabalhando para a melhoria da qualidade de vida da comunidade. Entre as ações executadas no mês de setembro, o subprefeito Carlos Alberto Passos informa a realização de obras importantes como:  
- Contenção da erosão de Praia do Toá  
- Recuperação da Estrada do Cotovelo com a colocação de 500 m de areia e o aumento de 30 de altura.  
- Recuperação do acesso A Vila Marítimo,  
- Serviços gerais de limpeza.  
A subprefeitura trabalhou em conjunto com o DNER (Departamento de Estradas da Secretaria de Desenvolvimento Rural e demais integrantes da SMDR.

**Sonorização e Iluminação CÍCLONE**  
Especialização nos Casamentos, Aniversários, Festas

**ALBUQUERQUE VEÍCULOS**  
- Usados, Revisados c/ garantia  
- Veículos 0km todas as marcas c/ garantia de fábrica  
ALBUQUERQUE VEÍCULOS  
Av. Bento Gonçalves 4274  
TEL. 225 0037 - 2278009

Figura 11 - Exemplo de notícia publicada no jornal "O Pescador"

Fonte: Acervo da Autora

Já, a reportagem é um gênero jornalístico privilegiado porque permite maior criatividade, estando ligada à subjetividade de quem a escreve. Diferencia-se da notícia por permitir que se conte uma história, segundo um ângulo escolhido pelo jornalista que a investigou, e cujo propósito é o de relatar, de maneira explicativa, um acontecimento ou uma situação.

**O Pescador** Pesca

## Pescadores a espera de mudanças

*Período do defeso está terminando e os pescadores preparam-se para voltar a pescar*

Por Carmen Abreu e Gabriela Mazza

O final do mês de setembro é muito esperado pelos pescadores. A data não homenageia São Pedro, o padroeiro da Colônia Z-3, nem a Mãe dos Pescadores, Nossa Senhora dos Navegantes. Todo dia 30 de setembro, é a data do final do período de defeso. Durante quatro meses os pescadores não podem pescar, para que os peixes possam se reproduzir.

Enquanto esperam com ansiedade pela próxima safra, os pescadores recebem o seguro-desemprego do Governo Federal, auxílio este que geralmente é insuficiente para sustentar a família durante o inverno.

Outro benefício que os pescadores podem receber, é o Pronafinho, um empréstimo que o Banco do Brasil dá aos pescadores para que consertem as redes, barcos, e reparem o material avariado na última safra.

Com o fracasso da safra passada, devido às furtas chuvas, o recurso retirado no ano anterior ficou quase impossível de ser pago. Quase, porque este ano a Colônia Z-3 deu exemplo de união. Os pescadores se organizaram, e com a boa vontade dos responsáveis pelo Pronafinho no Banco do Brasil, conseguiram juntar o suficiente para que todos renovassem o empréstimo.

Esse fato renovou também aquele sentimento que estava um pouco esquecido, o companheirismo e a união dessa classe tão pouco valorizada pelos governantes.

Com a conquista vieram também outras opções de recursos como: o RSPesca, o Programa Coletivos de Trabalho, um curso de cultivo de camarão em cativeiro, entre outras atividades que surgiram para incentivar a vida do pescador da Z-3. Isso retrata o que os pescadores passaram durante estes quatro meses de defeso.

Agricultura, com a autorização para a pesca da tainha, do bagre e da corvina, o que gerou uma certa dúvida em relação ao assunto.

O representante do IBAMA em Pelotas, Antônio Mendonça, esclarece que as carteiras emitidas pelo Ministério da Agricultura autorizam a pesca daqueles peixes, mas baseados nos artigos da Portaria 171/98, e observa: "Com bom senso a situação será resolvida de maneira rápida e eficaz".

A assessora de Rudinei Morgada, Superintendente Regional do IBAMA, explica que oficialmente desconhece a reivindicação, mas que extra-oficialmente sabe do envio do documento à Brasília e adianta que, para aprovação, deverá ser solicitado um pleito para análise e estudo da ocorrência das espécies nos períodos de reprodução. "Estamos sensíveis a situação dos pescadores e dispostos a avaliar a solicitação", disse a assessora regional do IBAMA Leda Famer, em contato com o jornal **O Pescador**.

Enquanto a situação não se decide, os pescadores da Colônia Z-3 esperam que os meses de outubro e novembro não sejam de muita chuva e que a água finalmente saia este ano.

O pescador Clair Costa acredita que ainda exista condições de uma boa safra, mas que tudo vai depender das condições climáticas.

Seu Pitanga aguarda com ansiedade o desenrolar desta situação e espera que os pescadores possam trabalhar em paz, levando o sustento para suas famílias. "O pescador já está sacrificado demais", desabafa Seu Pitanga.

Esperamos que esta safra seja feita e que devolva aos pescadores da Z-3 a esperança de dias melhores. Que o bom senso seja o principal instrumento de decisão para aqueles que irão definir a proposição reivindicada pelos pescadores artesanais e que São Pedro faça a parte dele!

**ANUNCIE AQUI 3025.5499**

**Supermercado São Pedro**

Tel. 226 0102  
Rua Inácio Mota, 315

*"O pescador está precisando de uma boa safra, porque a situação está muito difícil."*

Para o pescador Clair Costa, tudo vai depender das condições climáticas.





Figura 12 – Exemplo de reportagem publicada no jornal “O Pescador”

Fonte: Acervo da Autora



Figura 13 - Exemplo de reportagem publicada no jornal "O Pescador"

Fonte: Acervo da Autora

Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade (MARQUES DE MELO, 2003). Medina (1986, p. 18), acentua seu caráter dialógico e a define como "uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular" e que corresponde de certa forma à noção de "relato privilegiado" de Marques de Melo, associando à entrevista o gênero perfil. O *Manual de Redação da Folha de São Paulo* define perfil como "texto que descreve ou reconstitui personalidade e modo de vida de uma pessoa, em geral personagem de uma notícia" (2001, p. 99).

PELOTAS, SETEMBRO DE 2005

**O Pescador** ECOS ESCOLA DE JORNALISMO UCPEL

ANO V - Nº 30 UM JORNAL A SERVIÇO DA Z-3 PELOTA DE ESPORTE

Contato:  
Rua Alm. Barroso, 1202 - Centro - Pelotas/RS  
opesgador@ucpel.tche.br  
53 3284 8115

## Dona Laura participa de livro

Fernando Diniz/OP



*"Laura que nasceu na mata e da mesma seus frutos colheu os quais gulosamente comen ..."*

**Fernando Diniz:**

**A** menina que nasceu na mata e escrevia na areia, com o sonho de um dia publicar um livro, está colhendo mais um fruto. Dona Laura quando fez esses versos (acima, trecho do poema Laura, sua primeira poesia publicada em 15/11/92, no jornal Diário Popular) não previa que teria uma carreira literária pela frente. Os contos da escritora da Colônia-Z3 foram publicados no livro Literatura Marginal (organizado por Ferrez, editora Agir, R\$29,90).

O livro mostra o trabalho de dez escritores de todo o Brasil, que assim como Laura, começaram a escrever num espaço onde a atividade literária não é valorizada. "Lá em casa, minha família achava que tudo isso era uma bobagem. O que eu escrevia, tinha que jogar fora", contou a escritora, que tinha o maior nível de escolaridade na sua casa: a primeira série do ensino fundamental.

Foi necessário o apoio de seus sobrinhos, Nito e Humberto, para que os seus textos fossem lidos. "Eles que pegaram meus papéis e levaram no jornal", disse Laura que sempre foi uma grande colaboradora do Jornal O Pescador, enviando contos e poesias para serem publicados desde a segunda edição.

Esse envolvimento levou a ex-integrante Gabriela Mazza a divulgar o trabalho da escritora, chegando às mãos de Ferrez (nome literário de Reginaldo Ferreira da Silva) que le-  
vou o nome de Dona Laura para a revista de circulação nacional Caros Amigos. O trabalho de Dona Laura foi comentado no Fantástico e recentemente no jornal Folha de São Paulo (deste último ela ainda não sabia).

Onde se tecem as redes, Laura fez o texto. "A Colônia Z-3 já me inspirou muito. Agora eu ando sem escrever, mas já posso dizer que plantei o amor e a poesia aqui.", disse, afirmando que está sem escrever, prejudicada pela sua visão. A escritora afirma que a morte de seu marido também desmotivou-a, chegando a dizer em agosto de 2003, neste jornal, que seria sua última publicação. "Mas no outro mês, eles [os integrantes do jornal] já estavam aqui em casa pedindo poesias para a próxima edição!", brincou Dona Laura.

**O livro**

Literatura Marginal, Talentos da Escrita Periférica é organizado por Ferrez, escritor e colunista da revista Caros Amigos. Reúne textos de autores da periferia de todo o Brasil. Trabalhos de Preto Ghóez, Eduardo Dum Dum (Facção Central), Dona Laura, Gato Preto, Rudson, Maurício Marques, Allan Santos da Rosa, Alessandro Buzo, Luiz Alberto Mendes e Eriton Moraes.

Dona Laura é a única mulher do livro e divide espaço com rappers, escritores da periferia de São Paulo. Publicado pela Editora Agir, o livro tem 136 páginas e está à venda nas livrarias.

Figura 14 - Exemplo de entrevista publicada no jornal "O Pescador"

Fonte: Acervo da Autora

Piza (2003, p.84) refere-se tanto à entrevista quanto ao perfil como gêneros da reportagem interpretativa, colocando que são mais interessantes do ponto de vista estético e criativo, unindo estes tópicos para compreender uma personalidade. O autor comenta que o gênero perfil permite ao repórter fazer um texto mais elaborado e consiste no melhor filão das matérias chamadas humanas

Lage ao falar da entrevista no jornalismo coloca que são as entrevistas com 'pessoas da comunidade com domínio do tema', 'especialistas na área' ou 'autoridades' que analisam e interpretam os fatos, dando ao espectador uma visão de profundidade. No jornalismo, diversos veículos estão buscando cada vez mais essa dimensão analítica, interpretativa ou mesmo opinativa, para fugir da mera cobertura factual, onde o papel do jornalista é identificar a fonte, incluindo o seu

olhar, seu testemunho, que neste caso é “normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva” (LAGE, 2006, p. 66). Mateu complementa afirmando que o objetivo das entrevistas é “verificar dados, obter valorações ou pronunciamentos sobre um fato da atualidade ou sobre um personagem que é notícia; enfim, trata-se de conhecer aspectos novos a partir do diálogo com os entrevistados” (MATEU, 1998, p. 151). Similar à entrevista, o depoimento é um gênero narrativo que tem o fim de documentar fatos vividos por um indivíduo em espaços de tempos e ambientes diversos. A técnica de um depoimento de vida busca uma fala mais livre, permitindo ao colaborador falar tudo aquilo que lhe parecer pertinente, agregando valor ao conteúdo exposto.

Os editoriais são uma página, um tipo de texto em que o conteúdo expressa a opinião e posição do meio de comunicação, sem a obrigação de ser neutro ou de conter alguma imparcialidade: ao tomar conhecimento de um fato que teve uma grande repercussão, expressa a sua opinião sobre ele, tem um caráter mais opinativo do que informativo. O editorial afigura-se como um espaço de contradições. Seu discurso constitui uma teia de articulações políticas e por isso representa um exercício permanente de equilíbrio semântico. Sua vocação é a de apreender e conciliar os diferentes interesses que perpassam sua operação contínua (MARQUES DE MELO, 1994, p.96) O editorial permite a discussão na sociedade devido aos espaços apropriados para isso, como as cartas dos leitores.

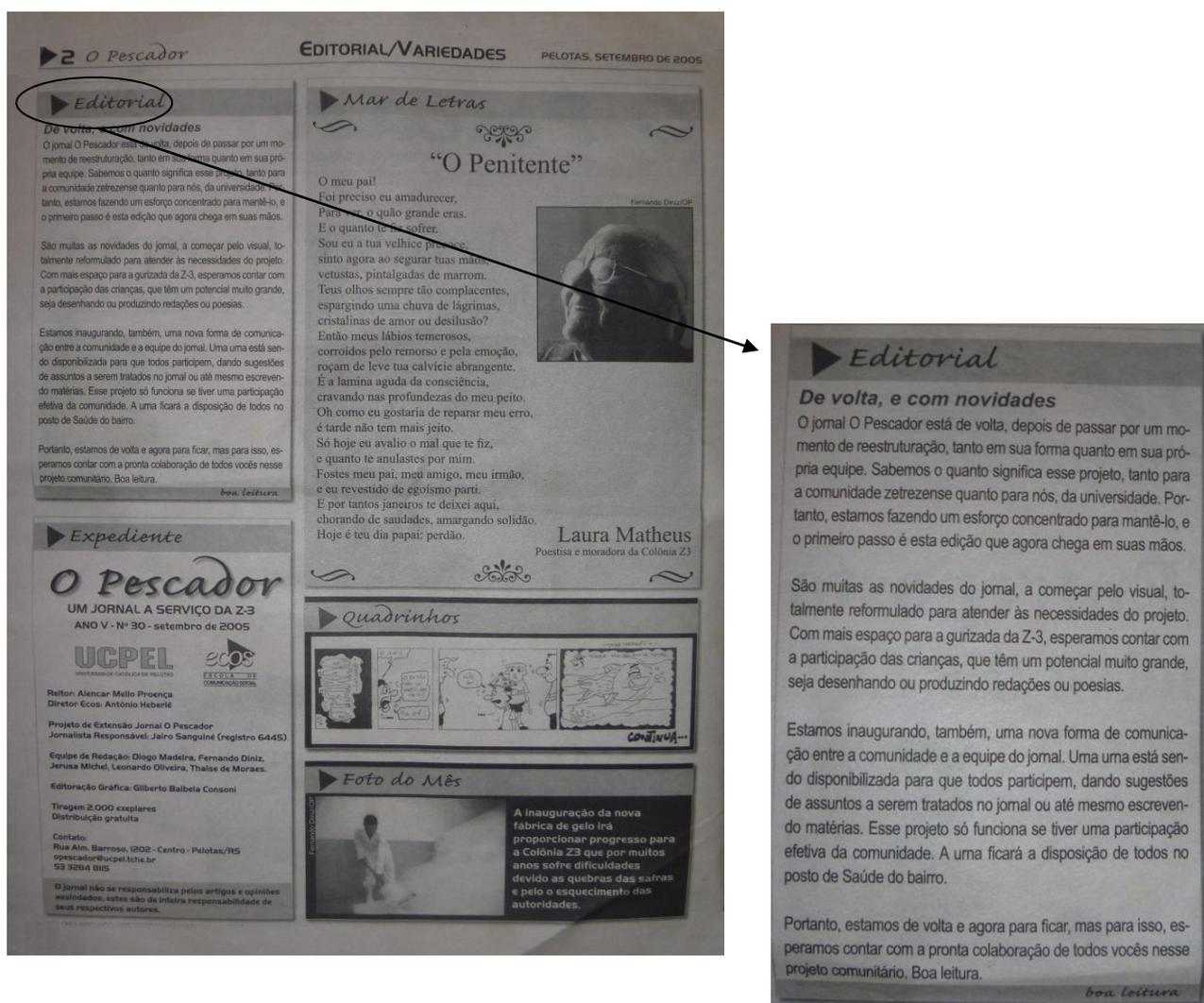


Figura 15 – Exemplo de editorial publicado no jornal “O Pescador”

Fonte: Acervo da Autora

As cartas são umas das seções mais lidas de um jornal, pois é onde os leitores expressam suas opiniões. São geralmente textos curtos, e podem ser escritas por qualquer pessoa, sendo publicadas desde que sejam coerentes, mesmo que a opinião seja contrária à do jornal.

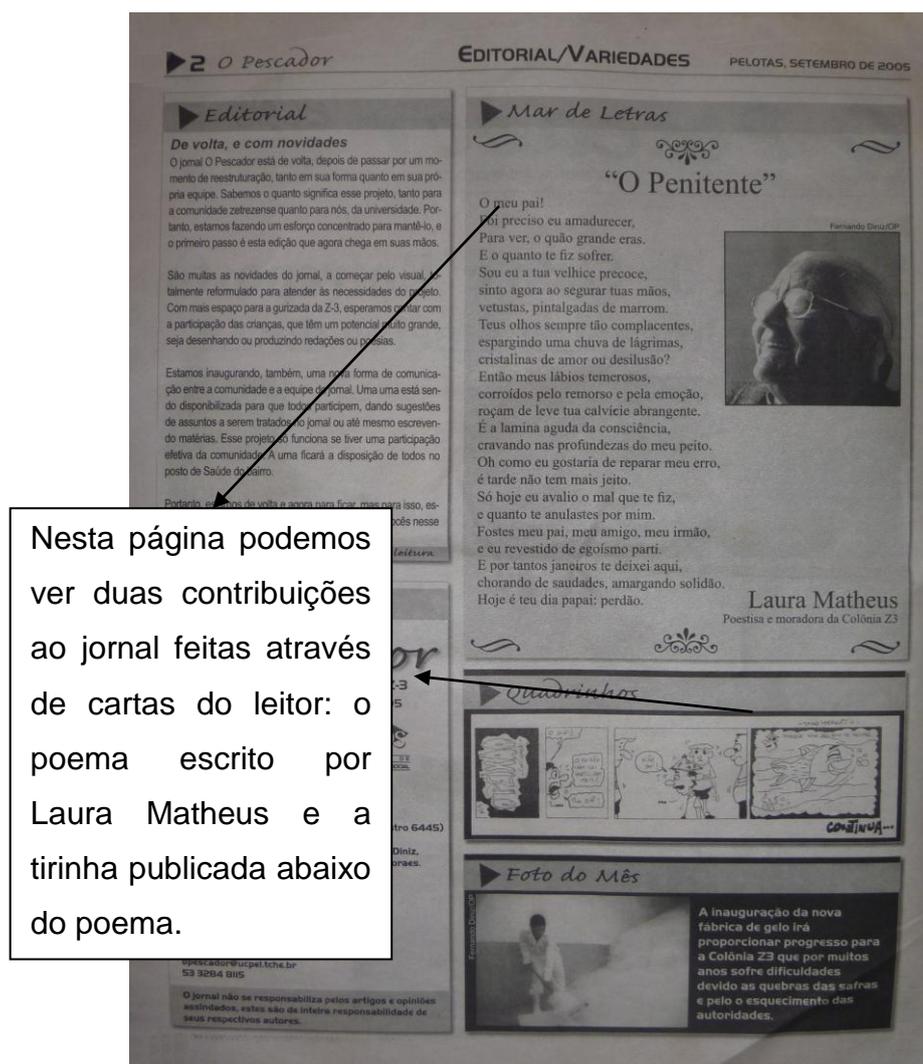


Figura 16 – Exemplo de Carta do Leitor publicada no jornal “O Pescador”

Fonte: Acervo da Autora

Artigo é um gênero do jornalismo opinativo, caracterizando-se por ser um texto que pode ser escrito não apenas por jornalistas, mas também por pessoas com conhecimento na área abordada, que podem conter comentários, análises, críticas, contrapontos, e, às vezes, ironia e humor. Na perspectiva de Marques (2003, p. 50), “dois elementos são específicos do artigo jornalístico: atualidade (cujo sentido não se restringe ao cotidiano, mas pode referir-se ao momento histórico) e opinião.” Eminentemente opinativo, o artigo é um espaço que contribui para democratizar a opinião no jornal e de acordo com Beltrão (1960), e, assim como a crônica e o editorial, aprofunda aspectos relativos a fatos de maior repercussão no momento. Ainda de acordo com o autor, os gêneros opinativos constituem manifestações da “dimensão de profundidade” jornalística.

As colunas<sup>24</sup> são espaços, relativamente recentes, que aparecem em veículos de comunicação de massa (FRASER BOND, 1962) e que são redigidas por profissionais, que, necessariamente, não têm graduação, mas que possuem conhecimento na sua área, e que escrevem com certa regularidade para veículos de comunicação, produzindo textos sem possuir, necessariamente o objetivo de informar. Na visão de Marques de Melo (1994, p. 137), “correspondem à emergência de um tipo de jornalismo pessoal, intimamente vinculado à personalidade do seu redator”. Este autor relata que estruturalmente a coluna é composta por mini-informações e fatos apresentados com muita brevidade, abarcando ainda, rápidos comentários sobre situações que emergem no contexto social, “Pontos de vista apreendidos de personalidades do mundo noticioso. Trata-se de uma colcha de retalhos, com unidades informativas e opinativas que se articulam. São pílulas, flashes, dicas.” (MARQUES DE MELO, 1994, p.138)

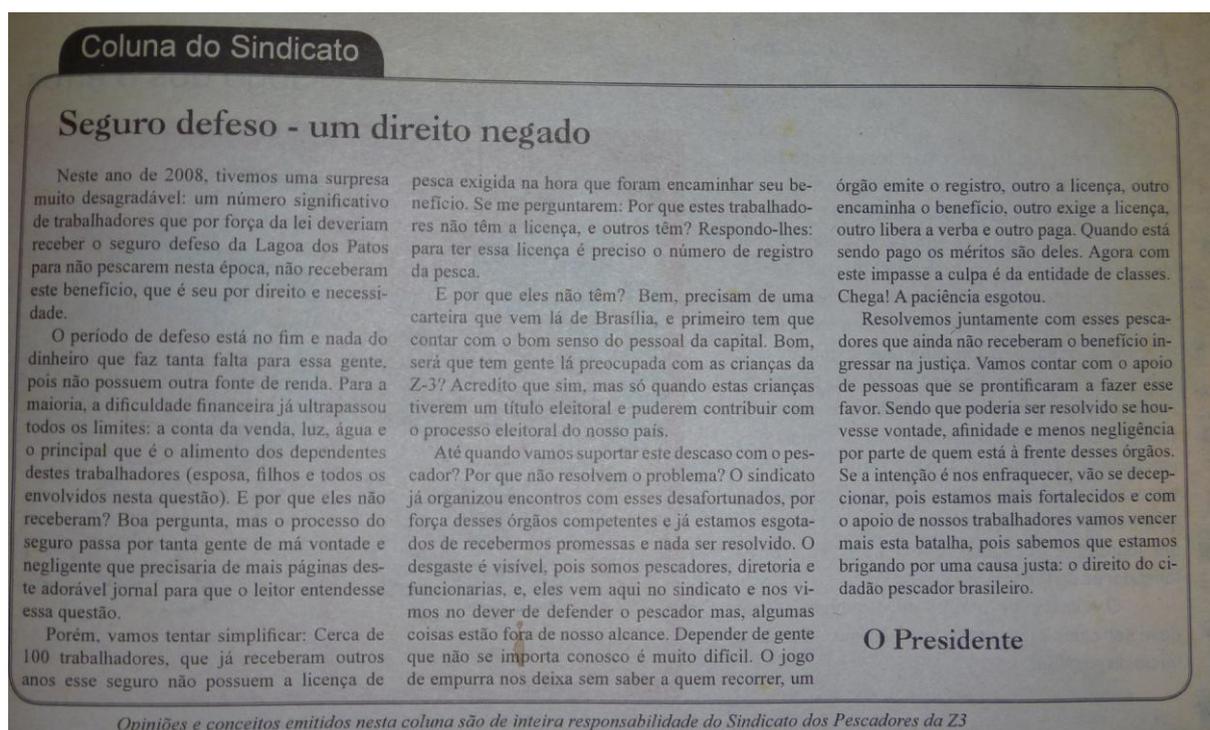


Figura 17 – Exemplo de Coluna publicada no jornal “O Pescador”

Fonte: Acervo da Autora

<sup>24</sup> Para Marques de Melo (1994), o nome “coluna” originou-se dentro da antiga diagramação, onde tudo que era notícia era diagramado na posição vertical.

Mas, não apenas os gêneros textuais expressam conteúdo, eles são na maioria das vezes, ilustrados por imagens, cujo conteúdo e informação, enriquecem as matérias publicadas.

Cabe ressaltar que dentre estas formas de canalização de informações em jornais, várias possibilitaram expor o universo de materialização da memória, esta como um universo de agregação cultural dos grupos. A estrutura do pensamento humano é universal e as capacidades mentais humanas variam de acordo com as funções de cada cultura, mas na mente humana, e, por conseguinte, a memória gerada dela, apesar das diferenças culturais, é em toda parte a mesma coisa, com as mesmas capacidades. (LEVI-STRAUSS, 2003, p.30). Esta reflexão estrutural do universo constituidor da mente possibilita pensar que os padrões de escrita jornalística, associados aos padrões de identidade, representação social e memória estão mediadas na linguagem jornalística, pela busca de enquadramento nas suas categorias de apresentação no jornal. O jornal propicia, além da escrita dos pensamentos, a aproximação através de imagens fotográficas que ajudam a expor as idéias.

Quaisquer que sejam os conteúdos das imagens devemos considerá-las sempre como fontes históricas de abrangência multidisciplinar. [...] O espaço e o tempo implícito no documento fotográfico subentendem sempre um contexto histórico específico em seus desdobramentos sociais, econômicos, políticos, culturais, etc. (KOSSOY, 2002, p. 21-26)

Pode-se constatar esta afirmativa nas imagens/fotografias do jornal O Pescador presentes ao longo do trabalho, pois elas se constituem em textos imagéticos, passíveis de leitura e interpretação, e embora não sejam textos narrativos, as imagens são uma construção histórica e cultural, lugares de memória. Nora afirma que “Identidade e memória são construções contínuas e a revitalização da história de um grupo obriga-o a redefinir a sua identidade” (Nora, 1993, p.19), muitas vezes por meio de ‘lugares de memória’. Na sua concepção, lugares de memória têm necessariamente existência física e material, são lugares em sentidos simultâneos mas em graus diversos: material, funcional e simbólico. “É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólico por definição visto que caracterizado por um acontecimento.” (NORA, 1993: 22) O jornal ao reproduzir as

imagens cria objetos físicos para “ancorar a memória” (Nora, 1993: 9), porque as vivências tidas e as descrições retratadas misturam-se, tornando-se esses ‘lugares’.

As imagens publicadas no O Pescador retratam os moradores da colônia Z3, referindo-se à sua identidade e ao fixar no papel as atividades que desenvolvem, ao contar suas histórias de forma visual, expressam representações sociais das pessoas e dos grupos que dela fazem parte. Essas imagens nascem do desejo de narrar o fato, falando da história, por meio desses objetos gráficos, que acabam não só por guardá-la para a posteridade, mas por determinar sua relevância nesse universo social.

Na realidade, uma fotografia não deixa de ser, ao mesmo tempo, OBJETO e FONTE, posto que se refere sempre a um mesmo início, a uma gênese única: sua criação e materialização se deram em determinado local e num preciso momento. [...] as fontes que as compõem são meios de conhecimento: Registros visuais que gravam microaspectos dos cenários, personagens e fatos; daí sua força documental e expressiva, elementos de fixação da memória histórica individual e coletiva. Em função de tais características, constituem documentos decisivos para a reconstituição histórica. (KOSSOY, 2002, p.34-35)

Essas imagens, são narrativas eletivas, mostram recortes escolhidos da realidade num dado momento e constituem um repertório de memória enquanto “estoque material daquilo que nos é impossível lembrar. [...] testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi” (NORA, 1993, p.15), que por sua importância não deveria ser esquecido. Kossoy complementa esse pensamento, colocando que:

O assunto, tal como se acha representado na imagem fotográfica, resulta de uma sucessão de escolhas; é fruto de um somatório de seleções de diferentes naturezas – idealizadas e conduzidas pelo fotógrafo – seleções essas que ocorrem mais ou menos concomitantemente e que interagem entre si, determinando o caráter da representação. (KOSSOY, 2002, p.27)

Em seu artigo “Mídia: imagens, ideologia e memória”, Bóris Kossoy nos diz que “a imagem tem papel preponderante na documentação dos acontecimentos” (2005, p. 51), isso pode ser facilmente visualizado nas páginas do jornal comunitário “O Pescador”. Podemos ver claramente como as imagens veiculadas nos exemplares do jornal, compõem um arquivo de memória de fatos e eventos importantes para a vida da comunidade. O autor coloca ainda que “dentre as diferentes formas de informação transmitidas pela mídia, as imagens, em geral, se

constituem num dos sustentáculos da memória” (2005, p. 50) e continua dizendo que:

As fontes iconográficas<sup>25</sup> (...) carregam em si informações sobre fatos, situações, lugares, edificações, sobre a mentalidade de uma época, enfim, que, não apenas complementam as transmitidas pelas fontes escritas, como também enriquecem o conhecimento com dados reveladores. Dados que, por vezes, jamais foram mencionados pela historiografia tradicional. (Kossoy, 2005, p. 50)

Kossoy (2005, p 50) afirma que “ao estudarmos as informações produzidas pela mídia, não apenas as imagens importam, senão suas articulações com as demais formas de expressão”. Para o autor, em qualquer época a ser estudada, a desmontagem das fontes é uma tarefa de fundamental importância a ser empreendida e neste sentido, as reportagens, matérias jornalísticas e as informações divulgadas pelas mídias, de uma forma geral, constituem um rico material para o estudo do passado.

Trata-se dos indícios existentes na imagem (iconográficos), e que, acrescidos de natureza histórica, geográfica, geológica, antropológica, técnica, a carregam de sentido. Um conjunto de informações escritas e visuais que, associadas umas às outras, nos permitem datar, localizar geograficamente, identificar, recuperar enfim, micro-histórias de diferentes naturezas implícitas no documento. (KOSSOY, 2007, p.41)

Sousa (2000) coloca que as primeiras manifestações do que mais tarde se transformaria no fotojornalismo, já no século XIX havia a intenção de fazer chegar uma imagem testemunhal ao público no momento em que os fotógrafos registravam um acontecimento com sua câmera. “Visando dar testemunho do que viam, encobertos pela capa do realismo fotográfico, começavam a ambicionar substituir-se ao leitor, sob mandato, na leitura visual do mundo.” (SOUSA, 2000, p. 27). Referindo-se ao papel do fotojornalismo, o autor afirma que é, acima de tudo, informar definindo-o em dois sentidos: o lato e o restrito.

---

<sup>25</sup> A iconografia (do grego “*Eikon*”, imagem, e “*graphia*”, descrição, escrita) é uma forma de linguagem visual que utiliza imagens para representar determinado tema. Na indústria editorial, a iconografia é a pesquisa e seleção das imagens que serão publicadas em livros, jornais ou revistas, seja como tema principal ou como complemento de um texto, podendo enriquecê-lo com relação a um período histórico (com imagens de esculturas, obras arquitetônicas, quadros), acontecimentos de uma forma geral, ou personalidades/pessoas importantes num determinado momento e contexto social (fotografias, por exemplo).

No primeiro, o entende como a atividade de realização de fotografias informativas, interpretativas, documentais ou 'ilustrativas' para a imprensa ou outros projetos editoriais ligados à produção de informação de atualidade. No segundo, o considera como a atividade que 'pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista ('opinar') através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico' (SOUSA, 2000, p. 12).

Le Goff (1994) aponta que, pela sua característica de mostrar a *verdade*, a fotografia é uma das manifestações mais significativas da memória coletiva, revolucionando-a porque "multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingida, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica". (LE GOFF, 1994, p. 460).

O conceito de fotografia e sua associação à ideia de realidade, de acordo com Kossoy (2002), estão muito arraigados no senso comum. Desta forma, cria-se um condicionamento implícito de que a imagem fotográfica seja um substituto imaginário do real. Na perspectiva do autor a fotografia funciona como uma forma de passado preservado, como a lembrança imutável e congelada de certas situações e momentos, numa marcha contra o tempo – ao apreciá-las, os homens "descongelam" momentaneamente seus conteúdos.

Acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advém de cada foto, o retratado ou retratista têm sempre, na imagem única ou no conjunto de imagens selecionadas, o *start* da lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim, da narrativa dos fatos e emoções. (KOSSOY, 2002, p. 138).

Tomando-se como exemplo tal objeto de estudo, o jornal comunitário "O Pescador" que articula textos, imagens e grafismos, pode-se afirmar que este em especial, serve como uma preciosa fonte de memória, uma vez que tem como foco, as atividades de uma única comunidade e traz em suas páginas tanto narrativas verbais quanto visuais da vida e da identidade desta comunidade.

Os jornalistas se deparam todo o dia com a decisão de como contar o acontecimento que foram cobrir. Na condição de sujeito que olha o acontecido com a função de descrevê-lo (este é seu ofício) para alguém que no dia seguinte dirá: eu não vi, mas li no jornal e, por isso, sei o que e como aconteceu, o jornalista está fazendo história (Berger, 2005, p. 65)

A autora nos diz ainda que o percurso que traz o passado (acontecimento primeiro) para o presente (reavivamento do acontecimento pelo seu potencial de atualidade) é trabalho de memória em forma de narrativa que se apresenta como um fato jornalístico. O passado, trabalhado como memória é reapresentado como atualidade, nesta representação há o encontro de uma memória e um novo acontecimento. Deste encontro brotam sentidos. (...) o passado ao retornar ao presente da imprensa é trabalho de memória (BERGER, 2005, p. 66).

A organização do jornal se sedimenta como forma de aproximação com o leitor e cumpre com isso já uma ação social. O jornalismo como registro dos acontecimentos, criando relatos escritos neste caso, exerce um espaço importante na realidade social, é atuante junto à história e na memória, é atividade e prática social.

### **2.3 Jornalismo e seus gêneros como atividade e prática social<sup>26</sup>**

As técnicas comunicativas foram desenvolvidas, ao longo do tempo, em função do desejo comum aos homens de manter vivas as lembranças de acontecimentos do cotidiano ou de fatos marcantes, sempre com o objetivo de contribuir para sua perpetuação no tempo. Mesmo em épocas primitivas, o homem fez inscrições em pedras, papiros, pergaminhos e outras técnicas buscando preservar e desenvolver a memória. Mais tarde foi a linguagem a forma encontrada para propagar os fatos ou acontecimentos e suas representações, constituindo-se no instrumento que proporcionou ao ser humano o papel principal na construção de sua própria história.

Com o passar do tempo, as formas de armazenar informações e de lembrar os fatos mudaram, principalmente, com o surgimento da escrita. O homem letrado, de forma diferente do homem primitivo<sup>27</sup>, tornou-se capaz de reconstruir, em retrospectiva, o tempo da história. O homem encarou a escrita como uma importante

---

<sup>26</sup> O Jornalismo como prática social está inserido nas Teorias do Jornalismo, cujos trabalhos pioneiros foram de Barbosa Lima Sobrinho, Carlos Rizzini, Antonio Olinto, Alceu de Amoroso Lima, Danton Jobim e Luiz Beltrão. Numa segunda etapa, destacam-se os pesquisadores oriundos de cursos de pós-graduação como José Marques de Melo, Muniz Sodré, Nilson Lage, Ciro Marcondes Filho, Cremilda Medina e Adelmo Genro Filho. Hoje os estudos mais consistentes de *Teorias do Jornalismo* estão vinculados aos pesquisadores da USP, UFBa, UnB e UFSC;

<sup>27</sup> O homem primitivo se socializava e armazenava informações por meio de repetições, mitos, imagens e representações (Claval - 2001 e outros,)

maneira de conservar as lembranças, porque "as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem" (HALBWACHS, 1990, p. 80).

Assim, ao constatar a importância da narrativa escrita na construção histórica das sociedades, não é possível descartar o valor do jornalismo impresso como documento histórico, no século XVIII, a partir do surgimento da imprensa. Esse período é marcado pela necessidade das pessoas de registrarem o cotidiano de maneira a manter a memória viva e a memória jornalística surge com "a entrada em cena da opinião pública, nacional e internacional, que constrói também a sua própria história" (LE GOFF, 1994, p. 461).

Beltrão (1960) coloca que a atividade jornalística é mais que somente informar, pois o autor acredita que é natural do ser humano a vontade de conhecimento, de saber as notícias que ocorrem em diversas esferas da sociedade.

Entre todas as atividades humanas, nenhuma responde tanto a necessidade do espírito e da vida social quanto o jornalismo. É próprio da nossa natureza informar-se e informar, reunir a maior soma de conhecimento possível do que ocorre no nosso grupo familiar, nas vizinhanças, na comunidade em que vivemos, entre os povos que nos rodeiam e, mesmo, nos mais longínquos rincões do mundo. Através desse conhecimento dos fatos, o homem como que alimenta o seu espírito e, fortalecendo-se no exame das causas e consequências dos acontecimentos, sente-se apto à ação (BELTRÃO, 1960, p.23).

O jornalismo, ao exercer a sua responsabilidade de informar a sociedade, colaborar com a cultura e cidadania, respeitar a privacidade dos cidadãos e agir em consonância com o interesse público, cumpre sua função social e age para que a população possa exercer a cidadania. Assim como tem o objetivo de informar a partir do levantamento daquilo que é do interesse público, o jornalismo também mobiliza a sociedade em torno de problemas, a fim de buscar soluções eficazes. Está inserido na sociedade como um meio de comunicação social, sendo utilizado como uma importante ferramenta pela população. Caso a função social do jornalismo não seja exercida, ele perderá o seu sentido e utilidade.

O jornalismo apresenta-se como peça fundamental no registro dos acontecimentos, transformando a realidade apreensível em relato, o que lhe confere função histórica na sociedade. Entendido como uma prática social, o jornalismo estabelece relações com o mundo simbólico e com o mundo material dos indivíduos, sendo que essa constituição de relações simbólicas e materiais, acontece enquanto

história e linguagem na perspectiva de Traquina (1999). História porque são relações que se constituem a partir das exterioridades do jornalismo, que se encontra inserido dentro do processo de produção, transformação e manutenção da sociedade, e linguagem porque são relações que se constituem também a partir do modo de quem faz.

A história construída pelas publicações nos impressos é feita através de uma visão recortada da realidade, mas dentro da diversidade de fatos ocorridos diariamente, o jornalista é obrigado a fazer um recorte das informações existentes e onde a escolha das matérias do dia é feita de acordo com o grau de importância para o público alvo. Portanto, a memória apresenta-se disponível, catalogada e comparável: "o saber deixa de ser apenas aquilo que me é útil no dia-a-dia, o que me nutre e me constitui enquanto ser humano membro desta comunidade. Torna-se um objeto suscetível de análise e exame" (LÉVY, 1993, p. 95).

A necessidade do ser humano de se relacionar com o espaço em que vive está diretamente relacionada com o registro dos acontecimentos nos jornais impressos. As notícias publicadas permitem que o homem se reconheça como participante, membro, da referida sociedade, e é a partir dessa identificação que ele será capaz de refletir sobre os problemas sociais existentes e poderá contribuir para a construção de outra realidade. É através da crítica e da participação pública que o homem se constituirá em ator da própria história.

Desta forma, o leitor quer se manter informado sobre os fatos ocorridos na região ou cidade onde mora, fator que deve ser levado em conta no momento da seleção das notícias, isto porque a questão da memória, presente nos impressos, está diretamente relacionada com o meio social onde o indivíduo se encontra. A memória é tratada por Halbwachs (1990) como um fenômeno de natureza social, por isso, pertencer a um determinado grupo é condição essencial para o registro da memória. Cada sociedade ou cada grupo social recorta o espaço a seu modo para que constitua num quadro fixo que encerra e localiza suas lembranças, porque a coletividade influi na formação da memória individual, que sofre mudanças de acordo com o lugar que o indivíduo ocupa na sociedade, por ser um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Em função de sua ligação com a construção histórica dos grupos sociais e da memória, com relação à prática profissional, o exercício do jornalismo exige o

domínio de técnicas e conhecimentos específicos. O jornalista profissional deve obedecer a um conjunto de normas deontológicas (ou código de ética) legitimadas<sup>28</sup>, entre as quais está o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange direito de informar e de ser informado; a divulgação da informação precisa se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público; apurando corretamente os acontecimentos, divulgando-os adequadamente, opondo-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defendendo os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, tanto entre os pares, quanto pelos demais setores sociais.

O jornalismo é uma prática social que constitui um dos elementos de formação da opinião pública. O caráter multifacetado do fenômeno possibilita que, um mesmo objeto, neste caso o jornalismo como prática social, seja compreendido por olhares distintos (a própria comunicação, a sociologia, a antropologia, a educação, entre outros). Uma das perspectivas da significação do jornalismo como prática social e discursiva na sociedade contemporânea é a possibilidade de reaproximá-lo da cidadania e do interesse público.

O jornalismo comunitário afigura-se como prática social da atividade, pois objetiva facilitar o intercâmbio de informações, o diálogo entre as organizações locais e os moradores e a promoção de formas educativas a partir da leitura e produção noticiosa e de outros gêneros da linguagem jornalística, bem como, através de seu desenvolvimento, possibilitar a promoção da cidadania e inclusão social.

Ao olharmos somente as capas dos exemplares do jornal “O Pescador”, objeto deste estudo, já podemos ter um bom exemplo do que foi afirmado acima. Caracterizado essencialmente como um jornal comunitário, as notícias veiculadas como manchetes de capa são um bom exemplo de intercâmbio de informações,

---

<sup>28</sup> Os agentes da comunicação social cedo se habituaram a não quebrar as regras da Deontologia ou Código de Ética, que no caso dos Jornalistas brasileiros pode ser encontrado no site da Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ, no endereço eletrônico [http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf). Nesse Código encontramos a afirmativa: “O exercício da profissão de jornalista é uma atividade de natureza social, estando sempre subordinado ao presente Código de Ética.” Portanto o código considera os direitos e deveres dos jornalistas, tornando claro que o mesmo tem o direito de resguardar o sigilo da fonte; de não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha; combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercidas com o objetivo de controlar a informação; e respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão; entre outras questões relativas ao exercício profissional.

diálogo entre as organizações locais e os moradores, promoção de cidadania e inclusão social ao abordarem assunto diretamente relacionados à vida da comunidade.

A capa da segunda edição do jornal, datada de julho de 2000, nos fornece as seguintes manchetes: Sol de Verão é campeão da Copa BTN<sup>29</sup> (manchete de meia capa, ilustrada com fotografia), Saúde: Saiba mais sobre os diversos serviços do posto. O Sonho: conheça a história de Dona Laura, a escritora da Z3, Histórico: Seu Polaco conta como era a antiga colônia; a Tristeza: A morte do barbeiro Edgar Costa abala familiares e amigos. Todas as notícias vinculadas às manchetes estão diretamente ligadas ao dia a dia da comunidade e dão voz e vez às histórias locais, oportunizando o protagonismo e a inclusão social.

---

<sup>29</sup> A Copa BTN tinha este nome por ter sido um projeto da BTN Eventos. Edição dos cinco anos da BTN Eventos – Jornal 24 – página 12 - matéria escrita por Rodrigo Cordeiro.



Figura 18 – Capa da edição número 02, de julho de 2000.

Fonte: Acervo da Autora

Outro bom exemplo de promoção de cidadania e inclusão social, tão característico do jornalismo comunitário verifica-se na capa da sétima edição que nos traz as seguintes manchetes: Retrato falado da escritora da Z3 – Laura Mateus, a talentosa revelação da Colônia Z3, terá sua história contada no Fantástico, em breve (manchete de meia capa, ilustrada com fotografia), Ann Backus na Z3, Super Sucesso pronto para a safra.



Figura 19 – Capa da Edição número 07, de agosto de 2001.

Fonte: Acervo da Autora

O jornal serve para a afirmação do jornalismo comunitário como prática social. A atividade, uma vez que objetiva facilitar o intercâmbio de informações, o diálogo entre as organizações locais e os moradores, a promoção de formas educativas a partir da leitura e produção noticiosa e de outros gêneros da linguagem jornalística, bem como, através de seu desenvolvimento, possibilitar a promoção da cidadania e inclusão social. A capa da vigésima sexta edição demonstra isso ao trazer as seguintes manchetes: “Mulheres pescadoras quebram tabus, conquistam admiração” (manchete de meia página ilustrada com fotografia), “Verão na Z-3: momentos de interação com a natureza e o ambiente”, “Urbanização: Proposta da Prefeitura divide opiniões” e “Pluralidade Cultural: as cinco regiões na visão dos alunos da Escola Raphael Brusque”.



Figura 20 - Capa da edição número 26, de novembro de 2003.

Fonte: Acervo da Autora

O jornalismo deixou de ter mão única para ser um processo em que estão desaparecendo as barreiras entre produtores e consumidores de informação – e no qual o jornalista perdeu a exclusividade do manejo e da transmissão de notícias. “A idéia central é a de que a elaboração da notícia está se tornando um processo contínuo, colaborativo e interativo. Este processo tem como características principais a transparência e a participação”. (CASTILHO, 2011). Encontramos outra prática social do jornalismo no chamado “jornalismo participativo”, o “jornalismo cidadão” é aquele em que as audiências atuam ativamente na produção das notícias, propondo que qualquer pessoa possa produzir e publicar matérias. É quando os indivíduos passam a ter papel ativo na recolha, análise, escrita e divulgação de informações – funções que antes eram restritas aos meios de comunicação (RODRIGUES, 2010).

Tal modalidade ainda é uma prática recente, mas que vem ganhando cada vez mais espaço – principalmente na Internet, devido às ferramentas interativas que proporcionam um acesso às mídias de forma rápida, fácil e econômica. Para Brambilla (2006), é aí que entra o papel dos jornalistas. Com sua formação, valores e práticas adquiridos na carreira, o profissional da comunicação deve atuar na edição do conteúdo criado pelo público, organizando o vasto material e emprestando a credibilidade necessária à atividade jornalística. Nesta reconfiguração, o jornalista tem como principal função juntar as idéias e dá-las um formato agradável ao público. Assim, “[...] desmistificaria o jornalista como um propagador de pontos de vistas soberanos, instituindo-o como alguém que consolida uma informação que vem do público, a que se acrescenta a importância que o jornalista assume no estímulo à discussão pública de pautas com diferentes enfoques” (BRAMBILLA, 2006, p.53).

O jornalismo comunitário e o jornalismo cidadão, ambos procuram refletir e problematizar a comunidade local em sua relação interna, mas também fazendo a mediação das representações do bairro, construídas pelos meios massivos. Para isso, a prática jornalística é articulada a estratégias educativas e de fortalecimento da consciência da população local sobre sua história, práticas culturais e identidade.

#### **2.4 Temas que atingem a comunidade: Jornalismo Comunitário**

A comunicação pode trazer benefícios ou prejudicar o povo, dependendo de como ela é usada e de como as pessoas agem em relação a ela (GUARESHI, 2004). Para Marcondes Filho o jornalismo comunitário ajuda na socialização do indivíduo como ser, diferentemente da grande imprensa. Para ele, este tipo de jornalismo traz consigo a humanização e a realização do sujeito como um indivíduo importante e não somente mais um, sendo esse um espaço da realização individual que já não é mais possível na sociedade que tende a cada vez mais nivelar as pessoas, deixando-as na generalidade (MARCONDES FILHO, 1987).

Por causa da proximidade entre jornalistas e leitores dentro da comunidade, a identificação dos interesses, opiniões e posicionamentos se dá de uma forma muito mais clara. As matérias e artigos veiculados em um jornal comunitário trazem geralmente comentários sobre temas que atingem ou fazem parte da vida da

comunidade. Além disso, a redação costuma usar linguagem mais informal e coloquial, principalmente quando o público leitor tem baixo nível de instrução formal.

Dentro do jornalismo comunitário estão incluídas a cobertura de eventos (festas, comemorações, nascimentos, falecimentos), da política local, das instituições que geram produtos e fatos (associações de moradores, sindicatos...), as políticas públicas para a área e o dia-a-dia da comunidade.

E, ao jornalismo comunitário, cabe a identificação das "necessidades" da comunidade e explorá-las através de pautas que informem os moradores sobre as causas e possíveis soluções para esses problemas. Peruzzo (2002) coloca que o jornalismo comunitário contribui para, de certa forma, resgatar sua história, servindo ainda como espaço para manifestação dos moradores e de promoção da cidadania – levando em conta que segundo a autora “o status de cidadão é uma construção social que vem se modificando ao longo da história”. A autora coloca ainda que a cidadania inclui:

a) direitos no campo da liberdade individual: liberdade, igualdade, locomoção e justiça; b) direitos de participação no exercício do poder político: participação política em todos os níveis: eleições, plebiscitos e órgãos de representação, tais como sindicatos, movimentos e associações; c) direitos sociais: direito e igualdade de usufruto de um modo de vida digno, através do acesso ao patrimônio social, ligado ao consumo, ao lazer, a condições e leis do trabalho, à moradia, à educação, à saúde, a aposentadoria etc. Os direitos civis e políticos são chamados de direitos de primeira geração; os sociais, de segunda geração. (PERUZZO, 2002, p. 6)

A busca pelo exercício da cidadania é uma das preocupações constantes dos componentes do projeto do jornal, tanto no tratamento do discurso midiático quanto na busca pela participação dos membros da comunidade na sua produção e na conscientização da apropriação e exercício de seus direitos, assim como na expressão de sua identidade e representação social.

O jornal como um veículo comunitário tem uma nova forma de diálogo entre a comunidade e o poder público, permitindo que ocorram melhorias estruturais em função das reivindicações dos moradores que tem esse instrumento para gritar, registrar fatos e eventos, reivindicar. O poder público tem outros olhos e age com mais atenção em comunidades que têm o poder de se expressar sobre a realidade social que as cerca.

Peruzzo (2002) alerta para o fato de que os meios de comunicação comunitários/populares são, ao mesmo tempo, 'parte de um processo de organização popular', e canais com conteúdos informativos e culturais, possibilitando, ainda, a prática de participação direta no mecanismo de planejamento, produção e gestão, que pelo próprio processo e pelo conteúdo que transmitem, dão uma contribuição dupla para a construção da cidadania.

Por seus conteúdos podem dar vazão à socialização do legado histórico do conhecimento, facilitar a compreensão das relações sociais, dos mecanismos da estrutura do poder (compreender melhor as coisas da política), dos assuntos públicos do país, esclarecer sobre os direitos da pessoa humana e discutir os problemas locais. [...] Podem facilitar a valorização das identidades e raízes culturais, abrindo espaço para manifestações dos saberes e da cultura da população: da história dos antepassados às lendas e às ervas naturais que curam doenças. Ou servir de canal de expressão aos artistas do lugar, que dificilmente conseguem penetrar na grande mídia regional e nacional. Ou, ainda, informar sobre como prevenir doenças, sobre os direitos do consumidor, o acesso a serviços públicos gratuitos (como registro de nascimento) e tantos outros assuntos de interesse social (PERUZZO, 2002, p. 7)

A comunicação de caráter bilateral é indispensável para o andamento do jornal, em que um trabalho detalhado de conhecimento da comunidade deve estar sempre sendo feito. Participando de seus movimentos sociais, festividades e qualquer evento que reúna a comunidade em geral para, então, criar uma relação de cumplicidade entre as partes envolvidas.

O processo de construção se efetivou através das lideranças comunitárias, com o objetivo de conhecer, por seu intermédio, a história e os ideais da comunidade: como vivem, visões políticas e ideológicas, identidades culturais, religiosidade (predominante e individual). Só após o conhecimento dessas características, partiu-se para a construção da identidade do meio de comunicação.

O jornal comunitário deve e busca ser o espelho da comunidade a que se destina, para assim construir uma estreita relação entre os sujeitos interagentes. Sendo a Colônia Z3 uma comunidade ligada basicamente à pesca, o próprio nome do jornal, "O Pescador", já remete a atividade base exercida pelos moradores, que, em sua maioria, sobrevivem da pesca e de seus subprodutos.

Sempre buscando veicular temas ligados diretamente à vida da comunidade, o jornal traz, em suas páginas, muitos textos ligados somente à pesca. Também se destacam nas páginas do jornal, os temas que são vinculados diretamente à vida da

comunidade, como questões de saúde, educação e infraestrutura, podendo-se observar nas imagens abaixo.



Figura 21 - Capa da edição número 05, de outubro de 2001.

Fonte: Acervo da Autora

Além das matérias de capa, integraram a quinta edição as seguintes notícias: orçamento participativo na Colônia Z3; inauguração da Fábrica Lótus, que atua no beneficiamento do pescado, exposição do livro “História de Pescador” em Santa Catarina, na cidade de São Francisco do Sul; a Feira do Peixe e a semana santa; educação ambiental na escola Rafael Brusque os serviços oferecidos pelo Sindicato dos Pescadores; o programa de rádio dos integrantes da equipe do jornal “O Pescador” e a última notícia, que integra a contracapa, traz informações sobre a Copa BTN e o time destaque “Da Erva”.



Figura 22- Capa da edição número 12, de agosto de 2002.

Fonte: Acervo da Autora

Na edição de número 12, além das notícias de capa, integraram a edição as seguintes notícias: projeto de ginástica olímpica que completa três anos na Escola Raphael Brusque, nova cooperativa criada na Colônia, chamada Cooperativa de Frutos do Mar, liberação da verba de R\$160 mil reais para os pescadores participarem do programa RS Pesca, o fim da Copa BTN e a história da equipe Marítimo F.C. que pode voltar a disputar o Campeonato Colonial em 2003.



Figura 23 - Capa da edição número 32, de setembro de 2006.

Fonte: Acervo da Autora

A trigésima segunda edição conta com notícias sobre a parceria entre a Cooperativa Estadual de Agricultura e Pesca, Movimento dos Pescadores, Sindicato dos pescadores, Cooperativa dos pescadores, Cooperativa de Crédito Rural Horizontes Novos do Novo Sarandi Ltda. e Caixa Econômica Federal a fim de se construir cem casas de alvenaria para as famílias mais necessitadas. Aborda também os temas: violência doméstica e familiar, a criação de duas novas modalidades de pesca no estado, semiprofissional e esportiva. Fala sobre o Projeto Icônico para viagem – Arte nos coletivos de Pelotas, da UFPel que desde maio faz parte de quem utiliza os ônibus da empresa São Jorge e sobre o Projeto Ponto de Cultura, que agora foi implementado na Escola Raphael Brusque. Relata o encontro

sobre educação que aconteceu no dia 14 de agosto e teve como objetivo discutir o Projeto SESI – Por um Brasil Alfabetizado. Traz à tona a discussão sobre os cães que andam soltos e abandonados pelas ruas da Z-3. Fala ainda do projeto que semanalmente leva sacolas de alimentos a 108 famílias. Aborda a dúvida dos idosos em relação ao pagamento de transporte coletivo, que deveriam, segundo o Estatuto do Idoso, após os sessenta anos, ter passagem gratuita.

Ao observar estas três edições, de períodos bem distintos, é possível constatar que o jornal traz em suas páginas, assuntos que são de interesse da comunidade e que retratam a vida, as dúvidas, os interesses dos moradores da Colônia Z3, assim como a infraestrutura, ou a falta dela, e como atinge a comunidade direta ou indiretamente.

Com o projeto novas possibilidades foram abertas, as quais inegavelmente alteram diversos padrões no processo de comunicação entre emissores e receptores. Portanto, vale destacar o caráter coletivo do jornalismo comunitário. Segundo Chauí (2003, p. 140), a filosofia, a grosso modo, conceitua memória como “uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança”.

Os jornais comunitários, e nos dedicamos ao exemplo do jornal O Pescador, deveriam atender a veiculação de informações e o fortalecimento da memória da comunidade em questão. Esta proposição encontra apoio em Walter Benjamin, filósofo alemão, para quem o passar dos tempos e a chegada dos tempos modernos trouxe a desorientação das formas especificamente modernas de narrativa (romance moderno, *short-story*, jornal), porque foi deixando de existir a ‘capacidade’ de contar histórias, e com isso instalou-se a incapacidade de trocar “experiências”. Benjamin afirmava que as melhores narrativas escritas eram aquelas que se aproximavam das histórias orais contatadas por inúmeros narradores anônimos, e consistiam num meio ‘artesanal’ de comunicação, e na sua perspectiva existem incompatibilidades inconciliáveis entre a narrativa e a informação. A narrativa oferece reflexão, espanto e nunca se exaure; a segunda surge de forma efêmera e somente tem valor enquanto novidade. O autor aponta a definição de memória como uma capacidade épica<sup>30</sup> e para ele, existe uma diferença de atuação da *lembrança* na narrativa e no romance, sendo ambos advindos da epopeia que se divide em dois momentos: “o da

---

<sup>30</sup> A Mnemosia, deusa da reminiscência era a musa do gênero épico entre os gregos.

memória perenizante do romancista em oposição à memória de entretenimento do narrador” (BENJAMIN, 1993, 67). Assim ele define a informação jornalística moderna como incapaz de ser apreendida pela memória, por conta de sua pecha de produto a ser consumido instantaneamente. “(...) reduz-se ao instante em que era nova. Vive apenas nesse instante, precisa entregar-se inteiramente a ele, e, sem perda de tempo, comprometer-se com ele”. (1993, 61-62).

Para Benjamin o sujeito moderno, leitor ávido de informações, apresenta uma nova forma de lidar com a memória, que se forma fugaz. Para a imprensa importa aquilo que é novidade, assim rapidamente ela substitui informações por outras mais novas, e este processo se torna contínuo, por isso a imprensa estará condenada a não contribuir com a memorização dos fatos e não deve ter muitas pretensões junto à questão da memória. Porém, Benjamin (1993) torna possível outra concepção no que se refere ao jornalismo comunitário, que pode se tornar instrumento de aquisição, conservação e evocação da memória de uma determinada comunidade. Isto porque apesar de predominar no jornalismo a busca pelo novo, ressalta-se que seus discursos produzem sentido para os processos históricos e destacam os fatos que se tornarão memoráveis no futuro. Principalmente quando são produzidos e relatados a partir da própria comunidade, e, principalmente porque em sua produção ainda existe espaço para a narrativa das histórias da comunidade, para a divulgação dos perfis de seus personagens, entre outros aspectos.

### **3 A constituição da Identidade, representação social e Memória Coletiva nas páginas do “Pescador”**

Analisar as práticas do jornalismo e do jornalismo comunitário que constituem a Memória, refletindo sobre a Representação Social e a Identidade Social, objetivos do trabalho, pontua este capítulo. Verifica-se como se articulam com as identidades sociais e coletivas nas comunidades em que interage este jornalismo, identificando como o discurso do jornal comunitário (artigos, reportagens, fotografias, comunicação textual) reconta, reformula, valoriza relatos, histórias de vida e trabalho dos moradores da Colônia Z3. Demonstra-se como “O Pescador” articula as representações sociais, as identidades e a memória na comunidade da Colônia Z3. A Representação Social, constituição da Memória e da Identidade Social no jornalismo comunitário, está relacionada a produção deste jornalismo, sendo composto de memórias individuais e coletivas. Além da pesquisa bibliográfica, como apoio à investigação do Jornal O Pescador, utiliza-se fontes documentais conforme os depoimentos dos moradores levantados em etnografia no acervo do próprio jornal (projeto do jornal comunitário), bem como do conteúdo publicado nas edições, que revelam as intenções do jornal comunitário: idealizar um instrumento de comunicação que desse visibilidade e voz à comunidade da Colônia de Pescadores Z3. Essas fontes documentais auxiliaram a composição do aspecto teórico deste estudo e permitem estabelecer um diálogo intenso entre os dados encontrados e o arcabouço teórico da pesquisa bibliográfica.

#### **3.1 Para entender as explicações cognitivas da realidade vivida**

A vida, o cotidiano, o dia a dia, pode ser chamado de realidade vivida, ele é marcado pela cultura de cada um que o vive. A idéia de representação social é variada, mas vivamente entendida em seu universo dinâmico e relacional dentro da trajetória de um grupo que a elabora. O processo contínuo que a constitui, marcado por ações coletivas ou individuais, são refletidas por pensamentos coletivos e

mostram as relações estabelecidas dentro e fora do grupo, na interação com outros indivíduos ou outros grupos sociais (JODELET, 2001; MOSCOVICI, 2004).

A ação dos indivíduos é fruto das representações sociais que seu grupo elaborou. O grupo social formula e aplica regras e a partir destas elabora novas ou reafirma informações na sua realidade vivida (história). A identidade se constitui coletivamente e na interação com o outro e com o vivido aparece a representação social, conflui a identidade coletiva para como o grupo se entende e pretende ser entendido pelos outros. A argumentação do grupo pode ser entendida como as explicações cognitivas da realidade vivida (POLLAK, 1992).

O exame deste conteúdo discursivo do jornal “O Pescador”, mostrou, a partir das categorias, representação social, identidade e memória, que este meio de comunicação constitui-se, não só em fonte documental para pesquisa, mas também num instrumento do processo de apropriação e assimilação da realidade e do mundo. Conjuga-se esta análise com a observação das experiências, vivências e interações concretas no grupo social, onde se constitui a atividade mental de reorganização e recriação do mundo real pelos sujeitos.

Esse estudo envolveu pesquisa bibliográfica e documental. O acolhimento das bibliografias referentes ao jornalismo é parte da trajetória vivida pela autora e nos referentes sobre memória são frutos do processo de desenvolvimento do mestrado. A documentação referida é basicamente a ligada aos jornais, entrevistas, depoimentos e o próprio jornal. Neste sentido entender o jornal como documento e como objeto de pesquisa é compreender sua amplitude enquanto forma de aproximação da ciência do patrimônio e memória.

O universo documental dos narradores e dos seus depoimentos expressos nas páginas do jornal são fortes indicadores da retenção da memória, memória enquanto aglutinador do vivido e eternizado pela escrita. O caráter coletivo das idéias, histórias e experiências vividas por um grupo social específico e o fato de que as representações sociais são formas de conhecimento socialmente construídas pelos integrantes dos grupos para explicar as relações estabelecidas entre eles, com outros grupos e com a natureza, orientação para a ação social.

Desta forma, para tornar mais claras essas relações estabelecidas, como já foi explicitado na metodologia escolhida, a priorização de categorias de análise se realiza através de categorias eleitas, que são os valores atribuídos a determinados

conceitos, a fim de obter parâmetros que permitam as caracterizações e comparações. As categorias da análise possibilitam dividir os corpos amplificados que se quer total, mas que é impossível de abarcar pela argumentação do texto. Assim, ao impor sistemas de controle que são as categorias de análise de conteúdo, encontram-se padrões e tendências, que dão significado e são importantes diretores de processos de compreensão da realidade, que neste caso são expoentes de memória. O reconhecimento destas expressões significativas que abarcam a realidade vivida, impressas nas páginas de “O Pescador”, marca a contenção escrita das informações que agrupamos por categorias, por sua recorrência.

### **3.1.1 Forma de Análise**

Através da fundamentação presente nos aspectos teóricos traçados ao redor do conceito e da proposta metodológica, observa-se, a seguir, após cada categoria escolhida para análise, como as matérias dos jornais analisados podem revelar-se como registros efetivos de memórias, compilando o conteúdo dos jornais por ano, em uma tabela que identifique as categorias propostas.

#### **3.1.1.2 Descrição da análise**

Frente a um corpus extenso, opta-se por utilizar técnicas da análise de conteúdo, método que sustenta a interpretação subjetiva em procedimentos objetivos (BARDIN, 2010, p.44). Faz-se uma pré-análise com o levantamento e seleção de todos os temas que se gostaria de tratar. Os distribuímos em três categorias (representação social, identidade social, e memória) e as relacionamos com o material encontrado no jornal comunitário “O Pescador”. Nesse processo uma matéria pôde entrar em várias categorias ou subcategorias; mas as unidades de registro (fragmento de texto) colocadas em uma categoria, não se repetem em outras, conforme orientação de Bardin (2010).

Após a separação dos textos em suas determinadas categorias, parte-se para a análise de seus sentidos – momento em que se pode responder à primeira pergunta do trabalho (se o jornalismo comunitário não ocupa os *lugares de memória*, pode ocupar, pelo menos, espaços privilegiados no arquivamento e produção da

memória contemporânea?). Diante de um resultado ainda extenso, foca-se em aspectos específicos - e ao mesmo tempo gerais, por serem representativos dos conteúdos dos jornais - de cada categoria. Com eles, foi possível responder a outras perguntas do trabalho: o jornalismo comunitário proporciona aos pescadores da Z3, em seus conteúdos, aspectos em que estão presentes elementos de Identidade Social? E de Representação Social? E de Memória?

É o resultado da análise desses pontos que se apresenta em seguida.

### 3.2. Categorias da Análise

A escolha de categorias de análise, na perspectiva de Bardin (2000)<sup>31</sup>, compara o conteúdo produzido nas páginas do Jornal Comunitário “O Pescador” aos conceitos dos autores estudados com a finalidade de identificar se estão presentes conteúdos que as contemplem e permitam aferir o objeto e o objetivo do estudo.

A recorrência e a marcação de padrões de imagens advindas do real são bases para a criação destas categorias. Neste estudo por sugestão de profissionais do jornalismo e da memória e patrimônio<sup>32</sup>, reduz-se a três as quais se considera as mais significantes para expressar padrões de memória e valorização do lugar, no período de 2003 a 2006, em que a autora participou do projeto de extensão.

Os conceitos de *Representação Social*, *Identidade Social* e *Memória*, seu entrelaçamento, e suas inúmeras abordagens já foram explicitados no capítulo anterior, onde também se aponta para a escolha de abordagens teóricas, bem delimitadas, com o objetivo de conhecer e analisar a questão proposta da melhor maneira possível.

#### 3.2.1 A Identidade

A categoria Identidade é contemplada no material produzido no jornal comunitário à luz do conceito de Pollak (1992, p. 204) onde a *Identidade Social* é “a imagem de si, para si e para os outros”. Essencialmente caracterizada pela forma como nós próprios nos vemos, é um sentido do “eu” ancorado num modelo com o

---

<sup>31</sup> Análise de conteúdo

<sup>32</sup> Avaliação feita pelos professores Fabio Souza da Cruz e Carla Rodrigues Gastaud na banca de qualificação deste trabalho.

qual nos identificamos, conjugada com a forma como os outros nos vêem. Também será levado em conta o pensamento de Castels (2000), quando este afirma que o processo identitário é construído por meio das relações face a face e que os indivíduos necessitam uns dos outros para formarem a sua própria identidade.

As manifestações de identidade são possíveis de perceber muitas vezes por sua associação com formas típicas de representação social dos grupos. Formas definidas de demonstração de traços de sentido ligados a uma gama maior de indivíduos, que estão na coletividade.

A categoria elencada nos diversos textos dos jornais em análise foi tabelada para melhor compreensão. Estas tabelas, que também aparecerão nas outras duas categorias, são constituídas da referência aos periódicos, sua localização com destaque ao tipo de texto jornalístico (reportagem, depoimentos, etc, conforme descrito no capítulo 2<sup>33</sup>) e um resumo do texto de referência, vinculando os atributos que constituem a imagem jornalística comunitária em análise.

Tabela 2 - Material relativo à Identidade no "O Pescador"

<b>Categoria Identidade</b>		
<b>Período</b>	<b>Material publicado no Jornal</b>	<b>Gênero Jornalístico</b>
<b>Ano 4 – N 17-2003</b>	Página 2 - "Mais um Dia" na seção Mar de Letras.  Página 8 - Perfil - Claudemar	Seção do Jornal em que os moradores contribuem com <b>depoimentos e textos variados</b> . Mais um dia é uma poesia de uma poetisa da Z3, Dona Laura, que descreve o pescador em seu dia-a-dia, quem ele é, como é sua rotina.  O <b>perfil</b> mostrado nesta edição foi de Claudemar que relata "quem é o pescador" e as dificuldades encontradas na profissão de pescador. Fala de sua trajetória, do aprendizado da pesca, do início da atividade profissional muito cedo na vida, mostra as características da vida pessoal e familiar dos pescadores.
<b>Ano 4 – N 18-2003</b>	Página 5 - O trabalho de quem depende da pesca	<b>Reportagem</b> elaborada por Val Cunha, <i>uma das alunas de jornalismo</i> participante do projeto de jornalismo comunitário, que aborda o trabalho do pescador, sua rotina no dia a dia, a estrutura familiar em que

<sup>33</sup> Cabe ressaltar que as categorias de escrita jornalística (gênero) cria um universo possível de reconhecer as formas de abordagem da identidade (e também da memória e representação social).

	Página 8 – Perfil – Kiko, o filho da Z3	<p>todos os membros são pescadores. Comenta ainda a busca por aperfeiçoamento profissional na área e a busca de alternativas em períodos difíceis para a pesca.</p> <p>Nesta edição o <b>perfil</b> foi do Kiko, que nasceu na Z-3 foi pescador, mas diante das dificuldades encontradas, precisou sair da Z3, aprendeu outros ofícios, virou dono da empresa Kiko Baterias, mas voltou para a Colônia de Pescadores onde além de continuar as atividades em sua empresa ele levou o esporte – o futebol para lá, formando um time. Kiko fala que sua experiência de vida na Z3 fez dele a pessoa que é.</p>
<b>Ano 4 – N 20-2003</b>	<p>Página 5 – São José do Norte, a “mui heróica vila”</p> <p>Página 8 – Perfil – Chim, o zetresense de coração.</p>	<p><b>Reportagem</b>, escrita por Val Cunha, que aborda São José do Norte e a designa como “mui heroica vila” por ter sido palco das maiores batalhas Farroupilhas, vinculando-a ao território gaúcho. A seguir registra que de 80 a 90% da comunidade nortense é de pescadores e familiares, descrevendo suas vidas – a aprendizagem da pesca com os pais na infância e juventude, as rotinas, as dificuldades que enfrentam.</p> <p>Nesta edição o <b>perfil</b> conta a história do Chim, que se diz muito feliz em morar na Colônia Z-3. Atualmente ele é comerciante (sua loja comercializa artigos de pesca, materiais de construção e móveis), e também é suplente de vereador (milita pela Z3) e já foi presidente do Sindicato dos Pescadores. Ele fala da vida na colônia de pescadores e diz que apesar das dificuldades “ama a Z3”.</p>

<b>Ano 4 – N 21-2003</b>	Página 8- Olhar de Jarbas  Página 8 – Perfil – Laci, uma mulher de “fibra”	O <b>depoimento</b> do Seu Jarbas sobre a história da Z-3 vista por seus olhos e ao narrar a história da colônia de pescadores conta também a sua – moldado que foi pela vida ali. Ele coloca que “como bom pescador não podia faltar em sua vida uma aventura” e conta que pescou por duas vezes no Oceano. Em sua fala ele diz que toda a atividade pesqueira era realmente uma aventura – sair de barco e ir para a cidade de Rio Grande com barcos a motor, somente à vela já exige bastante coragem.  O <b>perfil</b> conta a história da Sra Laci, uma pedagoga de ideias fortes e posicionamento firme.
<b>Ano 4 – N 24-2003</b>	Página 8 – Perfil – Dulce, força e delicadeza	Nesta edição o <b>perfil</b> conta a história de Dulce, manicure, pedreira e pescadora. Nascida e criada na Z3, ela trabalha com a beleza feminina, pesca e luta pelos pescadores (é Secretária do Sindicato), mostrando a versatilidade do habitante da Z3.
<b>Ano 4 – N 26-2003</b>	Manchete de capa: “Mulheres pescadoras quebram tabus conquistam admiração” (manchete de meia página ilustrada com fotografia), relacionada a reportagem na página 3. Página 3 - “Tripulação Feminina: Mulheres Pescadoras ultrapassam barreiras e quebram tabus”	<b>Reportagem</b> elaborada por Val Cunha, <i>uma das alunas de jornalismo</i> participante do projeto de jornalismo comunitário, intitulada “Tripulação Feminina: Mulheres pescadoras ultrapassam barreiras e quebram tabus” aborda a vida de pescadora e dá exemplos de mulheres batalhadoras, descritas como mulheres, mães, esposas, e “acima de tudo, pescadoras”, que falam sobre as práticas pessoais e profissionais que as constituem como pessoas.
<b>Ano 5 – N 29-2004</b>	Página 9 – Ó o lobisomen Tchê! – Folclore na Z3”.	O <b>artigo</b> de Michel Constantino, aluno do 6º semestre do Turismo da UFPEL que mostra o aspecto mítico do folclore e a crença popular presente nos moradores da Z3.
<b>Ano 7 – N 33-2006</b>	Página 6 – Fim do defeso, início de uma nova safra	A <b>notícia</b> fala do início da safra que traz uma expectativa bem positiva aos pescadores e que fala dos mesmos e de suas dificuldades ao enfrentarem dificuldades econômicas no período em que por lei não podem pescar, conhecido como defeso, e onde ficam à mercê de programas do Governo como o Programa Nacional de agricultura Familiar (Pronaf) e do RS Rural Pesca, mostrando a alegria e a perspectiva de poderem saldar suas dívidas e melhorar a vida de suas famílias com a pesca.

A categoria Identidade é contemplada no material produzido no jornal comunitário à luz do conceito de Pollak (1992, p. 204) e segundo o qual a *Identidade Social* é "a imagem de si, para si e para os outros".

Ao observar-se os exemplos de gêneros jornalísticos escolhidos para constituir a tabela de análise que se refere à categoria Identidade, o jornalismo informativo está presente, onde se enquadram, segundo Marques de Melo (2003), nota, notícia, reportagem, e entrevista, que em sua linguagem jornalística transmitem imagens que os moradores da Colônia de Pescadores Z3 constroem acerca de si próprios e que lhes permite apresentar-se aos outros (POLLAK, 1992). Tal fato pode ser constatado em reportagens como "O trabalho de quem depende da pesca" em que o pescador é retratado com suas características de profissional que mesmo sem maior educação formal busca por aprimoramento, luta para melhorar sua vida nos períodos difíceis para a pesca. Também relaciona o pescador ao seu torrão natal, capaz de pertencimento e heroísmo, identificando-o com períodos históricos da região como a Revolução Farroupilha. Ao se inserirem na história, a identidade dos pescadores é vinculada aos papéis desempenhados por eles na sociedade (CASTELLS, 2000).

Deve-se levar em conta que a reportagem é um gênero jornalístico privilegiado porque permite relatar de maneira explicativa, com maior profundidade do que a notícia, um acontecimento ou situação. Pode-se constatar esta afirmativa na reportagem "Tripulação Feminina: Mulheres pescadoras ultrapassam barreiras e quebram tabus", em que a descrição da vida dessas mulheres constitui fonte de significado para elas e seu grupo social, e cujo significado ao originar-se delas e ser internalizado, e a partir desses significados organizam funções agregadas à sua identidade: "são mulheres, mães, esposas, e acima de tudo pescadoras", que as constituem como pessoas (CASTELLS, 2000).

A notícia, também caracterizada como jornalismo informativo, é a informação, não é um acontecimento – o acontecimento real, mas a narração desse acontecimento, a história ou relato deste acontecimento que nos atinge (MEDINA, 1978; MARQUES DE MELO, 2003). Na análise realizada está representada com o título "Fim do defeso, início de uma nova safra", referindo-se à realidade vivenciada no período em que os pescadores e suas famílias podem voltar a exercer sua

atividade pesqueira no final da época em que o IBAMA – proíbe a pesca porque ocorre a reprodução dos peixes na natureza, visando à preservação das espécies. Em seu texto a notícia permite visualizar características da identidade dos pescadores como grupo social que ‘enfrentam dificuldades no período’; ‘ficam à mercê de programas do Governo’; ‘mostram alegria por poderem saldar suas dívidas’; ou ainda, ‘melhorar a vida de suas famílias com a pesca’, como afirma Castells (2000), identidade é o processo de construção de significado com base em atributo ou conjunto de atributos culturais relacionados entre si, que prevalecem sobre outras fontes de significado.

Ao trabalhar a categoria identidade, aparece outro gênero jornalístico, o interpretativo, denominado perfil (está entre as matérias chamadas humanas), cuja característica é a composição de uma narrativa acerca da passagem de vida de um indivíduo que o retrata e o liga ao presente. Na sua construção o repórter relata a experiência do encontro *no momento em que ele se dá* e, a partir daí, vai apresentando o personagem, trazendo a experiência para o presente, em um texto em que compartilha com o leitor a descoberta do caráter do entrevistado. (VILAS BOAS, 2003). Também é interessante destacar que o perfil enfoca uma pessoa (celebridade ou não), em que o focalizado é protagonista da história: sua própria vida (SODRÉ e FERRARI, 1986).

Nas páginas do “O Pescador”, este gênero aparece na maioria das edições. Encontra-se o perfil de Claudemar; Kiko, o filho da Z3; Chim, o zetresense de coração; Laci, uma mulher de “fibra”; e de Dulce, força e delicadeza. Todos os textos falam sobre o percurso dos personagens, quem são, sua trajetória de vida, seu trabalho, características que os constituem, como a coragem, a persistência, o gosto pela aventura, sua luta em prol dos pescadores. Os personagens são de idades e sexos diferentes, possuem atividades diferentes, mas têm em comum sua relação com a pesca e a Colônia de Pescadores Z3. Os perfis publicados contemplam, igualmente, homens e mulheres, estas últimas protagonistas de mudanças ao ingressarem na atividade pesqueira, antes típica dos homens. Ao se qualificarem como ‘pescadoras’ as mulheres se identificam com relação aos ‘pescadores’, homens, o que permite entender quando Moscovici (2004), Castells (2000), e Pollak (1992), colocam que a constituição da identidade é um processo que não ocorre senão em relação ao outro.

A produção em jornalismo opinativo encontrada na análise contempla a opinião dos leitores em forma de textos variados como artigo (turismo), depoimentos e poesia. O artigo “Ó o lobisomen Tchê! – Folclore na Z3” mostra o folclore e a crença popular presente no moradores da Z3 e representa uma construção histórica passada de geração em geração aos moradores, que se mescla com ‘quem os zetesenses são’. Já a poesia de Dona Laura, “Mais um Dia”, descreve o pescador em seu dia-a-dia, quem ele é, como é sua rotina.

A partir dos dados encontrados e de seu cruzamento com o aporte teórico, pode-se ratificar a afirmação de Lopes de que “construir identidade é como contar uma história que produza sentido para quem a conta e para quem a escuta” (Lopes, 2007. p. 145). Isto porque a identidade é uma construção individual e coletiva que se constitui a partir de um conjunto de modos de vida, comportamentos, ocupações, sentimentos, linguagens, comportamentos sociais e profissionais, etc, partilhados no desenvolvimento de cada grupo humano, no qual o jornalismo, especialmente o jornalismo comunitário tem participação.

### **3.2.2 A Representação social**

A representação social aparece no jornal a partir da definição de Moscovici (*apud* DUVEEN, 2004, p. 8), que consiste no "como, e por que as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam idéias em práticas [...]" ligando-as aos processos sociais e a forma de criação coletiva. A esses argumentos associamos os de Jodelet (2001, p. 22), que afirma que “a representação é uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

O protagonismo do povo é uma das características principais do jornal comunitário, por cuja natureza é de suma importância que a comunidade se mostre, pois desse modo é possível um resgate da cultura, identidade e de laços comunitários, valorização da história e da realidade local e estabelece uma relação maior de proximidade com o público ao qual se destina. Autores como Peruzzo (2004) e outros do Jornalismo reafirmam estes conceitos.

O jornal *tomado como campo de estudo, pode ser considerado como lugar de representação social da identidade individual e coletiva da sociedade* (BARDIN, 2000) na qual está inserido – a Colônia de Pescadores Z3, por constituir-se num espaço discursivo que contém as vozes dos sujeitos, como aparece em tabela abaixo.

A partilha de conhecimentos socialmente constituídos é reconhecido pelo grupo, isto devido a um tempo de elaboração e permanência dos valores sociais já definidos base para o que podemos compreender como memória dos grupos sociais em representação.

Tabela 3 - Material relativo à Representação Social no "O Pescador"

Categoria Representação Social		
Período	Material publicado no Jornal	Gênero Jornalístico
Ano 4 – N. 17 – 2003	Página 4 – Crise na Pesca	O <b>Artigo</b> elaborado por Antonio Peixoto, <i>um dos alunos de jornalismo</i> participante do projeto de jornalismo comunitário “Crise na Pesca” – publicado na página 4, fala sobre mais uma safra perdida em função das chuvas que impediram a entrada do pescado e do camarão na lagoa. Acostumados a pescar 30 toneladas em época de boa safra, este ano estimam que não pescarão mais de uma tonelada. Os gastos não compensam os lucros e mais uma vez as famílias na comunidade passam trabalho para sobreviver.
	Página 6 – Festa de Nossa Senhora dos Navegantes	A <b>Reportagem</b> elaborada por Ellen Bonow e Marta Gomes, <i>alunas de jornalismo</i> participantes do projeto de jornalismo comunitário “Festa de Nossa Senhora dos Navegantes”, com duas páginas centrais dedicadas ao tema, fala sobre a devoção a Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira dos pescadores. Além de ressaltar todo o aspecto devocional do evento, como procissão e festa, também ressaltou o aspecto econômico que envolve a comemoração trazendo dinheiro para as famílias da comunidade e avivando o turismo local.
	Página 10 - Desabafo de um Filho	O <b>Artigo</b> escrito por Éderson Silva, um dos moradores da Z3, intitulado “Desabafo de

		um filho de Pescador” relata sua indignação pois ele é coordenador de pesca da Secretaria de Desenvolvimento Rural de Pelotas e morador da Z3. O autor fala sobre algumas matérias publicadas em um determinado jornal sobre a possibilidade de alguns pescadores da Z3 irem pescar na Lagoa Mirim. Em seu desabafo ele fala sobre como as pessoas que nada entendem a respeito da pesca artesanal se utilizam do tema “preservação” para cometer as mais diversas injustiças sobre com os pescadores artesanais.
<b>Ano 4 – N. 18 – 2003</b>	Página 5 - O trabalho de quem depende da pesca	Nessa <b>Reportagem</b> , elaborada por Val Cunha ( <i>uma das alunas de jornalismo participante do projeto de jornalismo comunitário</i> ), traz-se à tona a vida de aproximadamente 8.000 famílias que fazem parte da comunidade pesqueira em Rio Grande. Fala sobre as dificuldades enfrentadas tais como a instabilidade climática e as constantes obras nos Molhes da Barra. Fala também sobre a quebra na safra do camarão e da pesca do siri como alternativa. Apesar das dificuldades, Adão Flores Marta, entrevista para matéria, sente-se feliz como pescador e não trocaria a pesca por nada.
<b>Ano 4 – N. 19 – 2003</b>	Pág. 8 - Personagem – Gilmar	O <b>Perfil</b> fala sobre um dos maiores jogadores da Z3, o jornal traz a trajetória de Gilmar Pintado, o jogador mais cobiçado pelas equipes de futebol da Z3. O craque foi jogador do Grêmio Esportivo Brasil e abandonou o clube para não abandonar os estudos, Fiel aos mesmos também não aceitou proposta do grêmio de Porto Alegre. Só largou os estudos, para se tornar pescador e ajudar no sustento da família. Hoje joga a Copa BTN pelo Sereno e veste a camisa do Veneno.
<b>Ano 4 – N. 20 – 2003</b>	Pág. 4 – Pescadores aguardam licenças para pesca na Mirim	Nessa <b>Notícia</b> , escrita por Catiúcia Ruas ( <i>uma das alunas de jornalismo participante do projeto de jornalismo comunitário</i> ) é retratada a espera sobre uma resposta da Secretaria Especial de Pesca e Aquicultura (SEAP) sobre a disponibilização de licenças para a pesca artesanal na Lagoa Mirim que acabaram por ser negadas pelo COMIRIM, frustrando as expectativas dos pescadores da Z3.
<b>Ano 4 – N. 21 – 2003</b>	Pág. 3 - São Pedro	A <b>Reportagem</b> escrita por Ellen Bonow e Suélen Moraes ( <i>alunas de jornalismo, participantes do projeto de jornalismo</i>

	Pág. 5 - Santa Vitória do Palmar	<p>comunitário) de página inteira relata a devoção a São Pedro, padroeiro da Colônia Z3 e pai dos pescadores e das atividades comemorativas que integraram as festividades do padroeiro como a roleta, correio do amor e a cadeia. Ao anoitecer uma enorme fogueira foi acesa em frente ao Salão Paroquial e as 21 horas teve início o baile que deu continuidade as comemorações.</p> <p>Esta <b>Reportagem</b>, elaborada por Val Cunha (<i>uma das alunas de jornalismo</i> e participante do projeto de jornalismo comunitário), traz a realidade de aproximadamente 200 famílias que vivem da pesca de água doce em Santa Vitória do Palmar, isolada pelas lagoas Mirim e Mangueira de um lado, pelo banhado do Taim de outro e a leste pelo Atlântico. Amparados por projetos e apoios que estão dando certo como o da Emater e da Prefeitura Municipal.</p>
<b>Ano 4 – N. 22 – 2003</b>	Pág. 5 – Alternativas para a Pesca	<p>A <b>Reportagem</b> elaborada por Val Cunha (<i>uma das alunas de jornalismo</i> e participante do projeto de jornalismo comunitário), em questão relata estudos que buscam realizados pela Emater/RS e Universidades que tentam melhorias para o setor pesqueiro diante da crise já estendida há vários anos e agravada nos últimos três, por consequência de inúmeros fatores como o clima, falta de água salgada e poluição. Fatores que têm desencadeado uma queda considerável na vida de quem tem a pesca como sustento. A Emater em parceria com outras instituições vem elaborando vários projetos. Neste ano a preocupação é com a comercialização, liberação de recursos para e filetagem, procurando agregar valor ao produto, além de melhorias e aquisição de freezeres.</p>
<b>Ano 4 – N. 23 – 2003</b>	Pág. 7 – Pesca Artesanal	<p>Nesta <b>coluna</b>, escrita por Catiúcia Ruas (<i>uma das alunas de jornalismo</i> e participante do projeto de jornalismo comunitário), é dado um panorama geral sobre a pesca artesanal no Brasil e o Ranking mundial. A Coordenadora Nacional de Pesca Artesanal, Adriane Lobo diz que a cadeia produtiva é extremamente desorganizada e que não existe uma estrutura de cadeia. Outra questão colocada é a ambiental, de fundamental importância para categoria. Também o</p>

		aspecto ressaltado por ela é a questão da exploração sofrida pelo pescador artesanal e atravessadores. Traz à tona também projetos de inclusão social elaborados pela SEAP e voltados aos pescadores.
<b>Ano 4 – N. 24 – 2003</b>	Pág. 3 – Semelhanças Granjas e Lagoas	A <b>Notícia</b> em questão, elaborada por Michele Cardoso ( <i>uma das alunas de jornalismo</i> e participante do projeto de jornalismo comunitário), traz as semelhanças e diferenças entre duas realidades que convivem no 2º distrito de Pelotas. Seguindo pela rua Raphael Brusque é possível acessar as granjas destinadas à plantação de arroz e soja. Mesmo com diferentes modos de vidas, ambas as comunidades partilham a mesma escola, a mesma igreja, as mesmas festas, fazem compras nos mesmos mercados. Ambas realidades fazem parte de um todo e com propósitos bem distintos.
<b>Ano 4 – N. 25 – 2003</b>	Pág.-3 – Filhos da pesca	A <b>Reportagem</b> , elaborada por Val Cunha ( <i>uma das alunas de jornalismo</i> e participante do projeto de jornalismo comunitário), fala sobre os filhos de pescadores, que em sua maioria seguem os passos dos pais, essa é basicamente a afirmação contida na matéria que ocupa uma página inteira do jornal afirmando que para quem não faz parte do universo pesqueiro, o mistério ainda continua. E para encerrar traz questões retóricas como: De onde vem toda a magia da Pesca? Todo o mistério de quem ama ser pescador? Afinal, a pesca está no Sangue ou na alma?
<b>Ano 4 – N. 26 – 2003</b>	Pág. 3– Tripulação Feminina  Pág. 11 – I Conferência de Comunicação Comunitária	A <b>Reportagem</b> , elaborada por Val Cunha ( <i>uma das alunas de jornalismo</i> e participante do projeto de jornalismo comunitário), trata a questão das Mulheres pescadoras que ultrapassam barreiras e quebram tabus. Assim começa a matéria que descreve a vida de duas mulheres que ajudam a sustentar suas famílias com a pesca, falando de suas experiências na Lagoa, do dia-a-dia. Além de pescadoras são mães e esposas e venceram preconceitos e dificuldades por serem apaixonadas pela pesca.  A <b>Notícia</b> , elaborada por Catiúcia Ruas ( <i>uma das alunas de jornalismo</i> e participante do projeto de jornalismo comunitário), traz a participação do jornal

		<p>enquanto veículo de comunicação comunitária em evento voltado para a área da comunicação comunitária. Durante o evento, os integrantes do jornal apresentaram o trabalho desenvolvido e lançaram o site do jornal.</p>
<p><b>Ano 5 – N. 28 – 2004</b></p>	<p>Pág. 3 – Semana Santa proporciona aumento da renda familiar</p> <p>Pág. 5 - Sonho gelado</p>	<p>A <b>Notícia</b>, escrita por Fernando Diniz e Thaise de Moraes (<i>alunos de jornalismo</i> e participantes do projeto de jornalismo comunitário), fala sobre o aumento da renda familiar propiciado pela semana santa, período que sempre traz esperança de bons lucros para os pescadores segundo as informações prestadas por vários deles, por artesãs locais e pelo Secretário de Desenvolvimento Rural da Z3. Sem peixes para atender a todos os consumidores, as feiras se espalharam por vários locais da cidade, privilegiando lugares que antes não eram atendidos. Além do peixe, o artesanato da Z3 também se fez representar.</p> <p>A <b>Reportagem</b>, elaborada por Ellen Bonow e Raquel Bierhals (<i>alunas de jornalismo</i> e participantes do projeto de jornalismo comunitário), fala sobre a concretização de um sonho prestes a se realizar, a construção da fábrica de gelo que irá beneficiar 210 pescadores associados à Cooperativa de Pescadores Profissionais e Artesanais Lagoa Viva. A construção se dará através de um convênio entre a SEAP e a Prefeitura Municipal.</p>
<p><b>Ano 6 – N. 30 – 2005</b></p>	<p>Pág. 5 – Educação ambiental</p> <p>Pág. Contra Capa – D. Laura</p>	<p>A <b>Reportagem</b> elaborada por Leonardo Oliveira (<i>um dos alunos de jornalismo</i> e participante do projeto de jornalismo comunitário), relata o esforço do Núcleo de educação ambiental que atua na comunidade desde 2004. O projeto tem como objetivo capacitar os moradores da comunidade sobre as questões ambientais. O artigo conta com os relatos das pessoas, que ao se capacitarem, assumiram o compromisso de levar adiante o projeto Construindo a Agenda 21. A capacitação mostrou para a comunidade como é importante cuidar da orla e da natureza e não só tirar e não dar nada em troca.</p> <p>A <b>Reportagem</b>, elaborada por Fernando Diniz (<i>um dos alunos de jornalismo</i> e participante do projeto de jornalismo</p>

		comunitário), traz a história de Laura Mateus, a dona Laura e sua participação no livro <i>Literatura Marginal</i> , lançado na feira do livro deste ano. A autora relata que a Z3 é sua inspiração e fala também de sua participação nas páginas do jornal.
<b>Ano 7 – N. 32 – 2006</b>	Pág 9 – Colônia Z3 recebe Ponto de Cultura	Esta <b>Notícia</b> , elaborada por Daniel Ortiz (um dos alunos de jornalismo e participante do projeto de jornalismo comunitário), fala sobre a implantação de um ponto de cultura na Colônia Z3. O ponto será implementado na Escola Raphael Brusque e terá como responsável a professora Leoni Braga Ferreira. No ponto serão realizadas atividades culturais, além da recuperação e digitalização do acervo da comunidade. O Projeto conta com a participação do Jornal “O Pescador” e tem interlocução com as Escolas de Informática, Comunicação Social e Educação e Turismo da UCPel.
<b>Ano 7 – N. 33 – 2006</b>	Pág. 6 – Fim do defeso	Essa <b>Notícia</b> , elaborada por Jerusa Michel ( <i>uma das alunas de jornalismo</i> e participante do projeto de jornalismo comunitário), relata o fim do defeso e o início de uma nova safra e de toda a expectativa gerada por ela. Para os pescadores o defeso é uma das piores fases do ano uma vez que tem sua atividade interrompida e sobrevivem basicamente do seguro desemprego de um salário mínimo enquanto se preparam para a próxima safra. Iniciada a safra começa uma corrida em busca de compradores e de melhores preços para o seu produto. É período de sair em busca do pescado e de um preço justo para o seu trabalho.

Representação social contida nas páginas do jornal conforme indicado em Moscovici (*apud* DUVEEN, 2004), aprecia-se as várias formas de como as pessoas partilham seu conhecimento, muitas vezes, acompanhadas de suas justificativas que apresentam o entendimento sobre estas realidades, na transformação de seus sistemas de pensamento, na sua prática social.

Na análise da categoria Representação Social a partir dos gêneros jornalísticos presentes na tabela (já explicitadas no texto referente à tabela anterior), menciona-se estes, deixando para explicitar algum que porventura não o tenha sido melhor explicado. Para tal categoria, segundo a classificação de Marques de Melo

(2003), aparece fortemente o jornalismo informativo, com maior incidência das reportagens (10) e notícias (6).

É importante observar que a representação social ocorre por meio das ideias e práticas que são compartilhadas e circulam em uma sociedade ou grupo social, determinam a forma como estes se mobilizam para organizar suas atividades, suas vidas e permitem entender o que uns esperam dos outros (MOSCOVICI apud DUVEEN, 2004). Assim, o jornal, objeto desse estudo, como um lugar de representação social da Colônia de Pescadores Z3, por meio de seu conteúdo, retrata e partilha conhecimentos, crenças, valores, informações e saberes constituídos pelos moradores da comunidade.

O jornalismo comunitário praticado pelo “O Pescador”, que ao se colocar a serviço de determinada comunidade, torna-se elemento fundamental para veiculação do discurso de seus componentes, espaço em que seu cotidiano é expresso ao estabelecer a comunicação entre seus membros, retratando seus problemas e oportunizando a participação de todos (CALLADO; ESTRADA, 1985).

As reportagens utilizadas no recorte de estudo, constituído na tabela acima, partilham o conhecimento de um grupo social e de suas práticas, que desse modo constituem sua realidade comum. As Reportagens “Festa de Nossa Senhora dos Navegantes” e “São Pedro”, falam sobre a devoção a Nossa Senhora dos Navegantes (padroeira dos pescadores) e ao São Pedro (padroeiro da Colônia Z3), enfatizando os aspectos festivo, devocional e econômico dos eventos. A reportagem “Filhos da pesca” trata do comportamento dos filhos de pescadores, que em sua maioria, seguem os passos dos pais. Este conjunto de reportagens mostra aspectos comuns do comportamento compartilhado pelos pescadores e suas famílias (a religiosidade e a tradição familiar relacionada à profissão) socialmente elaborado na construção da realidade em que vivem (JODELET, 2001).

“O trabalho de quem depende da pesca” aborda questões do cotidiano de aproximadamente 8.000 famílias de uma comunidade pesqueira, mostrando as dificuldades que vivenciam e das alternativas que encontram. “Santa Vitória do Palmar” é outra semelhante a esta, retrata outra comunidade de 200 famílias de pescadores naquela região. Percebe-se no texto jornalístico a presença de informações que descrevem a forma como essas comunidades pensam e interpretam seu cotidiano, constituindo-se num sistema de referências que explica

quem são os pescadores, as dificuldades que vivenciam e as soluções que encontram, que de certa forma permitem que interpretem o sentido de suas vidas.

“Alternativas para a Pesca” mostra a realidade social dos pescadores, que nas inúmeras dificuldades, buscam o apoio de diferentes instituições como a Emater/RS e Universidades para superá-las e melhorarem suas condições de vida. Em sintonia com esta reportagem, uma outra “Sonho Gelado” fala sobre a concretização de um sonho de pescadores na construção de uma fábrica de gelo, a qual servirá a sustentabilidade de parte da sua produção, não dependendo de outros para o congelamento do pescado.

O esforço do Núcleo de Educação Ambiental que atua na Colônia de Pescadores desde 2004, é o tema da reportagem “Educação Ambiental” que apresenta o compromisso da comunidade com a preservação ambiental. Este comportamento faz parte de um novo aprendizado social em que os pescadores tomaram consciência mais recentemente da importância do cuidado com a natureza, ao se envolverem com as questões ambientais. Percebe-se aqui que o conhecimento partilhado altera e influencia o comportamento dos indivíduos ao reelaborarem sua opinião com relação a aspectos de sua prática. A idéia do homem que interage com seu meio e o preserva, muda a forma como os pescadores se vêem: de meros extratores de recursos, eles passam a também preservadores desses. Esse comportamento é referido por Moscovici e Jodelet em sua teoria sobre a Representação Social contida no referencial teórico, capítulo anterior.

Outro aspecto do comportamento social redimensionado pela comunidade dos pescadores foi a inserção das mulheres no mundo da pesca, abordado na reportagem “Tripulação Feminina” que mostra outra representação das mulheres e dos pescadores, quando homens e mulheres saem para o mar em busca do sustento com a pesca, quebrando tabus até então existentes. Essa mudança na forma como a mulher é vista em sociedades mais tradicionais, que normalmente preservam uma perspectiva mais machista, como é o ambiente da pesca, se altera com a mulher que produz e trabalha, constituindo novas concepções de vida e comportamento das pessoas envolvidas nesse processo social. A reportagem “Dona Laura” mostra a atuação de uma senhora já idosa na produção literária, em que descreve a vida dos pescadores e da colônia destes, aborda a produção de um livro “literatura Marginal”, lançado na feira do livro e também a sua participação no jornal

comunitário. Peruzzo (2004) coloca que é importante em um jornal comunitário a presença da comunidade, da expressão de sua cultura, de sua história, dos vínculos e laços existentes. Este pensamento vai ao encontro do que pensam Moscovici e Duveen (2004) quando afirmam que a representação social se dá enquanto as pessoas partilham conhecimentos, e desse modo constituem uma realidade comum, transformando ideias em práticas ligadas aos processos sociais, sugerindo uma forma de construção coletiva.

Além das reportagens, a notícia foi o outro gênero mais presente no material selecionado para análise nesta categoria. Duas das notícias estão diretamente relacionadas à prática profissional dos pescadores: uma se refere à espera pela autorização de licença para pesca na Lagoa Mirim e a outra que narra o fim do “defeso” e início de uma nova safra com suas expectativas e que se relacionam com a história da colônia, suas dificuldades e oportunidades. Este tema encontra eco na notícia sobre a Semana Santa, que também aborda o aumento da renda familiar por meio da pesca e da produção artesanal. A análise do conteúdo do jornal com relação a essas notícias permite que sejam relacionadas ao fato de que as representações sociais dizem respeito ao universo em que as ações e interações acontecem e onde suas percepções são construídas (MOSCOVICI, 1978, JODELET, 2001)

Outros cinco artigos se relacionam à temática da categoria. Um deles faz uma comparação entre dois grupos sociais diferentes: as granjas destinadas à plantação de arroz e soja e a comunidade da colônia de pescadores, que tem modos de vida diferentes, mas partilham a escola, a igreja, as mesmas festas, etc. Outro, fala da implantação e um ponto de cultura na Z3, onde serão realizadas atividades culturais, a recuperação e digitalização do acervo da comunidade, com a participação do jornal “O Pescador” e diversos cursos da UCPEL. Os dois seguintes apontam primeiro para a crise na pesca, em função das chuvas, e depois para as dificuldades de comunicação com os meios de comunicação de massa, que por não conhecerem a realidade local, acabam por apresentarem inadequadamente os pescadores artesanais, prejudicando-os. E, por fim, o último artigo refere-se à I Conferência de Comunicação Comunitária que contou com a participação do jornal enquanto veículo de comunicação comunitária. Essas informações narram os acontecimentos que envolvem a comunidade da colônia Z3, fazendo uma interface

entre o meio de comunicação comunitário, as ações sociais e a construção de um conhecimento e representação social pelos indivíduos.

Ainda, nesta categoria, estão presentes um perfil e uma coluna. O perfil fala sobre um dos jogadores de futebol mais conceituado na Z3, que também é pescador para ajudar nos sustento da família. A coluna dá um panorama geral sobre a pesca artesanal no Brasil e o Ranking mundial. E fala sobre suas problemáticas e perspectivas.

Percebe-se que as representações sociais dos pescadores e da comunidade da Colônia de Pescadores Z3 não se referem apenas a acontecimentos recentes, mas estão relacionadas a um contexto social mais amplo, retratado ao longo do tempo no conteúdo jornalístico presente no jornal comunitário “O Pescador”, que registra os acontecimentos, as vivências e percepções, permitindo que haja uma apropriação, reorganização e recriação do mundo pelos sujeitos que ali se encontram retratados em sua trajetória.

### **3.2.3 A Memória**

Medina (1986), Piza (2003), Marques de Melo (1994, 2003), entre outros, afirmam que os textos jornalísticos têm como funções informar, explicar ou orientar os leitores, e se enquadram em três categorias básicas; a primeira caracterizada pelo jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem, e entrevista), a segunda em que se enquadra o jornalismo interpretativo (reportagem em profundidade), e por fim, aquela que contém o jornalismo opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor). As fontes iconográficas são importantes na linguagem jornalísticas, pois na perspectiva de Kossoy (2005, p. 50), “dentre as diferentes formas de informação transmitidas pela mídia, às imagens, em geral, se constituem num dos sustentáculos da memória”. Tanto os gêneros ou categorias jornalísticas e as fontes iconográficas se relacionam diretamente com a memória, considerando o conceito de Halbwachs (1990), que afirma ser a *memória* construída coletivamente, e mesmo as lembranças mais íntimas e pessoais não podem ser separadas da compreensão de que o homem é um ser social, e que a *memória coletiva* contribui para o sentimento de pertinência a um grupo, garantindo ao indivíduo o sentimento de *identidade*. Também será levado em consideração o conceito de Pollak (1992, p.204) onde afirma que o sentimento de identidade tem a memória como elemento

constitutivo “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

O jornal é um instrumento de construção e manutenção da memória, através da valorização do discurso na cultura local, por meio de um discurso verbal (expressado pelas vozes dos textos) e visual (fotografias e imagens ilustrativas das matérias). Combinados aumentam o poder de penetração na memória social constituidora de identidades e representações sociais, por intermédio da seleção e da edição do material publicado, auxiliando na fixação de sentidos e na construção de modos de recordação no contexto sócio-cultural de onde se originam.

Segundo Halbwachs (1990) a *memória* é construída coletivamente - mesmo as lembranças mais íntimas e pessoais não podem ser separadas da compreensão de que o homem é um ser social. Assim, seja nas referências que a estruturam, seja na sua construção, inclui as mudanças constantes a que está sujeita. É no fundamento coletivo da memória que se encontra sua capacidade social de fortalecer os sentimentos de pertencimento sócio-cultural, já que ao articular memória individual com a memória coletiva, sua prática permite duração e continuidade do que é vivido coletivamente. A *memória coletiva* ao contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo garante ao indivíduo o sentimento de *identidade*.

Nas análises de Pollak (1992), a *memória* é um elemento constituinte do sentimento de *identidade*, tanto individual como coletiva. Isso, segundo o autor, se dá porque na construção da *identidade* há três fatores essenciais: o sentimento de unidade física (seja o próprio corpo físico, sejam fronteiras de pertencimento ao grupo); o sentimento de continuidade no tempo; e o sentimento de coerência, um sentimento de que os diferentes elementos formam efetivamente uma individualidade. “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p.204).

O estudo desta memória nas páginas de O Pescador foi categorizado, como nas análises anteriores, em tabela de referência onde identificamos o período, o

material publicado no Jornal e o gênero Jornalístico, sendo explicados no texto que segue a ela.

Tabela 4 - Material relativo à Memória no "O Pescador"

Categoria Memória		
Período	Material publicado no Jornal	Gênero Jornalístico
<b>Ano 4 – N 17 - 2003</b>	Pág. 4 – Colônia no Coração  Pág. 8 – Perfil - Claudemar	Este texto faz parte da <b>Coluna</b> , elaborada em conjunto pela equipe de estudantes de jornalismo (participantes do projeto de jornalismo comunitário), “Em sintonia com a Z3” e fala sobre a trajetória de Gabriela Mazza no jornal “O Pescador” e de todas as lembranças que acompanharam os anos em que participou do projeto. Ela traz à tona memórias do tempo em que iniciou o projeto como a ótima safra de camarão e, depois, o período difícil do defeso, entre outros fatos.  O <b>Perfil</b> relata a História do pescador Claudemar, 48 anos, homem que apesar das dificuldades, leva a vida tentando tirar dela o melhor. Morador da Z3 há mais de 44 anos, tem 13 filhos. De jeito simples representa muito bem a comunidade, que como todos enfrenta problemas, mas que junto a sua família sabe superá-los, mostrando como as pessoas da comunidade são fortes e trabalhadoras
<b>Ano 4 – N 21 - 2003</b>	Pág. 8 – Perfil - Laci  Pág. 8 – Depoimento - Olhar de Jarbas	O <b>Perfil</b> de Laci Nair Ribeiro dos Santos, 47 anos, pedagoga há 27 anos, exerce o cargo de vice-diretora da escola Raphael Brusque, cargo que exerce com muito gosto. De ideias fortes e posicionamento firme, ela quer o bem dos moradores da colônia. Próxima da aposentadoria traça planos para o futuro, e que ajudar os mais pobres.  O <b>Depoimento</b> relata a história da Z3 pelo olhar de Jarbas, traz o depoimento de Jarbas Mota, que há 68 anos mora na Colônia. Com 81 anos, relembra o tempo em que se mudou para a comunidade e acompanhou a maior parte das mudanças que aconteceram. Pescou durante 45 anos e se aposentou em 1976. Afirma, que hoje pescar é uma brincadeira, visto toda a tecnologia que facilita a vida dos pescadores.
<b>Ano 4 – N 22 - 2003</b>	Pág. 3 – Reportagem - A fúria do Mar	A <b>Reportagem</b> , elaborada por Val Cunha ( <i>uma das alunas de jornalismo e</i>

	<p>Pág. 8 – O Pescador como instrumento de trabalho na sala de aula</p> <p>Pág. 8 – Depoimento – Resgatando a História da Z3 – Histórias pela lembrança de Zezé</p>	<p>participante do projeto de jornalismo comunitário), relata a história de dois naufrágios, o do barco Surrão que bateu em um toco de madeira e naufragou com três pessoas e apenas uma sobreviveu. Foram dias de angústia e buscas intermináveis: um dos passageiros nunca foi encontrado e do barco Magalhães, que felizmente não teve vítimas fatais.</p> <p>O <b>Artigo</b>, elaborado por Ellen Bonow e Raquel Bierhals (<i>alunas de jornalismo</i> e participantes do projeto de jornalismo comunitário), mostra que os alunos da Escola Raphael Brusque da Z3 utilizam o jornal em vários projetos na sala de aula, por iniciativa da professora Liselma Neitzke Pontes, porque “as matérias publicadas mostram coisas que a comunidade está vivendo, eles conhecem as pessoas que estão representadas ali.” Assim, segundo a professora, além de aprenderem coisas novas, eles identificam e se identificam com as imagens publicadas e com os acontecimentos relatados.</p> <p>Este <b>Depoimento</b> traz a História da Colônia Z3 através das lembranças de Zezé, José Alberto Souza de Oliveira, 50 anos, pescador, morador da colônia desde 1969. Ele fala sobre a vida de pescador na colônia Z3 e como a colônia era pequena. Que vivia lá, mantinha sua família só com a pesca, e resume a vida de pescador dizendo que antes era só alegria e hoje é só tristeza. Ela fala sobre o descaso das autoridades quanto à poluição da lagoa, segundo o pescador isso faz com que não ocorra pesca o ano todo e o pescadores tenham que se manter com o seguro desemprego.</p>
<p><b>Ano 4 – N 23 - 2003</b></p>	<p>Pág. 8 – Depoimento - “Pedrinho”</p>	<p>Este <b>Depoimento</b> traz a História da Colônia Z3 através das lembranças de Pedro João Constantino, o Pedrinho, hoje com 74 anos. Ela fala sobre a vida da colônia desde que, aos 24 anos, se mudou de Laguna para tentar a sorte aqui. Fala do tempo em que o peixe era salgado e vendido por arrobas para as indústrias de Rio Grande, recorda também de um mini cinema construído de madeira e que funcionava somente à manivela. Pedro é casado e tem seis filhos nascido e criados na Colônia Z3.</p>



		realizados embaixo de uma figueira. O tempo vai passando e através dos objetos e, principalmente, das palavras, vai-se regatando a história da Z3.
<b>Ano 5 – N 27 - 2004</b>	Pág. 8 – Depoimento – A ambulância que deu vida à Colônia Z-3  Pág. 9 – Coluna Turismo - Divinéia	Este <b>Depoimento</b> traz a história de uma ambulância mantida pela comunidade lá pelos idos de 1975. Quem conta a história é Adão Nunes Macedo, conhecido como o “Adão da Sandu”. Ele foi o motorista da ambulância nos tempos em que a comunidade pode manter o veículo, antes da estrada do Laranjal ser asfaltada. Ele conta que havia dois modos de se chegar à cidade, pela estrada do cotovelo ou pelo posto branco. Em dias bons se levava cerca de 40 minutos, em dias de chuva a viagem podia levar até 4 horas. A ambulância guarda a história de muitas vidas, em sua maioria, mulheres grávidas. No início da década de 80, o veículo foi entregue à prefeitura. Sem o veículo seu Adão continuou a transportar os doentes em carro particular.  Esta <b>Coluna</b> traz a história da Divinéia, a casa de barcos da Z3. Nesta coluna, seu autor, Michel Constantino, aluno do curso de Turismo, relata a história do pequeno ancoradouro-baía que tem a unção de proteger os barcos da fúria da mãe natureza.
<b>Ano 5 – N 29 - 2004</b>	Pág. 8 - Personagem – Pioneira do Ensino na comunidade zetrezense.	Este <b>Perfil</b> fala de Maria de Lourdes Teixeira, que, 1932, com 18 anos, trabalhou na escola Raphael Brusque, alfabetizando uma turma de aproximadamente 20 alunos. Quem conta a história é Regina, filha de Maria de Lourdes. Ela diz que o começo da carreira da mãe foi difícil. Durante o período em que lecionou ficou residindo na Colônia por não ter verbas para deslocar-se. A velha escola de madeira dá lugar, hoje, à bela construção. Lembra ainda que se mantém no mesmo local. Recorda que na época não havia a ponte que liga a Z3 à praia do Laranjal e que o deslocamento de dava de balsa.
<b>Ano 6 – N 30 - 2005</b>	Pág. 11 – Reportagem - Rafael Brusque	A <b>reportagem</b> , elaborada por Diogo Madeira ( <i>um dos alunos de jornalismo e participante do projeto de jornalismo comunitário</i> ), em questão aborda os 77 anos de Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque. Conta a história da escola fundada em 1928, quando uma comissão liderada por

		Fausto Carrenho, foi a prefeitura solicitar a construção do prédio para que funcionasse a escola. As primeiras atividades da escola foram desenvolvida pela diretora Maria Carvalho, juntamente com as professoras dona Olga e dona Amélia. Atualmente a escola funciona com 45 professores e 16 funcionários. Diz que comparada a uma escola urbana, a escola apresenta cultura própria e estrutura própria de ensino. O sonho agora é a implantação do ensino médio.
<b>Ano 7 – N 31 - 2006</b>	Pág. 9 – Reportagem - A arte como alternativa de renda para os pescadores	A <b>reportagem</b> , elaborada por Rafael Varella ( <i>um dos alunos de jornalismo</i> e participante do projeto de jornalismo comunitário), fala sobre o artesanato que começa a despontar como importante alternativa de renda para as famílias da Z3. O trabalho de artesanato começou em 2003, com recursos do programa Fome Zero. O primeiro curso foi ministrado no salão paroquial e abordava o artesanato com escamas de peixe e contou com a participação de 20 mulheres. No final de 2004, foi oferecido um curso sobre o curtimento de peles exóticas (de pescado, de corvina, linguado e cascudo). Hoje, somente cinco trabalham juntas. O artesanato é feito em casa e comercializado no quiosque e na cidade. O quiosque, importante ponto para a comunidade, oferece além de artesanato, pratos da culinária local.

\* Os perfis do jornal comunitário foram obtidos diretamente por relatos dos moradores da Colônia de Pescadores Z3, assim como os depoimentos.

A análise da categoria Memória, a exemplo das anteriores de Identidade e Representação Social, utilizará os gêneros jornalísticos mencionados no referencial teórico, presentes na tabela de análise que se refere a esta categoria. Os gêneros já explicitados na categoria anterior, nesta, serão apenas mencionados, deixando para explicitar algum que, porventura, não o tenha sido. Encontramos também aqui, segundo a classificação de Marques de Melo (2003), com maior ênfase no gênero jornalístico **opinativo**, em que se enquadram ‘comentário’, ‘**depoimento**’, entre outras.

No recorte feito com relação aos exemplares do Jornal comunitário “O Pescador” que se refere à memória, encontra-se 07 matérias que envolvem **depoimentos**. O primeiro, “Olhar de Jarbas” registra o percurso da vida do

personagem, sua história na comunidade e o acompanhamento da “maior parte das mudanças que aconteceram”. O segundo, “Pela lembrança de Zezé”, trata sobre a vida de pescador na colônia Z3 e como a colônia era pequena, das dificuldades que são encontradas, hoje, na atividade pesqueira e no descaso das autoridades com a poluição da Lagoa. O terceiro, traz a História da Colônia Z3 através das lembranças de Pedro João Constantino, em que o peixe era salgado e vendido por arrobas para as indústrias de Rio Grande e em que foi edificado um mini cinema construído de madeira, funcionando somente à manivela. O quarto é o depoimento de Geraldo Nicoleti, vindo para a Z3 há 41 anos, quando a colônia era pouco habitada, sem televisão, rádio, ou qualquer outro tipo de aparelho eletrônico, e a casa cercada de mato propiciava o aparecimento de cobras. Ele constitui família e todos são pescadores. Outro depoimento envolve mãe e filho: Joana Santos (78 anos) afirma que ‘antigamente era mais tranquilo e alegre’; seu filho, o pescador Luis Fernando, (49 anos) diz que, antigamente, não havia diversão para os rapazes mais jovens (mais tarde surgiram os bailes no salão Marítimo), e, também a construção da Divinéia foi um fato marcante, melhorando a vida dos pescadores. O sexto traz a História da Colônia Z3, através das lembranças de seu Bernardi Costa e dona Leda Peres Costa, casados há 58 anos. Seu Bernardi conta que:

Suas histórias pessoais se fundem à história da Z3. A primeira casa da rua Raphael Brusque foi construída por eles em um terreno doado pelo senhor Antônio Rosa. Eles falam que, naquela época, a igreja ainda não havia sido construída e dona Leda conta que os batizados eram realizados embaixo de uma figueira. O tempo vai passando e através dos objetos e, principalmente das palavras, vai-se regatando a história da Z3.

O sétimo e último depoimento, de Seu Macedo, conhecido como o “Adão da Sandu”, conta e traz a história de uma ambulância mantida pela comunidade lá pelos idos de 1975. Motorista da ambulância, ele fala das dificuldades encontradas para chegar à cidade, o tempo de percurso e as muitas histórias de vida. Mesmo depois que a ambulância foi entregue à prefeitura, na década de 80, ele continuou a transportar os doentes em carro particular.

Conforme Pollak (1992), a *memória* é um elemento constituinte do sentimento de *identidade*, tanto individual como coletivo, construído no conjunto pelas experiências e vivências do indivíduo e de seu grupo. Pode ser submetida a transformações constantes, transmite a cultura local herdada e é constituída por acontecimentos vividos socialmente. Nessa ótica, são três os elementos que servem

de apoio à memória: os acontecimentos vividos, as pessoas e os lugares. E, são estes os elementos responsáveis pelo estabelecimento dos laços afetivos entre as pessoas. Para o autor, a memória é seletiva, pois nem todos os fatos ficam registrados e os indivíduos só têm recordações dos momentos a que dão importância e que, por alguma razão, ficaram marcados subjetivamente. É o que se pode perceber nos relatos realizados, nos depoimentos acima. Parte das lembranças também podem ser herdadas dos acontecimentos relacionados aos antepassados como, por exemplo, quando os sujeitos contam as experiências vividas por seus pais e avós.

Outro gênero jornalístico que perpassa a categoria memória é o **interpretativo**, com o perfil. O primeiro relata a história do pescador Claudemar, 48 anos, morador da Z3 há 44 anos, pai de 13 filhos, mas acredita que as pessoas da comunidade são fortes e trabalhadoras, podendo superar as dificuldades. O segundo perfil conta a história de Laci, pedagoga há 27 anos, exerce o cargo de vice-diretora da escola Raphael Brusque, envolvida com as crianças e com os idosos. O terceiro, narrado por Regina, fala de sua mãe, Maria de Lourdes, que trabalhou na escola Raphael Brusque, alfabetizando uma turma de aproximadamente vinte alunos e que foi difícil começar suas atividades lá. A velha escola de madeira dá lugar, hoje, à nova - Raphael Brusque. Lembra ainda, que na época não havia a ponte que liga a Z3 à praia do Laranjal e o deslocamento se dava de balsa.

A produção em jornalismo informativo está presente na categoria memória com três reportagens. Na primeira, 'A Fúria do Mar', conta a história do barco Surrão que naufragou com três pessoas, das quais apenas uma sobreviveu, e do barco Magalhães que não teve vítimas fatais.

A **reportagem** em questão aborda os 77 anos de Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque. Relata a história da escola fundada em 1928, quando uma comissão liderada por Fausto Carrenho, foi à prefeitura solicitar a construção do prédio para que funcionasse a escola. Diz que, comparada a uma escola urbana, a escola apresenta sua cultura e estrutura própria de ensino. O sonho agora é a implantação do ensino médio. A reportagem 'A arte como alternativa de renda para os pescadores' fala sobre como o artesanato começou a despontar, em 2003, sendo importante alternativa de renda para as

famílias da Z3, com recursos do programa Fome Zero. Das vinte mulheres somente cinco trabalham juntas hoje. O artesanato é feito em casa e comercializado no quiosque e na cidade.

Ainda na perspectiva de Pollak (1992), os acontecimentos históricos são auxiliares na nossa memória; não desempenham outro papel, senão as divisões do tempo assinaladas em relógio ou determinadas pelo calendário. É o que se percebe nos conteúdos das reportagens realizadas no jornal comunitário em estudo. Um indivíduo para lembrar seu passado tem que se remeter às lembranças dos outros, que se constituem em pontos de referência, onde estão fixados pela sociedade. Desta forma, a memória coletiva envolve sentimentos de pertença e identidade, já que ela é sempre dependente das interações e dos grupos sociais.

Do gênero **opinativo** está presente a matéria jornalística conhecida como **coluna**, em que a primeira 'Colônia no Coração' fala sobre a trajetória de Gabriela Mazza no jornal "O Pescador" e de todas as lembranças que acompanharam os anos em que participou do projeto, como boas safras, períodos de defeso, etc.. A segunda, elaborada por Constantino – aluno do curso de Turismo, apresenta as recordações da Colônia Z3 ou como era conhecida Arroio Sujo, a 'Pesando Recordações'. Ele relata:

a criação de um lugar de memórias e diz que os moradores também deveriam se unir para participar deste trabalho de reconstrução do passado. A criação de uma casa de memória poderia se transformar num prazeroso ponto turístico e ser visitado. devolvendo o orgulho da comunidade e sendo um passo grandioso para o desenvolvimento do turismo local.

Esta coluna traz a história da Divinéia, a casa de barcos da Z3. Aqui, Michel Constantino, aluno do curso de Turismo, relata a história do pequeno ancoradouro-baia que tem a função de proteger os barcos da fúria da mãe natureza.

Medina (1986), Piza (2003), Marques de Melo (1994, 2003), entre outros, que afirmam que os textos jornalísticos têm como funções informar, explicar ou orientar os leitores, e se enquadram em três categorias básicas; a primeira caracterizada pelo jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem, e entrevista); a segunda em que se enquadra o jornalismo interpretativo (reportagem em profundidade); e, por fim, aquela que contém o jornalismo opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor). As fontes iconográficas são importantes

na linguagem jornalísticas, pois na perspectiva de Kossoy (2005, p. 50), “dentre as diferentes formas de informação transmitidas pela mídia, as imagens, em geral, se constituem num dos sustentáculos da memória”.

Assim, por meio do referencial teórico estudado e observando a produção das matérias jornalísticas pode-se inferir que a memória é uma construção social, produzida pelos homens e grupos sociais a partir de suas relações, de seus valores e de suas experiências vividas. A história dos indivíduos toma um novo rumo, que sofre transformações à medida que o tempo passa, em função do que se pode dizer que a memória não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma combinação de construções sociais passadas, com fatores da vida social do presente que se tornam significativos, e portanto, está sendo permanentemente reconstruída. Tal fato pode-se constatar no relato feito pelos pescadores e moradores da Colônia de Pescadores Z3 nas páginas do jornal comunitário, mesmo em seus diferentes gêneros jornalísticos.

Tabela 5 - Tabela de análise por gênero de textos jornalísticos no "O Pescador"

Tipos de Textos	Identidade	Parcial	Representação	Parcial	Memória	Parcial	Total Final
<b>Coluna</b>		00	(p7- ano 4/23-2003)	01	(p4 ano 4 /17 - 2003) (p 9-ano 4/24-2003) (p 9- ano 5-27-2004)	03	<b>4</b>
<b>Perfil</b>	(p8-ano 4/17-2003) (p8-ano 4/18-2003) (p8-ano 4/20-2003) (p8-ano 4/21-2003) (p8-ano 4/24-2003)	05	(p8- ano 4/19-2003)	01	(p8- ano 4/17-2003) (p8- ano 4/21-2003) (p8- ano 5-29/2004)	03	<b>9</b>
<b>Depoimento</b>	(p2-ano 4/17-2003) (p8-ano 4/21-2003)	02		00	(p8- ano 4/21-2003) (p8- ano 4/22-2003) (p8- ano 4/23-2003) (p8- ano 4/24-2003) (p8- ano 4/25-2003) (p8- ano 4/26-2003) (p8- ano 5/27-2004)	07	<b>9</b>
<b>Reportagem</b>	(p5-ano 4/18-2003) (p5-ano 4/20-2003) (p1e3-ano 4/26-2003)	03	(p6-ano 4/17-2003) (p5-ano 4/18-2003) (p3-ano 4/21-2003) (p5-ano 4/21-2003) (p5-ano 4/22-2003) (p3-ano 4/25-2003) (p3-ano 4/26-2003) (p5-ano 5/28-2003)	10	(p3- ano 4/22-2003) (p11- ano 6/30-2005) (p9- ano 7/31-2006)	03	<b>16</b>

			(p5-ano 6/30-2003) (pCC-ano 6/30-2003)				
<b>Notícia</b>	(p6-ano 7/33-2006)	01	(p4-ano 4/20-2003) (p3-ano 4/24-2003) (p11-ano 4/26-2003) (p3-ano 5/28-2004) (p9-ano 7/32-2006) (p6-ano 7/33-2006)	06		00	<b>07</b>
<b>Artigo</b>	(p9-ano 5/29-2004)	01	(p4- ano 4/17-2003) (p10- ano 4/17-2003)	02	(p.8-ano4/22-2003)	01	<b>04</b>

Com relação à tabela de análise por gênero de textos jornalísticos, é importante lembrar que, como colocam os autores consultados no trabalho, o registro dos fatos no jornalismo impresso ocorre por meio de recortes da realidade, levando em conta o grau de importância do conteúdo com relação ao público alvo. Também, porque o registro dos acontecimentos ao ser publicado, permite que o homem se reconheça como membro participante desta sociedade e ao identificar-se com ela se tornará capaz de refletir sobre os problemas sociais existentes, tornando-se ator da própria história, poderá contribuir com a mudança social e com a construção de uma outra realidade. Segundo Lévy (1993) esse conteúdo ou saber deixa de ser apenas o que nutre e constitui o ser humano, convertendo-se em objeto de memória, disponível, que pode ser catalogada e comparada. Portanto, a linguagem jornalística, com a finalidade de expressar de forma adequada os fatos, possui uma estrutura linguística própria, bem como gêneros determinados por manifestações culturais de cada sociedade.

Aparecem na análise realizada nos textos escolhidos seis desses gêneros, enquadrados em três categorias básicas: o jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem, e entrevista), o jornalismo interpretativo (reportagem em profundidade), e o jornalismo opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor)<sup>34</sup>.

O gênero **Perfil** aparece 05 vezes na categoria Identidade, 01 vez na categoria Representação Social e 03 vezes na categoria Memória. Enquadrado tanto na categoria do jornalismo informativo, ligado às entrevistas, o perfil<sup>35</sup> constitui um relato privilegiado que descreve ou reconstitui personalidade/modo de vida de

<sup>34</sup> Marques de Melo (2003) e Beltrão

<sup>35</sup> Medina (1986), Manual de Redação da Folha de São Paulo (2001),

alguém. Também pode ser enquadrado no jornalismo interpretativo<sup>36</sup>, que permite um texto mais elaborado, excelente filão das matérias chamadas humanas e que ao descrever da melhor forma possível uma pessoa, mostra-se aqui, muito mais ligado à questão da Identidade, embora tenha incidência significativa com relação à Memória, isto porque ao contarmos quem é/era alguém, estamos lembrando que esta pessoa com suas características pertence ao grupo social<sup>37</sup>.

O gênero **Reportagem**, pertencente ao jornalismo informativo é o texto jornalístico com maior incidência. Aparece 03 vezes na categoria Identidade, 10 vezes na categoria Representação Social e 03 vezes na categoria Memória. Ao informar sobre as questões que afetam a comunidade e a forma como ela se estrutura e se reconhece aponta, neste caso, para uma ligação mais direta com a questão da Representação Social, ou seja, privilegiando a forma como os moradores percebem a si e à sua comunidade junto aos demais.

O gênero **Notícia**, também ligado ao jornalismo informativo, caracteriza-se por ser um relato dos fatos sem comentários nem interpretação<sup>38</sup>. Fundamental em um jornal, a notícia apresenta os quês principais de um fato. Na tabela do estudo, aparece 01 vez na categoria Identidade e 06 vezes na categoria Representação Social, apontando assim como o gênero Reportagem, para uma ligação maior com essa última categoria, pois pelo fato de retratar e compartilhar conhecimentos, crenças, informações e saberes constituídos pelos moradores da Z3, permite entender no grupo social, o que uns esperam dos outros, bem como se vêem<sup>39</sup>.

O gênero **Artigo**, pertencente ao jornalismo opinativo, caracterizando-se por ser um texto que expõe opiniões, pode ser escrito não apenas por jornalistas, mas também por pessoas com conhecimento na área abordada e que podem conter comentários, análises, críticas, tendo de ser atuais e referir-se tanto ao cotidiano quanto ao momento histórico<sup>40</sup>. Aparece 01 vez na categoria Identidade, 02 vezes na categoria Representação Social e 01 vez na categoria Memória, denotando estar mais ligado nesse estudo, possivelmente pelos temas envolvidos, à categoria Representação Social, o que é compreensível dado o fato do jornal ser comunitário e dirigir-se à uma comunidade específica, cujos interesses são próprios.

---

<sup>36</sup> Piza (2003)

<sup>37</sup> Pollak (1992)

<sup>38</sup> Medina (1978)

<sup>39</sup> Moscovici (apud DUVEEN,2004).

<sup>40</sup> Marques (2003)

O gênero **Depoimento**, similar à entrevista permite que o leitor tenha uma visão de profundidade do assunto tratado, tem a finalidade de documentar fatos vividos por um indivíduo em espaços de tempos e ambientes diversos<sup>41</sup>. Pela sua perspectiva de documentar a vida dos indivíduos e de suas comunidades este gênero é, por sua idéia, o carro chefe da memória nos jornais comunitários, e na tabela dessa pesquisa, aparece 07 vezes na categoria Memória e 02 vezes na categoria Identidade.

O gênero **Colunas** são espaços, relativamente recentes, que aparecem em veículos de comunicação de massa<sup>42</sup>, redigidas por profissionais que possuem conhecimento na sua área, escrevem com certa regularidade para veículos de comunicação, produzindo textos que não possuem necessariamente o objetivo de informar. São compostas por informações e fatos breves, e rápidos comentários sobre situações que emergem no contexto social<sup>43</sup>. O gênero **coluna** aparece 03 vezes na categoria Memória e 01 vez na categoria Representação Social. Pouco frequente, nesta tabela aparece mais relacionado a produção da categoria memória.

Reafirma-se aqui, que por meio das categorias estudadas e de seu cruzamento com os gêneros e as linguagens do jornalismo, que o jornal “O Pescador” consiste em uma prática de jornalismo comunitário e social, que promove a cidadania e a inclusão social, e que ao mesmo tempo, ao registrar os fatos/acontecimentos presentes no meio social em que a comunidade se insere, torna-se um recorte, um espaço, um quadro fixo que localiza e encerra suas lembranças, plenas de identidade e representação social.

Também as fotografias se inscrevem nesta análise fazem parte da linguagem utilizada no jornalismo impresso, da narrativa impressa da vida e da trajetória dos moradores da Colônia de Pescadores Z3, em Pelotas. Por todas as imagens/fotografias distribuídas ao longo dessa dissertação é possível constatar, que ao serem compartilhadas pelos grupos e seus integrantes, elas circulam através do tempo, tornando-se um instrumento de afirmação, (re)elaboração e difusão de valores, crenças, tradições e modos de vida do grupo, pontuando a história e

---

<sup>41</sup> Lage (2006); Mateu (1998)

<sup>42</sup> Fraser Bond (1962)

<sup>43</sup> Marques de Melo (1994)

atuando como construtoras de representações que fixam identidades coletivas e individuais.

Isso ocorre, por exemplo ao registrar os momentos de conquistas da comunidade como a instalação da fábrica de gelo, a criação da cooperativa, ou as inúmeras edições da Festa dos Navegantes ou de Iemanjá, e permitir lembrar os acontecimentos passados, sejam elas produtos dos próprios integrantes da Z3 ou produtos do fotojornalismo – realizadas pelos estudantes de jornalismo, voluntários no projeto do jornal comunitário. As fotografias se transformam em narrativas individuais e coletivas, que marcam e dão continuidade a esses acontecimentos, tornando-se lugares de memória. As fotografias são fontes de informação, são históricas – enquanto perpetuação de pessoas ou momentos importantes no contexto social das comunidades:

Tendo a característica de ser associada à idéia de realidade, a fotografia permite guardar a evolução cronológica dos acontecimentos, tornando-se manifestação da memória coletiva, o que pode ser constatado nas edições do jornal coletadas para análise. Seja ilustrando um momento da rotina diária dos pescadores, ilustrando o perfil de um personagem, mostrando os lugares comuns aos zetresenses, as fotografias do jornal O Pescador são acrescidas de natureza histórica, localizam-se geograficamente, carregam um sentido. Um sentido antropológico ligado à Identidade dos Zetresenses, às Representações Sociais com que vivem e convivem, interligadas com a memória individual e coletiva do grupo.

## Considerações Finais

Ao finalizar (se isto é possível) esta etapa do trabalho, somo aos conhecimentos adquiridos no percurso a angústia de todas as possíveis probabilidades/ hipóteses, inscritas e ainda parcialmente irresolutas em minha mente. É tão vasto o campo em que se encontra o objeto de estudo, e tão rico de possibilidades, que se torna difícil separar-me dele. Por ter feito parte da minha trajetória pessoal e acadêmica, estão também ali, muitas das memórias pessoais, compartilhadas com as muitas equipes de voluntários do jornal das quais fiz parte, e com os moradores da Z3.

Também se enriqueceu minha trajetória ao conseguir num mesmo trabalho unir conhecimentos importantes para mim: o jornalismo com sua função de relatar os fatos e partilhar os acontecimentos da vida na sociedade e nas comunidades e a perspectiva de somar conhecimentos, entendendo sua complexa relação com a formação das identidades das pessoas, povoando seu imaginário e interagindo com suas representações sociais. Fazendo parte de sua história, de sua memória.

Poder acompanhar a trajetória do jornal O Pescador como um projeto de extensão que visa dar voz e visibilidade a uma comunidade com poucos recursos e entender, que apesar das dificuldades de levá-lo em frente pela falta de recursos, ora materiais, ora humanos, é uma experiência deveras enriquecedora. Poder verificar como se dá esta relação com a comunidade, uma relação que nem sempre é contínua, traz a possibilidade de lidar tanto com as alegrias quanto com conflitos resultantes. Visualizar nos textos produzidos a participação dos moradores, apesar de muitas vezes a periodicidade do jornal ficar extremamente prejudicada, os componentes dos grupos de voluntários mudarem radicalmente, mostra que existe uma identificação da comunidade com o jornal, que este é realmente importante para eles, que existe credibilidade no seu processo de produção.

O exercício de elencar o lugar estudado, encontrando sentidos da produção jornalística, confrontá-lo com a criação do jornal comunitário e extrair desta relação as categorias que demonstram o universo da identidade, memória e reprodução social, produziu uma densidade de trabalho e fortificou a metodologia escolhida, permitindo trilhar um caminho que levasse à resposta do problema proposto no início do mesmo: se o jornalismo comunitário (da comunidade) não ocupa os *lugares de*

*memória*, pode ocupar, pelo menos, espaços privilegiados no arquivamento e produção da memória contemporânea? O jornalismo, especialmente o comunitário, pode ser instrumento ou constituir fonte das Representações Sociais, Identidades e Memórias da Colônia de pescadores Z3?

Após o diálogo exaustivo com os autores da área das ciências sociais e os da área específica do jornalismo, pude, finalmente, ir fazendo recortes que permitissem identificar as relações estabelecidas entre os gêneros e a linguagem jornalística expressos nas páginas do Pescador e os conceitos de Identidade – os zetesenses se viam retratados nas suas páginas? As reportagens, os artigos, notícias e colunas privilegiavam a forma como os pescadores e suas famílias se viam? Eles se reconheciam nas muitas matérias publicadas? Pude enfim, por meio da metodologia escolhida, eleger três categorias de estudo que me pareceram fundamentais para esclarecer estas questões: Identidade Social, Representação Social e Memória.

Elas permitiram o cruzamento das informações acerca do jornalismo comunitário em que se encontram presentes as vozes dos sujeitos da comunidade, tanto nos relatos e narrativas dos textos quanto nas imagens que os ilustram, pela forma como são produzidas as informações, a partir da interação entre a comunidade e os jornalistas, mesmo quando eles ainda são estudantes e as equipes de voluntários mudam com muita frequência, os estudantes nem sempre estão devidamente motivados, e o jornal tem sérios problemas de periodicidade em algumas épocas.

Por meio da edição e seleção do material publicado e pela participação e protagonismo dos integrantes da comunidade, ele contempla sua construção de mundo e sua história passada e recente, auxilia na fixação dos sentidos e na constituição de modos de recordação e pertencimento ao grupo, retomando aquilo que para eles é 'memorável'. Está registrada, no jornal "O Pescador", a maior parte da trajetória da comunidade, por meio dos relatos e dos diferentes registros feitos a partir dos gêneros e da linguagem jornalística utilizada. A realidade vivida, suas características, problemas, soluções, mudanças e adaptações, conquistas realizadas pela interação social, constituem um universo descrito e narrado pela palavra escrita que aqui caracteriza o jornalismo comunitário, onde suas vidas são expressas nas páginas do jornal.

É interessante analisar o fato de que nesse objeto de estudo, alguns gêneros jornalísticos parecem privilegiar com maior ênfase certas categorias elencadas, o que permite afirmar que seus padrões de escrita e da linguagem jornalística utilizada, presentes no jornal comunitário “O Pescador”, estão mais associados a uma delas, privilegiando questões de identidade, representação social e memória da comunidade zetresense, assim como a quase totalidade das imagens têm relação direta com as mesmas.

Assim, o conteúdo jornalístico produzido, em seus diferentes gêneros e categorias, analisados nas diferentes tabelas, permite afirmar que o jornal está sim vinculado à história da comunidade, retratando aspectos de sua identidade e as representações sociais dos grupos de pescadores e de suas famílias, em que estão presentes elementos de sua cultura relacionados às condutas, atitudes e conhecimentos constituindo uma construção individual e coletiva, portanto pertinente à memória social daqueles indivíduos.

Com todas as limitações já mencionadas, o jornal “O Pescador” é um instrumento de comunicação comunitária que permite o compartilhamento do legado histórico dos zetresenses, valorizando as identidades, valores e raízes culturais, discutindo os problemas sociais enfrentados e buscando facilitar as relações sociais, tornando-se um repositório que mantém a memória viva e mais permanente na comunidade. O trabalho está repleto de exemplos de publicações de natureza variada como reportagens, notícias, artigos, perfis e outras, complementadas pelas imagens/ fotojornalismo, possuindo um conjunto de informações e têm relação direta com a vida dessa comunidade, resultando num somatório que traduz seu contexto histórico, seu grau de identidade e de representação social.

Portanto, o questionamento inicial desenvolvido para analisar o jornalismo comunitário ocupando os *lugares de memória* e espaços privilegiados no arquivamento e produção da memória contemporânea, foi bastante satisfatório, porque além da resposta para ele obtida, foi possível compreender em que formas jornalísticas os mesmos se apresentam. O encaminhamento da temática, que levava à idéia inicial que o jornal comunitário “O Pescador” criava um discurso verbal e visual materializado nos textos, fotografias e imagens ilustrativas das matérias, confirmou-se.

O seu poder de penetração na comunidade reflete, sem nenhuma dúvida, uma forma de memória social que constitui as identidades e representações a que aquela comunidade se vincula. O material publicado serve para auxiliar a fixação de sentidos e construção de modos de recordação no contexto sócio-cultural da Colônia Z3. Essa construção coletiva canalizada no jornal reflete a memória amalgamada através do texto difundido, revisitado e recopilado das edições sucessivas do jornal, como vimos no decorrer desta dissertação. Há sem dúvida um armazenamento de memória.

O jornal “O Pescador” constitui, em suas diversas formas textuais e linguagem jornalísticas, uma das facetas das Representações Sociais, das Identidades e da Memória da comunidade da Colônia Z3. O relato escrito demonstrou serem as vozes dos sujeitos que ali estão, apresentadas pelas diversas formas jornalísticas, as quais ilustram também as práticas do jornalismo comunitário. Nesta prática foi possível verificar como se articulam as identidades sociais e coletivas daquela comunidade. O próprio texto da dissertação ao indicar e descrever os meios de representação, identidade, e memória valorizou os relatos, histórias de vida e trabalho dos moradores da Colônia Z3.

O jornal “O Pescador” nesta dissertação relevou-se como um articulador social das idéias dos jornalistas e da comunidade, demonstrando um vínculo entre o jornalismo comunitário como produtor e re-produtor de identidades, representações sociais e memória, neste caso dos moradores da Colônia de Pescadores da Z3. Isto foi possível devido a escolha metodológica proposta que sustentou o trabalho, uma forma híbrida de investigação, criada para dar conta da complexidade que se fez sentir ao defrontar os três conceitos de aproximação supracitados, a produção jornalística comunitária e as marcantes formas de aparição com que a comunidade se fez marcar nos textos do jornal. A pesquisa exploratória e observacional, de caráter qualitativo, etnográfica e de análise de conteúdo, que serviram para destacar as categorias significantes da *Representação Social*, da *Identidade Social* e da *Memória* expressaram padrões muito claros e contundentes de memória e valorização do lugar. Neste sentido os objetivos iniciais foram contemplados no trabalho.

No entanto, é importante apontar para o fato de que este é um estudo exploratório, que não existe (pelo menos não se obteve aqui) ainda outro estudo

similar, por isso as respostas encontradas para o questionamento inicial, necessariamente não serão iguais em outros estudos. Como já afirmei antes, um pequeno recorte foi feito e respostas foram encontradas, mas há ainda muito a se pesquisar sobre tema tão vasto.

## Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.
- BAKHTIN, M. **Estética Da Criação Verbal. Os Gêneros Do Discurso**. 2ª ED. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 1997.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In BAKHTIN. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 2000.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. Obras Escolhidas. Volume I. 5. Ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993
- BELTRÃO, Luis. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- BERGER, Christa. **Proliferação da Memória – A Questão do Reavivamento do Passado na Imprensa**. In: BRAGANÇA, Aníbal e MOREIRA, Sonia Virginia (Org.) Comunicação, Acontecimento e Memória. São Paulo: Intercom, 2005.
- BERVIAN, Pedro A., CERVO, Amado L., SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. São Paulo: Person Education, 2006.
- BICUDO. Francisco; SEQUEIRA, Cleofe. **Jornalismo Comunitário. Importância, conceitos e desafios contemporâneos**. Revista PJ: BR Jornalismo Brasileiro. Dossiê: Comunitário e Popular. 2007.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source: discussão e experimentação do OhmyNews International**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo open source em busca de credibilidade**. In: Intercom – XVIII Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. Anais, 2005.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, **Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro, Brasil, 2000.

CALADO, Ana Arruda e ESTRADA, Maria Ignez Duque Estrada, **Como se faz um jornal comunitário**. Editora vozes, 1985

CASTILHO, C. **Cada cidadão é um repórter**. *Observatório da Imprensa*, 2004. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=275ENO001>>. Acesso em: 21 out. 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R.L. et al. (org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **Transmissão da experiência coletiva e Gênese das culturas**. In: *A geografia cultural*. 2ª edição. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.

CHAUÍ, Marilena Sousa. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Cortez, 2003.

COLLIS, Jill, HUSSEY, Roger. **Pesquisa em administração**. 2 ed., Porto Alegre, Bookman, 2005.

DEPRESBITERIS, Léa. **Avaliação Educacional em três atos**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1970.

DUVEEN, G.. Introdução: **O poder das idéias**. In S. Moscovici (Ed.), *Representações sociais: Investigação em Psicologia Social* (pp. 7-282). Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FERNANDES, Guilherme Moreira; LEAL, Paulo Roberto. **Folkcomunicação, identidade e diversidade: a “brasilidade” múltipla retratada no show Brasileirinho de Maria Bethânia**. In: ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Natal – RN: Intercom, 2008.

FIGUEIRA, Michel Constantino. **COLÔNIA DE PESCADORES Z3, PELOTAS – RS: da crise na pesca à expansão do turismo com base no patrimônio cultural**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, 2009. Também disponível em [http://www.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v03-01/wp-content/uploads/2012/05/FIGUEIRA.\\_Michel.dissertacao\\_2009.pdf](http://www.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v03-01/wp-content/uploads/2012/05/FIGUEIRA._Michel.dissertacao_2009.pdf) Acesso em fevereiro de 2012.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de Redação da Folha de São Paulo**. São Paulo: Editora PUBLIFOLHA, 2001.

FURLAN, Sueli Ângelo. **Ecoturismo: do sujeito ecológico ao consumidor da natureza**. In: Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites. Adyr Balastrieri (Org). São Paulo: Contexto, 2003.

FRASER BOND, F.. **O jornal: seus objetivos e conteúdo**. In: Introdução ao jornalismo. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1962. p. 173-188.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e controle social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GRZESIUK, Mariana Dourado e MÉDOLA, Ana Silvia Lopes Davi. **Jornalismo participativo, subjetividade e práticas discursivas**. Artigos Livres. UNESP - revista faac | publicação semestral | Bauru | v. 1, n.1 | p. 85-95 | abr. 2011/set. 2011. ISSN 2236-3424. Disponível no endereço: <http://www2.faac.unesp.br/revistafaac/index.php/revista/issue/view/1>

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. IN: D. JODELET (Org.) As representações sociais. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

KOSSOY, Bóris. **Os Tempos da Fotografia: O Efêmero e o Perpétuo**. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3ª Ed. São Paulo: Ateliê Editora 2002.

\_\_\_\_\_. **Mídia: imagens, ideologia e memória**. In: BRAGANÇA, Aníbal e MOREIRA, Sonia Virginia (Org.) Comunicação, Acontecimento e Memória. São Paulo: Intercom, 2005.

KOSSOY, Boris. **Estética, memória e ideologia fotográficas**: decifrando a realidade interior das imagens do passado. Acervo (Revista do Arquivo Nacional) Rio de Janeiro: v. 6, n. 1/2, jan./dez, 1993, pp. 13-24.

LAGE, Nílson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3ª ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1994.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 1ª ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LOPES, Fernanda Lima. **Identidade jornalística e memória**. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves. *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. 1986. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São. Paulo, EPU. Mcniff, Jean. 1992.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2002.

\_\_\_\_\_. **Quem manipula quem?** 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3.ed. revista e ampliada. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES, Luís Henrique. **Teoria e prática de redação em jornalismo impresso**. Bauru: Edusc, 2003.

MARTIN-BARBEIRO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito, Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MATEU, Manuel. La entrevista en televisión. In: BALSEBRE, Armand; \_\_\_\_\_; VIDAL, David. **La entrevista em radio, televisión y prensa**. Madrid: Cátedra, 1998. p. 149-244.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: Um Produto a Venda: Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial**. São Paulo. Alfa-Omega, 1978.

\_\_\_\_\_. **Entrevista o diálogo possível**. São Paulo, SP: Editora Ática, 1986.

MÉDOLA, Ana Silvia Lopes Davi e GRZESIUK, Mariana Dourado. **Jornalismo participativo, subjetividade e práticas discursivas**. *revistafaac*, Bauru, v. 1, n. 1, p. 85-95, abr./set. 2011.

MICHEL, Jerusa de Oliveira e OLIVEIRA, Leonardo Priebe de. **Pesquisa de Opinião Jornal O Pescador** - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas (RS) 1º

Lugar XIII Expocom Nacional, categoria Relações Públicas, modalidade Pesquisa de Opinião, como representante da Região Sul no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom – Santos – 2007.

MINAYO, Maria Cecília S. **O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica**. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações sociais. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **O Método - a natureza da natureza**. Trad. de Ilana Heinberg. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 3.ed. / editado em inglês por Gerard DUVEEN; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

NIEDERLE, Paulo André. GRISA, Catia. Uma Análise das Transformações no Universo Social da Pesca Artesanal do Estuário da Laguna dos Patos, RS(s/d). Disponível em <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/e14-02.pdf>. Acesso em março de 2012

NIEDERLE, Paulo André et al. **Um cenário desafiador: o impacto das políticas públicas na pesca artesanal da colônia Z3, Pelotas, RS**. In: Anais do VII Congresso de Iniciação Científica, Pelotas:UFPEL, 2004.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do antropólogo**. Brasília: Ed. da Unesp, 1998

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PERUZZO, Cicília M. K. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. Revista PCLA – Pensamento Comunicacional Latino Americano - Revista Científica Digital Volume 4 - número 1, p.1-9: dezembro 2002. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco-Umesp. Disponível em: <[www.metodista.br/unesco/pcla](http://www.metodista.br/unesco/pcla)>. Acesso em março de 2012.

\_\_\_\_\_. **Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989.

\_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992.

RIBEIRO Fernanda, REINHARDT, Aline, MICHEL, Jerusa e outros. **Jornalismo Comunitário na Colônia Z-3**, em Pelotas/RS - 1º Lugar XIII Expocom Nacional, categoria Jornalismo, modalidade Jornal Impresso, como representante da Região Sul - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom – Santos – 2007.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil. 2000.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.

RODRIGUES, Sofia. **Jornalismo versus Jornalismo cidadão**. Outubro de 2006. Não paginado. Disponível em: <<http://publicacoes-fac.blogspot.com/2006/10/jornalismo-versus-jornalismo-cidado.html>>. Acesso em agosto de 2010.

SANTOS, Antonio Raimundo. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SILVA, Mauro Antônio Pires Dias da. **As representações sociais e as dimensões éticas**. Taubaté, Cabral Editora Universitária, 1998.

SILVEIRA Fábio. **Cantos, Recantos e encantos do mar de Dentro**. (s/d) Disponível em <http://www.pelotas.com.br>. Acesso em: 05 de junho de 2012.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

SPINK Peter Kevin. **Pesquisa de Campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista**. (Versão preliminar do trabalho coordenada por Mary Jane Spink no início de 2003 no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Práticas Discursivas e Produção de Sentidos – PUC/SP) *Psicologia & Sociedade*; 15 (2): 18-42; jul./dez.2003.

SPINK, Mary Jane. (org.). **O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPINK, Mary Jane. (org) 1999 **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e história**. Lisboa: Vega, 1999.

TRAVANCAS, Isabel; FARIA, Patrícia (orgs.). **Antropologia e comunicação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WOORWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

#### **Fontes Documentais:**

Folder Turístico do Roteiro Caminhos do Pescador Artesanal. Michel Constantino Figueira e Cecília Piccinini Silveira (Org.), Pelotas, 2007.

Anais do XIII Expocom Nacional - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom – Santos – 2007.

#### **Sites:**

<http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br/> Acesso em 09/01/2012.

<http://www.ucpel.tche.br/portal/index.php?secao=noticias&id=3055%20&PHPSESSID=2d9c4> Acesso em 09/01/2012.

[www.ufpel.tche.br/pelotas/colonia.html](http://www.ufpel.tche.br/pelotas/colonia.html) Acesso em 09/01/2012.

<http://www.pelotas.com.br>. Acesso em 05 de junho de 2012

[http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf). Acesso em 30/06/2012

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/pl.htm#> Acesso em 30/06/2012.

#### **DEPOIMENTOS/ ENTREVISTAS:**

Jairo Sanguiné, Coordenador do projeto de Extensão do Jornal Comunitário “O Pescador”. Depoimento realizado em março de 2012.

Leonardo Priebe de Oliveira integrante do projeto em 2003/2005. Depoimento realizado em março de 2012.

Ana Viegas, bolsista do projeto em 2011/ 2012. Entrevista realizada com a bolsista em 04/07/2012.

## **Anexos**

### **Anexo A – Tabela Inicial de Análise (CD)**

Tomando como objeto de estudo o jornal comunitário “O Pescador”, que tem seu início no ano de 2000, com tiragem de 2.000 exemplares e distribuição gratuita, esta tabela foi tomada como base para uma pré-análise das edições impressas de 2000 a 2010, com o levantamento e seleção dos temas que se gostaria de tratar. Foram analisados um total de 42 exemplares. A partir da análise dos exemplares que compõe esta tabela foi feito o recorte que amparou este estudo.

### **Anexo B – Capas e contracapas do jornal “O Pescador” (CD)**